

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

PATRÍCIA COSTA DOS SANTOS

A QUEDA DE EVA
TRABALHO SEXUAL E MARGINALIZAÇÃO DAS MULHERES EM SÃO PAULO
(1940-1955)



GUARULHOS

2021

PATRÍCIA COSTA DOS SANTOS

A QUEDA DE EVA

**TRABALHO SEXUAL E MARGINALIZAÇÃO DAS MULHERES EM SÃO PAULO
(1940-1955)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de São Paulo como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientação: Prof. Dr. Fernando Atique.

GUARULHOS

2021

SANTOS, Patrícia Costa.

A queda de Eva: trabalho sexual e marginalização das mulheres em São Paulo (1940-1953) - Patrícia Costa dos Santos - 2021.
154f.

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em História) - Universidade Federal de São Paulo - Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Guarulhos, 2021.
Orientação: Prof. Dr. Fernando Atique.

1. Trabalho Sexual. 2. São Paulo 3. Marginalização das mulheres. 4. Urbanização.
Prof. Dr. Fernando Atique. *A queda de Eva: trabalho sexual e marginalização das mulheres em São Paulo (1940-1953)*.

PATRÍCIA COSTA DOS SANTOS
A QUEDA DE EVA: TRABALHO SEXUAL E MARGINALIZAÇÃO DAS
MULHERES EM SÃO PAULO (1940-1955)

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal de São
Paulo como requisito parcial para obtenção
do título de Licenciado em História.

Aprovação: ____/____/____

Prof. Dr. Fernando Atique
Instituição: Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

Profa. Dra. Sabrina Studart Fontenele Costa
Instituição: Escola da Cidade (EC)

Prof. Dr. Luis Antonio Coelho Ferla
Instituição: Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

AGRADECIMENTOS

A trajetória desta pesquisa se iniciou em 2017, com o primeiro contato com o tema da prostituição, a partir do livro *Putafeminista*, de Monique Prada. Este texto mudou tudo para mim, por isso, o primeiro agradecimento se endereça a autora. Por ser ex-trabalhadora sexual, Prada traz à luz questões importantíssimas sobre o tema, que despertaram a curiosidade da autora desta monografia. Agradeço também a todas as mulheres que de alguma forma lutam contra o sistema patriarcal em que vivemos, que todos os dias travam batalhas para sobreviverem.

Agradeço à matriarca de minha família, minha mãe, Rosana, que ao longo de minha vida tantas coisas me ensinou sobre liberdade, autonomia e bondade. E que mais do que isso, sempre acreditou em meu potencial e foi capaz de criar uma das redes de apoio mais importantes para mim. Uma mulher forte, que me fez perceber em primeira instância que sendo mulher, temos que lutar por nós, por todas nós, sempre.

Agradeço a meu irmão, Rogério, que desde quando eu era pequena, me apresentou a narrativas fora do contexto capitalista e patriarcal, e se hoje sigo o caminho do estudo das mulheres, muito tem a ver com as músicas, filmes e discussões realizadas entre nós. E que também sempre esteve ao meu lado, me incentivando a continuar.

Agradeço a meu companheiro, Anselmo, que achou na livraria Martins Fontes da Paulista o livro de Monique Prada, e me incentivou desde aquele momento a estudar as putas. Que tantos livros me apresentou sobre tantos temas diversos, me ajudando a ampliar o leque de discussões aqui presentes. Esteve ao meu lado a cada passo dado no percurso da escrita desta monografia com muito carinho.

Agradeço a Duda Ferrarini e Crystal, duas trabalhadoras sexuais que tive a honra de entrevistar neste conturbado ano de 2021. Muitas coisas me ensinaram estas mulheres sobre a profissão, muitos paradigmas foram rompidos em nossas conversas, e foi um imenso prazer realizar essa troca.

Agradeço, por fim, mas nunca menos importante, a todas(os) as(os) professoras(es) da Unifesp, em especial o orientador deste trabalho, Prof. Dr. Fernando Atique, que abraçou a minha ideia e nunca deixou de atender às minhas necessidades de quase pesquisadora. Além disso, ao longo dos meses em que passamos nesta saga, teve grande sensibilidade com os percalços de uma pandemia mundial, e nunca deixou de acreditar que seria possível a efetivação deste trabalho, que se hoje se conclui, muito de sua persistência e habilidade como orientador foram necessários.

RESUMO

Esta monografia visa contribuir com os estudos acadêmicos acerca da história da prostituição na cidade de São Paulo, a partir da análise das representações midiáticas sobre as meretrizes da Zona do Baixo Meretrício, sita no bairro do Bom Retiro, entre os anos de 1940 e 1953 – abertura da Zona, e fechamento da mesma. Debruçando-nos sobre a imprensa produzida na Pauliceia no recorte temporal apresentado, foi possível vislumbrar a violência policial caracterizada principalmente pela Delegacia de Costumes e Jogos contra as putas, o discurso cristão sobre o salvamento das marafonas, assim como entender as maneiras pelas quais o processo de urbanização da capital transformara o cotidiano de trabalho das mesmas. Além da fonte imprensa, relatos de prostitutas, como Monique Prada, Gabriela Leite, Duda Ferrarini e Crystal serviram de base para abordar o tema, sendo muito importantes para a compreensão do trabalho sexual a partir de mulheres que vivenciaram ou vivenciam tal experiência.

Palavras-chave: 1. Trabalho Sexual. 2. São Paulo 3. Marginalização das mulheres. 4. Urbanização.

ABSTRACT

This monograph aims to contribute to academic studies on the history of prostitution in the city of São Paulo, from the analysis of media representations of the prostitutes in the Baixo Meretrício Zone, located in the Bom Retiro neighborhood, between 1940 and 1953 - opening the Zone, and its closure. Leaning on the press produced in Pauliceia in the time frame presented, it was possible to glimpse the police violence characterized mainly by the Customs and Games Police Department against prostitutes, the Christian discourse on the rescue of the so called *marafonas* and the ways in which the urbanization process of capital had transformed their daily work. In addition to the press source, oral reports by prostitutes such as Monique Prada, Gabriela Leite, Duda Ferrarini and Crystal served as a basis for addressing the topic, what was very important for the comprehension of sex work from women who have experienced or are experiencing such an experience.

Key words: 1. Sex Work. 2. São Paulo. 3. Marginalization of woman. 4. Urbanization.

Índice de Siglas

ANPROSEX: Articulação Nacional de Profissionais do Sexo

DIP: Departamento de Imprensa e Propaganda

DNC: Departamento Nacional da Criança

Sumário

Introdução	12
Capítulo 1	27
Corpos de mulheres: discursos científicos e consequências na vida das trabalhadoras sexuais.	27
1.1 - Teorias raciais: reverberações no Brasil.....	27
1.2 - Medicina da mulher: o controle dos corpos de prostitutas na Pauliceia	38
1.3 - Delegacia de Costumes e Jogos	44
Capítulo 2	49
“Mercadoras do amor”: a construção de uma moral urbana	49
2.1 Prostituição: uma questão de profilaxia social	49
2.2 Clientela e violência	59
2.3 Instituições pelo fim do comércio do sexo.....	65
Capítulo 3	79
Regeneração da urbe e marginalização espacial das trabalhadoras sexuais	79
3.1 Urbanização e o nascimento da metrópole.....	79
3.2 Zona do Baixo Meretrício: questão urbana e características espaciais e sociais	87
3.3 IV Centenário e deslocamentos do comércio do prazer.....	95
Considerações finais	103
Fontes e bibliografia	106
Fontes	106
Bibliografia	106
Anexos	110
Anexos I – Entrevistas de Duda Ferrarini e Crystal	110

Introdução

*Mal magnífico, prazer funesto, venenosa e traiçoeira, a mulher era acusada pelo outro sexo de ter introduzido sobre a terra o pecado, a infelicidade e a morte. Pandora grega ou Eva judaica, a mulher cometera o pecado original.*¹

Putá, marafona, mariposa, decaída, meretriz, prostituta, mulher de vida fácil, garota de programa, *webquenga*, trabalhadora sexual; os nomes são muitos. Para o movimento de prostitutas ligadas a ANPROSEX², o mais adequado é trabalhadora sexual, já que “ele lembra que eu sou uma trabalhadora, que as minhas companheiras são trabalhadoras, e que o trabalho sexual é trabalho.”³ Para Gabriela Leite⁴, o nome adequado é prostituta:

Eu tomei a palavra [e disse]: “eu estou muito feliz de estar aqui, mas queria fazer uma correção à minha colega equatoriana. Queria dizer que o nome da nossa rede é Rede Brasileira de **Prostitutas** e que nós gostamos que nossa rede seja chamada dessa maneira, portanto, toda vez que for falar da Rede Brasileira de Prostitutas, tem que falar Rede Brasileira de Prostitutas. “**Porque nós gostamos muito de ser chamadas de prostitutas**” eu fiquei repetindo, repetindo, repetindo... **fiquei puta**⁵ (*grifos meus*).

Durante este trabalho, oscilarei na nomenclatura da profissão, pois tenho como bases bibliográficas duas mulheres que foram prostitutas e que acreditam na eficiência de nomes diferentes. Gabriela Leite, como citado no texto, achava prostituta o nome mais eficiente; Monique Prada chama de trabalho sexual. Sendo as duas hipóteses válidas, revezo entre elas.

¹ PRIORE, Mary Del. **Sobreviventes e Guerreiras**: Uma breve história da mulher no Brasil de 1500 a 2000. São Paulo: Editora Planeta, 2020. p. 18.

² Articulação Nacional de Profissionais do Sexo, criada em 2016 “objetiva assegurar a descriminalização do trabalho sexual - desde que exercido por escolha própria e por maiores de dezoito anos -, bem como propagar ações de saúde, assistência, *transversalizando* o controle social no enfrentamento às IST/AIDS e HV; Além da garantia dos direitos humanos relacionados à Cidadania e Direitos Sexuais da população de profissionais do sexo no Brasil.” Informações retiradas de <http://www.redtralsex.org/-Brasil-ANPROSEX->. Acesso em 27/07/2021 às 23:45h.

³ FERRARINI, Duda. **A mulher do asfalto**. [Entrevista concedida a] COSTA, Patrícia. São Paulo: maio de 2021. p. 1. (Entrevista na íntegra em Anexos I).

⁴ Prostituta, escritora, intelectual, criadora da Daspu, militante pelos direitos das trabalhadoras sexuais, Gabriela Leite (1951-2013) discute em seu livro *Filha, mãe, avó e puta: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta* (2008) questões como a nomenclatura da profissão, dificuldades enfrentadas em seus meios de sociabilidade, causas da profissão, dentre outras interessantes ideias.

⁵ LEITE, Gabriela. **Filha, mãe, avó e puta**: A história de uma mulher que decidiu ser prostituta. São Paulo: Editora Objetiva, 2009. p. 134.

*



Figura 1 - "SÓ CADEIA NÃO RESOLVE - Eis um grupo de decaídas numa cela do D.I." *Diário da Noite*, 8 mar. 1955, p. 1⁶

Na primeira imagem reproduzida neste trabalho, vê-se muitas mulheres atrás das grades. Percebe-se que o espaço é demasiado pequeno para a quantidade de pessoas ali. Essas mulheres, prostitutas que foram presas pela *Delegacia de Costumes e Jogos*⁷, "levadas ao desespero pelo fato de serem atiradas aos montes em xadrezes que onde cabem 10 são postas 60 ou 70, passam essas marginais a promover toda sorte de estrepolias."⁸

O *Diário da Noite*⁹, jornal que vinculou variadas notícias sobre o submundo da cidade, denomina as trabalhadoras sexuais como *marginais*, além de relatar a precariedade das celas onde essas mulheres eram *atiradas*. Essa fotografia, e o fato de putas serem presas mesmo que prostituir-se não fosse crime, revela uma instância sobre ser mulher e ser prostituta em nossa sociedade: o estigma de puta, que relega

⁶ Imagem disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093351&Pesq=%22decaidas%22&pagfis=34302>. Acesso em 27/07/2021 às 23:23h.

⁷ A Delegacia de Costumes fora criada em 1924, com o objetivo de conter a disseminação de vícios como jogos ilícitos e dos maus costumes, como a vagabundagem e a prostituição. No Capítulo 1, mais detalhes serão discutidos sobre a Delegacia especializada.

⁸ GUIMARÃES, Almir. **Solta-e-prende que não resolve o grave problema do meretrício.** *Diário da Noite*, São Paulo, 8 mar. 1955, p. 2. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093351&Pesq=%22decaidas%22&pagfis=34303>

⁹ Jornal fundado no Rio de Janeiro e em São Paulo em 1929 por Assis Chateaubriand. De grande influência, dentre seus feitos, apoiou a candidatura de Getúlio Vargas em 1930 e assim como vinculou inúmeras matérias sobre o submundo da cidade de São Paulo.

essas mulheres à marginalidade social e política, posto que não têm direitos estabelecidos, ficando à mercê de uma Delegacia que as prende mesmo que não cometam crimes.

O estigma de puta, que é discutido por Monique Prada em *Putafeminista*, e vivenciado não só por trabalhadoras sexuais, mas também por todas as mulheres de diferentes formas e forças¹⁰, é uma construção do Estado patriarcal, e fora perpetuado pela imprensa e pelos discursos médico, jurídico e estatal. A disseminação da concepção de uma sexualidade feminina inventada majoritariamente por homens, nos condena a caminhar em uma corda bamba, que nos dicotomiza entre mulher “boa” e mulher “má”.

Ainda que as mulheres possam ocupar, na sociedade contemporânea, outros espaços que não o de esposa ou prostituta, podendo exercer uma série de outras atividades, vamos perceber que essa linha tênue que **nos separa entre “boas” e “más”** segue existindo. O **estigma de puta**, renovado a cada geração, **delimita os espaços que podemos ocupar sem risco de violência física e desgraça pública**. A verdade é que nem ser esposa nem ser prostituta garante às mulheres alguma felicidade e segurança na sociedade em que vivemos. **Uma sociedade que ama a prostituição e odeia as prostitutas**, que apresenta o lugar da puta como o pior que pode ser ocupado por uma mulher e que, para torna-lo ainda pior, violenta diariamente as prostitutas¹¹ (*grifos meus*).

Essas mulheres que tanto são odiadas pela sociedade, como comenta Monique Prada, têm histórias, e além disso, fazem parte da construção histórica de nossa sociedade. Porém, estudos acadêmicos que se debruçam sobre a história da prostituição em São Paulo ainda são muito precários, e a academia parece negar-se, muitas vezes, a ouvir essas vozes.

A ideia de Estado patriarcal aparece em livro escrito por Gerda Lerner, *A criação do Patriarcado*, e tem como base a família patriarcal, que é chefiada por um homem e que exerce poder perante o restante da família, e “a família patriarcal, que

¹⁰ “E acho que puta é uma palavra que precisa ser subvertida mesmo, porque puta ela tem uma carga histórica muito grande pra gente deixar de lado e falar “não, essa palavra tá proibida”. Eu acho que ela é mais do que sobre o trabalho sexual, ela também é sobre mulher. É sobre ser mulher, é sobre sexualidade. Então acho que puta não pode ser deixada pra trás.” Essa fala é de Crystal, uma trabalhadora sexual entrevistada por mim, e revela que a palavra “puta” é um estigma vivenciado por todas as mulheres. *IN: CRYSTAL. Webquenga: o cotidiano de uma Cam Girl. [Entrevista concedida a] COSTA, Patrícia. São Paulo: maio de 2021. p. 4. (Entrevista na íntegra em Anexos I)*

¹¹ PRADA, Monique. *Putafeminista*. São Paulo: Veneta, 2018. p. 77.

expressava e criava de modo incessante suas regras e valores. Vimos como definições de gênero afetaram integralmente a formação do Estado.”¹²

A conformação social em que vivemos hoje criou um espectro sobre as sexualidades femininas, principalmente a partir de narrativas cristãs, que fixaram em nós o pecado original, cometido por Eva no paraíso; diante disso, como poderia ser diferente a vida das trabalhadoras sexuais? Porém, em sociedades pré-cristãs, as mulheres já estavam à mercê da exploração e opressão sexual pelos homens e “para as mulheres, **exploração sexual** é a própria marca da **exploração de classe**”¹³ (*grifos meus*).

Se, para as mulheres, sua sexualidade fora negada, existe na sociedade moderna uma inquietude sobre o sexo. No século XVIII, os discursos sobre o tema se produziram em grande escala, principalmente através da confissão na religião cristã; esses discursos seriam moldados da forma que fosse mais conveniente à sociedade do período, e produziam efeitos de repressão sobre o que se poderia ou não dizer:

A pastoral cristã procurava produzir efeitos específicos sobre o desejo, pelo simples fato de colocá-lo integral e aplicadamente em discurso: efeitos de domínio e de desinteresse, sem dúvida, mas também efeito de reconversão espiritual, de retorno a Deus, efeito físico de dores bem-aventuradas por sentir no seu corpo as ferroadas da tentação e o amor que lhe resiste.¹⁴

Se aos homens foram incitados os discursos sobre o sexo, para de alguma maneira controlá-los, para as mulheres o efeito fora muito mais evidente e problemático, uma vez que a nós está o encargo de reproduzir, gerando em nossos ventres os novos filhos da nação, e para isso, deveríamos nós manter-nos no matrimônio sagrado e reprimir qualquer prazer e desejo que pudéssemos ter.

Esse estigma de puta que todas as mulheres carregam está inteiramente relacionado a esse percurso da sexualidade, que o poder institucional da Igreja e do Estado controlam e ditam o que é ou não moral no sexo. Em 1976, Shere Hite¹⁵

¹² LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: História da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Editora Cultrix, 2019. p. 261.

¹³ Ibid, p. 264.

¹⁴ FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2014. p. 25.

¹⁵ Shere Hite (1942-2020) fez doutorado no departamento de História da Universidade de Columbia e autora do questionário que serviu de base para a composição de seu relatório sobre a sexualidade

publicara *O Relatório Hite: um profundo estudo sobre a sexualidade feminina* – traduzido para o português em 1978; o livro foi escrito a partir de entrevistas realizadas pela autora com inúmeras mulheres, que relataram as suas experiências sexuais com detalhamento incrível, e é considerado o primeiro estudo sobre a sexualidade das mulheres, realizado por uma mulher e que coletou informações de mulheres.

Ademais, outros aspectos muito relevantes sobre a sexualidade das mulheres, a discussão sobre o orgasmo realizada por Hite traz à tona um ponto de suma importância para compreendermos as motivações da repressão contra a prostituição, e reforça a ideia de Monique Prada, de que nossa sociedade ama a prostituição, mas odeia as prostitutas:

Os orgasmos são importantes para as mulheres? Embora a resposta mais evidente pareça ser sim, a resposta mais comum tem sido a de que as mulheres não *precisam* de orgasmos, ao menos não na mesma intensidade que os homens. Diz-se que os nossos orgasmos não são tão intensos nem tão prazerosos quanto os deles. Uma mulher conseguiu traduzir perfeitamente este clima quando escreveu, “Quem disse que o orgasmo não é importante para a mulher foi sem dúvida um homem. O sexo, quando é bom, expressa amor, descontração, abandono, e mais, puro prazer físico.”¹⁶

O orgasmo feminino, que segundo uma visão masculina é dispensável, em conjunto com códigos de controle sobre a sexualidade feminina por motivos cristãos, é a trabalhadora sexual uma mulher desprezível e suja aos olhos da sociedade em que vivemos. Isso se dá, talvez, pelo fato de a trabalhadora sexual oferecer o que há de sagrado na mulher para àquele que pague por isso, sem nenhum tipo de mediação de pressupostos que condenam o uso da sexualidade para fins que não a reprodução.

A prostituição é realizada de várias formas, tanto em locais de classes mais abastadas, em festas privadas e casas noturnas em bairros elitizados, quanto na rua ou em hotéis pequenos e com vários quartos, com um público-alvo diferente, para classes menos abastadas, majoritariamente a classe trabalhadora; afinal, não há classe social que não usufrua desta profissão. A modalidade da rua é chamada de *trottoir* (do francês, calçada), quando as trabalhadoras sexuais ficam nas ruas a captar

feminina. Autora da obra revolucionária que demonstrou, a partir de entrevistas realizadas com mais de três mil mulheres, que o prazer feminino pode ser alcançado sem a figura do homem, por exemplo.

¹⁶ HITE, Shere. **O Relatório Hite: um profundo estudo sobre a sexualidade feminina**. Rio de Janeiro/São Paulo: Difusão Editorial S/A, 1978, 3ª Edição. p. 62

seus clientes – muito comum na chamada Boca do Lixo¹⁷, que se formou com o fim da Zona do Baixo Meretrício. Na Zona do Baixo Meretrício¹⁸ – e é sobre este local que este trabalho se debruça – a modalidade mais comum era realizada em casas de tolerância, coordenadas por uma caftina ou cáften (aquelas/es que exploram o comércio do prazer).

A história urbana da Pauliceia se entrelaça à geografia do prazer, quando remodelações urbanas tendiam a construir uma cidade moderna e digna de ser metrópole, áreas de prostituição foram remodeladas para que ganhassem novas ocupações, e um movimento de marginalização de inúmeras populações fora concretizado a partir de obras urbanísticas, como veremos nos próximos capítulos.

A partir da década de 1920, é possível visualizar, na cidade de São Paulo, a especialização dos espaços, como discute a professora Sarah Feldman¹⁹ em sua dissertação de mestrado *Segregações espaciais urbanas: a territorialização da prostituição feminina em São Paulo* (1988). Ou seja, isso significa que áreas específicas eram destinadas a atividades específicas; antes, as classes sociais se misturavam no espaço físico da cidade, e havia uma maior fluidez nas relações, por

¹⁷ Em 1953, a Zona do Baixo Meretrício é fechada. As marafonas, expulsas dos seus locais de trabalho, pela Polícia de Costumes, em um embate em fins do ano, se espalharam pela cidade. Voltando às zonas centrais, que desde 1940 era área proibida para as trabalhadoras, essas mulheres vão ocupando ruas como Aurora, Victoria e adjacências. Aos poucos, um quadrilátero partindo dessas ruas foi se formando, com a presença marcada por um submundo ocupado pelos excluídos da sociedade. O Chamado Quadrilátero do pecado ou Boca do Lixo, se transformou como que em uma zona de prostituição para as classes trabalhadoras. Em fins do Capítulo 3, mais detalhes sobre o local são levantados. Para mais informações sobre o tema consultar RIZZO, Paula Karine. **O quadrilátero do pecado**: A formação da boca do lixo em São Paulo na década de 1950. Dissertação (Mestrado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo, 2017.

¹⁸ Mais detalhes sobre a Zona do Baixo Meretrício são discutidos no Capítulo 3.

¹⁹ É professora Livre Docente no Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Instituto de Arquitetura e Urbanismo USP/São Carlos. Seus temas de pesquisas principais são Instituições de urbanismo, legislação urbanística, bairros centrais- urbanização, metropolização e construção de territórios. Informações retiradas de <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4761687Y0>. Acesso em 30/04/2021 as 00:17h.

assim dizer, como também discute Margareth Rago²⁰ em *Os prazeres da noite*.²¹ A partir dos anos 1920, essa estruturação começa a se alterar, e um processo de exclusão e aprisionamento das classes sociais mais baixas em territórios específicos e delimitados da cidade entre em curso.

Já a São Paulo da década 1940 se via, ainda, em um emaranhado de processos importantes e que modificaram as relações sociais, econômicas e culturais daquelas/es que ali viviam, como a industrialização e urbanização intensa, por exemplo. Imersa em uma política autoritária e conservadora²², tais fenômenos atingiram o cerne das relações urbanas, principalmente no que toca às populações menos abastadas, que teriam seus espaços de circulação delimitados – e para isso, o uso da violência policial era recorrente.

No afã de alterar profundamente os usos e ocupações da região central, em 1940, é decretada a criação de uma Zona de confinamento da prostituição, pelo então interventor Adhemar de Barros. Para isso, como sabemos, foi escolhido o bairro do Bom Retiro, mais especificamente as ruas Itaboca (atualmente rua Prof. Cesare Lombroso) e Aimorés: “Surge, portanto, um território de prostituição composto exclusivamente por casas de tolerância, sob constante vigilância policial e sanitária, que perdura até 1953”.²³

²⁰ Luzia Margareth Rago é formada em História e Filosofia pela USP e desde 2003 é professora titular na UNICAMP, e em 2015 aposentou-se, tornando-se professora colaboradora na mesma Universidade. Sua linha de pesquisa está relacionada com a história da prostituição em São Paulo, feminismo e gênero, dentre outros estudos. É uma referência de suma importância para compreender a história da prostituição. Informações retiradas de <https://bv.fapesp.br/pt/pesquisador/86670/luzia-margareth-rago/>. Acesso em 27/07/2021 às 22:55h.

²¹ RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). São Paulo: Editora Paz & Terra, 2008 (2ª edição).

²² Entre os anos de 1937-1945 o Brasil passou pelo que chamamos de Estado Novo varguista. Um período autoritário e conservador que teve como uma das chaves principais a repressão aos meios de comunicação de massa, assim como o uso da força para coibir as oposições. Para mais informações, ver BOECKEL, C. **História e Propaganda política**: A construção da imagem de Getúlio Vargas (1930-1945). Monografia (Graduação em Comunicação Social), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

²³ FELDMAN, Sarah. **Segregações espaciais urbanas**: A territorialização da prostituição feminina em São Paulo. Dissertação de mestrado, FAU/USP (1988). p. 23

A temporalidade do funcionamento da Zona do Baixo Meretrício, sita no bairro do Bom Retiro, entre os anos de 1940-1953, é um dos marcos da história da prostituição na capital, se fazendo importante o reconhecimento das representações das trabalhadoras sexuais que ocuparam as ruas da Pauliceia. Acompanhar o desenrolar da existência de um espaço especializado e ultra controlado (a Zona) pela *Delegacia de Costumes e Jogos*, em articulação com as modificações urbanas que coexistiram a este processo é o que se pretende neste trabalho.

A escolha do bairro do Bom Retiro, assim como o momento de criação da Zona do Baixo Meretrício, se aproxima das discussões anteriores, já que se concretiza para que a higienização do centro da cidade, agora em processo de enobrecimento urbano, fosse possível. Ao passo que não longe estariam as prostitutas de sua clientela, que em suma eram proletários advindos de fábricas, ou que utilizavam a linha férrea para seus percursos diários pela Sorocabana, por exemplo. Isso se dá, pois, como discute Sarah Feldman em sua dissertação de mestrado aqui citada, nas proximidades do rio Tamandateí; o bairro é uma várzea, que enche; os terrenos eram baratos e a elite não se interessava pelo local. Ou seja: um território sem atrativos, quase desprezível aos olhos da administração municipal em sua tecnicidade espaço-moralista.

A prostituição é relegada aos bairros mais pobres, distanciando a prática das famílias mais abastadas, mas preenchendo a vida e o cotidiano das famílias pobres com tais vivências. E pelas características geográfico-físicas do bairro, a polícia poderia controlar aqueles que ali circulavam com mais facilidade, que de certa forma, através de linhas férreas e grandes muros - geralmente que abrigavam uma fábrica em seu interior -, a vigilância quase que onipresente da polícia se fez no local, que inclusive fichava as prostitutas.

Evidências destes processos de marginalização da prostituição aparecem na imprensa paulistana produzida entre os anos de 1940-1953, e é partir dessas publicações que este trabalho analisa a situação das putas, no que tange as violências sofridas por elas, de que modo a urbanização de São Paulo – mais especificamente os Planos de remodelações de Francisco Prestes Maia –, e as formas de representações da imprensa sobre essas mulheres.

A organização da imprensa no Brasil, em 1808, com a criação de *A Gazeta do Rio de Janeiro*, – ou, por outra perspectiva histórica, mais colonialista, talvez, com a

criação, meses antes, do *Correio Braziliense*, com tiragem em Londres e distribuição no Brasil – abriu espaço para certa popularização do acesso à informação, mesmo que o acesso à leitura ainda fosse precário naquele momento.

De suma importância para o desenvolvimento cultural, e valiosa no que compete à divulgação de sensações e experiências diversas e controversias, a imprensa, desde sua criação até os dias atuais, é majoritariamente controlada pela elite nacional, e “as tensões e articulações entre a cultura letrada [...] e a oralidade constituem dimensão fundamental da formação das culturas urbanas e das relações de poder na cidade moderna.”²⁴ Além disso, ao longo do século XX, a imprensa nacional passou por momentos de intensa repressão, como nos anos de funcionamento do *Departamento de Imprensa e Propaganda* (1939-1945), ou nos anos da Ditadura Militar (1964-1985).

As dimensões em que se apresentava a imprensa entre os anos 1940-1945 (primeiros cinco anos aqui discutidos) eram adversas. O *Departamento de Imprensa e Propaganda* (DIP), criado em 1939, período estadonovista de Vargas, para censurar os meios de comunicação como o teatro, cinema, e a imprensa, estava em pleno funcionamento, e os jornais produzidos eram intensamente controlados de perto por um censor. Nos anos seguintes, até 1955, a imprensa se encontrava mais livre, mas isso não significa que não estava entrelaçada a visões elitizadas e masculinas, como será possível visualizar a partir das representações das prostitutas nas páginas dos jornais *Correio Paulistano*²⁵ e *Diário da Noite*.

Contudo, a importância da abrangência e disseminação de informações através do crescimento da imprensa, assim como a maior quantidade de pessoas que tinham acesso à informação não pode ser descartado, como sugere Cruz:

Independente das reclamações da própria imprensa e das elites intelectuais paulistanas sobre as dificuldades de difundir as práticas da leitura, de

²⁴ CRUZ, Heloisa de Faria. **São Paulo em papel e tinta** – Periodismo e vida urbana (1890/1915). São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2013, p.30.

²⁵ Lançado em 1854 por Joaquim Roberto de Azevedo Marques e tinha como redator Pedro Taques de Almeida Alvim. Era vinculado ao PRP e reportava os ideais oligárquicos. No período varguista se tornou um jornal de oposição ao seu governo, ainda vinculado ao Partido Republicano. Informações retiradas de <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/correio-paulistano>. Acesso em 27/07/2021 às 23:53h.

encontrar 'o homem que lê', o processo de expansão do público leitor é inegável.²⁶

Dito isso, a imprensa criou – generalizadamente – personagens, vendeu propostas como democráticas e modernizadoras – que, se analisadas a fundo, contemplavam uma minoria da população – e despertou posições e verdades absolutas, as quais formaram - ao passo que a cultura letrada foi se alastrando pelo território nacional - o que hoje chamamos de informação massificada e de pouca criticidade e reflexão, por conta do controle midiático por uma elite, como dito acima, que fazia pulsar nos jornais e revistas seus ideais e estilo de vida, contribuindo tanto para o aumento do consumo capitalista – enquanto criava tensões de classe movidas por status financeiro – como servindo de desinformação, muitas vezes, para classes menos abastadas.

Mesmo que controlada e reprimida, como exposto, a imprensa refletia realidades que fazem parte da história. Demonstrem as manipulações que estavam ali articuladas, possibilita uma visão sobre os agentes históricos envolvidos, e, como geralmente responde às necessidades de quem as controla, permite-nos reconhecer os mecanismos os quais são usados para a persuasão. Como mostrou Fernando Atique,

Embora as fontes “de periodismo” sejam autônomas em suas implicações, são, também, ótimos “termômetros” do ambiente social em que foram publicadas, levando-nos a perceber, além, os condicionantes que deflagraram pautas, argumentos e espaços nas páginas de notícias.²⁷

Nesta breve apresentação da imprensa no Brasil, é possível notar sua importância em campos como política, economia, cultura, arte, e também no que concerne à relevância da imprensa e o seu poder de persuasão, contribuindo, assim, para a disseminação do estigma de puta, acima discutido, além de outros paradigmas que serão discutidos ao longo dos capítulos.

²⁶ CRUZ, Heloisa de Faria. **São Paulo em papel e tinta** – Periodismo e vida urbana (1890/1915). São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2013, p. 85.

²⁷ ATIQUE, Fernando. **A midiatização da (não) preservação**: reflexões metodológicas sobre sociedade, periodismo e internet a propósito da demolição do Palácio Monroe. *Anais Do Museu Paulista: História E Cultura Material*, 24(3), 2016, 149-175. <https://doi.org/10.1590/1982-02672016v24n0306>

No primeiro capítulo desta monografia, *Corpos de mulheres: discursos científicos e consequências na vida das trabalhadoras sexuais*, dividido em três subpartes pretende-se demonstrar de quais maneiras as teorias de eugenia contribuíram para a formação da medicina da mulher, e por fim, as reverberações na vida da mulher prostituta. A primeira subparte, chamada *Teorias raciais: reverberações no Brasil*, discute a chegada das teorias de raça e de eugenia, que foram constituídas na Europa e que reverberaram no Brasil em fins do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Na segunda subparte, *Medicina da mulher: o controle dos corpos de prostitutas na Pauliceia*, tratamos do desenvolvimento da ginecologia e obstetrícia em fins do século XIX, e nos discursos eugênicos que serviram de referência para o avanço da medicina da mulher. E por fim, na terceira subparte do Capítulo 1, chamada *Delegacia de Costumes e Jogos*, traçamos uma relação entre os discursos eugênicos no Brasil, a atuação da polícia de Costumes na Zona do Baixo Meretrício, controlando diretamente os corpos das mulheres que exerciam a prostituição.

As fontes utilizadas no Capítulo 1 são publicações de jornais produzidos na cidade de São Paulo entre 1940 e 1953, disponíveis no acervo da *Biblioteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional*²⁸, além das seguintes bibliografias de apoio: Lilia Moritz Schwarcz, com *O espetáculo das raças* (2020) e Luis A. C. Ferla, com *Feios, sujos e malvados sob medida* (2005), para a compreensão de discursos eugênicos e a chegada no Brasil de tais teorias; Gerda Lerner, *A criação do patriarcado* (2019), para uma breve introdução sobre a repressão da sexualidade das mulheres ao longo da história, que é trazida com ricos detalhes pela autora, em um grande estudo sobre a repressão das mulheres pelos homens; Margareth Rago, com *Os prazeres da noite* (2008), para corroborar a ideia, que aparece nas páginas dos jornais, de que as prostitutas sofreram grandes consequências cotidianas dos discursos eugênicos e da repressão da sexualidade das mulheres. Confluindo-se, por fim, na ação repressiva da Polícia de Costumes, e da violência que sofriam as trabalhadoras sexuais.

O Capítulo 2, *“Mercadoras do amor”*: a construção de uma moral urbana, também dividido em três subpartes – como todos os capítulos desta monografia –, tem por objetivo trazer à tona eixos de repressão contra a trabalhadora sexual, através das representações da imprensa sobre tais eventos. A partir das pesquisas realizadas

²⁸ O acervo online conta com inúmeros exemplares de jornais e revistas produzidos em várias regiões do Brasil, do século XIX e XX. Disponível em <http://bndigital.bn.gov.br/sobre-a-bndigital/>

na imprensa da Pauliceia, pudemos concluir que algumas forças foram muito influentes no que toca a marginalização do baixo meretrício na cidade. As fontes primárias deste capítulo são a imprensa e entrevistas concedidas a mim por trabalhadoras sexuais (em *Anexos I* na íntegra). Na primeira subparte, chamada *Prostituição: uma questão de profilaxia social*, é possível compreender, a partir das fontes primárias e de bibliografia complementar que a prostituição fora associada a doenças venéreas e a *degeneração da raça*. Além disso, mapas produzidos pela autora materializam alguns espaços urbanos relevantes para a discussão. Em *Clientela e violência*, a segunda subparte do Capítulo 2, histórias de prostitutas que sofrerem algum tipo de violência por parte de seu cliente, e algumas dessas histórias contam sobre assassinatos de mulheres. Como fonte nesta parte também se acrescenta entrevistas realizadas por mim com duas trabalhadoras sexuais, no ano de 2021, sobre suas profissões e paradigmas enfrentados por elas. Por fim, na última subparte deste Capítulo, *Instituições pelo fim do comércio do sexo*, vê-se que a Igreja Católica, o *Serviço Social* e a ação policial exerciam algum tipo de poder sobre a vida das trabalhadoras sexuais, deflagrando violências que marcam a existência das mulheres até os dias de hoje.

A bibliografia utilizada no Capítulo 2, compreende: Guido Fonseca com *História da prostituição em São Paulo* (1982), e Margareth Rago (2008) para entender os processos que modificaram as dinâmicas da prostituição em São Paulo nos períodos anteriores a 1940, assim como a criação da Zona do Baixo Meretrício; Hiroito Joanides, com *Boca do Lixo* (2003) e Liziane Mangili, com *Transformações e permanências no bairro do Bom Retiro, SP* (2009) para visualizar as movimentações das ruas da Zona, primeiro por um relato e segundo por um estudo acadêmico; O relato de Amara Moira *E se eu fosse pura?* (2016) Sobre sua experiência na prostituição.

No terceiro e último capítulo, chamado *Regeneração da urbe e marginalização espacial das trabalhadoras sexuais*, uma associação entre a urbanização em São Paulo, mais especificamente o Plano de Avenidas de Prestes Maia e a marginalização das meretrizes. Além disso, as comemorações do IV Centenário de São Paulo podem ter contribuído para, em 1953, às pressas, a Zona do Baixo Meretrício ter sido fechada, prejudicando as trabalhadoras do sexo, que ficaram desempregadas e muitas delas, sem residência. Na subparte um, *Urbanização e o nascimento da metrópole*, um

resumo do cenário urbano e das modificações decorrentes, também, da acelerada industrialização da cidade, que em poucos anos, teve um crescimento considerável. Na subparte 2, chamada *Zona do Baixo Meretrício: questão urbana e características espaciais e sociais*, a Zona será descrita para que de alguma forma possamos visualizá-la. Não só visualizá-la em termos espaciais, mas também compreender as forças que ali imperavam, e que as remodelações na cidade, destruindo cortiços e desapropriando um grande número de pessoas, também adentrou esse bairro. Por fim, na última subparte, *IV Centenário e deslocamentos do comércio do prazer*, elementos que demonstram as tentativas de São Paulo para se transformar em uma metrópole aceitável para norte-americanos e europeus, que viriam participar dos festejos na Pauliceia. E que os deslocamentos advindos do fechamento da Zona, meses antes dos festejos se iniciarem, culminaram, na década de 1950, na criação da Boca do Lixo.

A bibliografia utilizada foi: Marisa Carpintéro, com *Tempo e história no Plano de Avenidas* (2013), e Richard Morse, com *De comunidade a metrópole: biografia de São Paulo*. (1954), para compreender as mudanças tamanhas que fizeram São Paulo se transformar em uma metrópole, em consonância com os Planos de Prestes Maia. Sarah Feldman, com *Segregações espaciais urbanas: a territorialização da prostituição feminina em São Paulo* (1988), e Guido Fonseca, com *História da prostituição em São Paulo* (1982), pois ambos nos fornecem informações importantes sobre as movimentações espaciais da prostituição na cidade, sendo assim, é possível vislumbrar algumas facetas do patriarcado. Por fim, Raquel Rolnik, *Territórios em conflito* (2017) e novamente Hiroito com *Boca do Lixo*, na tentativa de discutir os impactos das remodelações da cidade na vida das trabalhadoras do sexo, como o próprio fechamento da Zona, e logo após, a formação da Boca do Lixo, deslocada para a região central da cidade, entre as ruas Victoria e adjacências.

Esta pesquisa é realizada na tentativa de ampliar as discussões sobre a história da prostituição nas Universidades, além de debruçar-se sobre um período (o funcionamento da Zona do Baixo Meretrício, 1940-1953) pouco estudado no Brasil, e que merece atenção. Na tentativa de ser quase nada parcial, trouxemos à tona inúmeras reportagens da imprensa do período, o que reforça os argumentos aqui propostos sobre os eixos de repressão contra as decaídas: polícia, igreja, Estado, família patriarcal, não necessariamente nesta ordem de forças.

Além dessas fontes primárias, as entrevistas possibilitam uma visão mais ampla do assunto, quando a luta da puta é articulada nacionalmente e outras discussões agora são mais conhecidas por um público mais geral, porém, paradigmas que não foram superados também são visíveis. A complexidade de uma profissão que não é reconhecida, mas que tem uma longa história de permanência marginal nos cantos da cidade.

Passemos, então, ao primeiro capítulo.

Capítulo 1

Corpos de mulheres: discursos científicos e consequências na vida das trabalhadoras sexuais.

1.1 - Teorias raciais: reverberações no Brasil

A história da opressão da sexualidade feminina é vasta, antecede à formação das sociedades modernas e

A sexualidade das mulheres, consistindo de suas capacidades e seus serviços reprodutivos e sexuais, foi modificada ainda antes da criação da civilização ocidental. O desenvolvimento da agricultura no Período Neolítico fomentou a “troca de mulheres” intertribal não apenas como um meio de evitar os incessantes conflitos travados pelas alianças de consolidação do casamento, mas também porque sociedades com mais mulheres poderiam produzir mais filhos.²⁹

Atravessando séculos, essa história relegou-nos um lugar social determinado pelo sistema patriarcal, e o caso da história da prostituição é ainda mais problemático, do ponto de vista de que as trabalhadoras sexuais quase sempre são colocadas à margem – ainda mais à margem do que as mulheres consideradas *corretas* e que nada, ou quase nada, fizeram para estremecer as bases de tal sistema.

Por estarem nesse lugar de não pertencimento à classe de mulheres aceitas pela sociedade patriarcal, e por serem as decaídas quase sempre vistas como sujas, más, violentas, histéricas, dentre outras coisas que as classificam como inferiores, as teorias raciais e as ideias construídas a partir daí são muito úteis para vislumbrar a complexidade da ideia de puta. Principalmente quando falamos da primeira metade do século XX no Brasil, quando notamos que os desdobramentos dessas teorias, como a eugenia, são muito caros aos homens que governam o país, e muitas das conclusões estatais tomadas em relação à prostituição também perpassam pela *degeneração da raça*.

Conclusões que partiam do pressuposto de inferioridade da raça começam a surgir e se desenvolvem na Europa no século XVIII, e se disseminaram pelas classes médica, jurídica e outras. Essas concepções, que serão discutidas nas próximas

²⁹ LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2019, p. 261.

linhas, se encontram com os discursos patriarcais, principalmente no que toca a sexualidade das mulheres, e a teorias científicas são muito utilizadas para defender a ideia de que as trabalhadoras sexuais são indesejadas.

Lília Schwarcz, uma das pesquisadoras que se debruçou sobre a questão científica e as manipulações sociais da raça, apontou que:

Portanto, no contexto intelectual do século XVIII, **novas perspectivas se destacam**. De um lado, a visão humanista herdeira da Revolução Francesa, que naturalizava a igualdade humana; de outro, uma reflexão, ainda tímida, **sobre as diferenças básicas existentes entre os homens**.³⁰ (*grifos meus*).

A mesma pesquisadora também deixa claro que no século XVIII, na França e em outras localidades da Europa, surgem debates que, em suma, eram contrários às ideias iluministas e rousseauianas de igualdade entre as pessoas, independentemente dos locais onde nasceram. Curiosamente, novos olhares começam a surgir sobre o outro, fazendo com que a questão de alteridade, ou seja, daqueles que têm hábitos e costumes diferentes dos europeus (de raça branca e gênero masculino) vistos como matrizes da civilização, fossem classificados como “mutantes”. Essas teorias começam a se desenvolver, principalmente, a partir de estudos com populações e objetos advindos do Novo Mundo, realizados por viajantes que se dedicavam a relatar as descobertas nessas novas terras, e também por teóricos que não conheciam empiricamente esses espaços, mas, que a partir dos relatos desses viajantes, puderam vislumbrar os costumes, a fauna e a flora.

Visto que a igualdade entre os homens era um pressuposto da Revolução Francesa, as explorações realizadas por teóricos que, acima de tudo, buscavam demarcar as diferenças ganha destaque, e passa a ser discutido em várias áreas do conhecimento. Servindo de base para a eugenia, que no Brasil, é tardiamente reconhecida e utilizada como base de teorias, uma grande parcela da população mundial é relegada a inferioridade, à falta de algo que era considerado civilização.

O termo *degenerado*, por exemplo, ganha significado importante nesse momento – e que surtiram efeitos ainda no século XX³¹ –, sendo relacionado à inferioridade de

³⁰ SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930). São Paulo: Companhia das Letras, 2020. 18ª reimpressão. p. 62

³¹ A palavra *degenerado*, cunhada por de Pauw, ainda era utilizada em meados da primeira metade do século XX, quando foi utilizada para definir àqueles que estavam à margem, fora dos padrões de

outros povos e nações. Isto foi teorizado por Georges-Louis Leclerc, conde de Buffon, um naturalista francês do século XVIII, que analisou as populações do continente americano como *carentes* – o que pressupõe algum tipo de falta – e é a partir das ideias deste naturalista, que de Pauw constrói as suas, numa proposta considerada mais radical.³²

Cornelius de Pauw (1739-1799), um etnólogo holandês de nomeada, no livro *Recherches philosophiques sur les Américains, ou Mémoires intéressants pour servir à l'Histoire de l'Espèce Humaine. Avec une Dissertation sur l'Amérique & les Américains*, procurou demonstrar que a **América sob todos os aspectos era inferior à Europa**. Baseando-se aparentemente em informações esparsas de “espanhóis”, ele descreve o indígena americano como uma “raça de homens, de que a **indolência era a principal característica**”; “depois de comer e dançar a maior parte do dia, eles gastavam o resto do tempo **dormindo, sem pensar no amanhã. A maioria não tinha capacidade de refletir** nem memória, andavam seminus e geralmente estavam inebriados pelo fumo”. “Os homens, prossegue, não tinham barba, ou pelos no corpo, como os eunucos; eram quase insensíveis à paixão do amor; tinham leite, ou uma espécie de líquido leitoso, nos mamilos; não podiam ou não queriam carregar pesos, e os homens e mulheres estavam contaminados pela doença venérea; [...]”³³ (*grifos meus*).

Os argumentos de Buffon, assim como os de Pauw, se referem aos povos do continente americano, constituindo-se um *outro*, aquele que é inferior para ele. Inferior por conta de aspectos majoritariamente geográficos e ambientais, como por exemplo o “pequeno porte dos animais, a ausência de pelos nos homens, a proliferação de espécies pequenas, de répteis e insetos [...]”³⁴. Vê-se que as especificidades da fauna e da flora do continente americano eram os fatores utilizados para uma comprovação de debilidade, de menor alcance do que se chamava de civilização, talhada aos moldes do mundo europeu.

civilidade, como é o caso dos chamados vagabundos e prostitutas, por exemplo. Vê-se que a essência da palavra não foi perdida, porém, enquanto de Pauw propôs a utilização da mesma para populações que não a sua, no Brasil, a palavra definia os próprios cidadãos brasileiros, que eram considerados um obstáculo para o alcance da modernidade.

³² SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. 18ª reimpressão. p.61-62.

³³ LINDO, Luiz Antônio. **A América dividida entre Gabriel Soares de Sousa e Cornelius de Pauw**. IN: Cadernos PROLAM/USP, Ano 11 — Vol. 2 — 2012. p.37-38

³⁴ SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. 18ª reimpressão. p.61.

No espectro da conformação ambiental própria do continente, – fator este que não é determinado, em primeira instância, pela população ali habitante – Buffon e aqueles que vieram depois dele, como é o caso de Cornelius de Pauw, determinaram em suas teorias a marginalidade humana, apontando àqueles que não faziam parte das conformações de sociedade europeias o papel de seres à margem da civilização. E nessa linha de pensamento, eram os aspectos geográficos que determinavam, por exemplo, quais os animais ali presentes e qual a vegetação que ali nasceria. Para esses teóricos, o meio natural também determinava o tipo de ser humano que ali viveria e se constituiria como sociedade.

Os estudos de Buffon culminaram em uma teoria da degenerescência, que ficou muito conhecida no século XVIII e que determinava a inferioridade do Novo Mundo:

O julgamento negativo que o naturalista aplica aos mamíferos quadrúpedes da América é repentinamente direcionado ao nativo americano. Acusados de selvagens débeis, pequenos nos órgãos de reprodução, sem ardor pela sua fêmea e de não domesticarem a natureza hostil em seu benefício, os nativos da América, no julgamento de Buffon, não diferiam das demais criaturas. Na construção da teoria, tão difundida, a comparação do Novo Mundo com o antigo, descortina uma imaturidade; um impedimento do desenvolvimento que fazia com que a vida animal sofresse um processo de degeneração.³⁵

No decorrer do século XIX, principalmente nos anos seguintes à publicação de *A origem das Espécies*, de Charles Darwin (1859), essas teorias que pretendiam hierarquizar e excluir o outro começam a ganhar mais notoriedade, colocando em risco a base fundamentada há tempos - do Iluminismo e da Revolução Francesa do século XVIII. A eugenia teve grande popularidade no Brasil, por exemplo:

Esse saber sobre as raças implicou, por sua vez, um “ideal político”, um diagnóstico sobre a **submissão** ou mesmo a possível eliminação das **raças inferiores**, que se converteu em uma espécie de prática avançada do darwinismo social – **a eugenia** –, cuja meta era **intervir na reprodução das populações**. O termo “eugenia” – *eu: boa; genus: geração* – foi criado em 1883 pelo cientista britânico Francis Galton.³⁶ (*grifos meus*).

³⁵ CAMPOS, Rafael Dias da Silva. Conde de Buffon e a teoria da degenerescência do Novo Mundo no século XVIII. *IN: História das Ideias: viajantes naturalistas e ciências na modernidade*. SANTOS, Christian Fausto Moraes dos. (organizador). Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2010. p.1650.

³⁶ SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. 18ª reimpressão. p.78.

Estudos de craniologia foram muito úteis a esses teóricos e nesse momento, a *branquitude* europeia começa a ser intensivamente vangloriada, enquanto outras populações passam a ser estudadas como representantes da inferioridade. Desnaturalizando a igualdade e levantando questionamentos sobre as habilidades e debilidades presentes em diferentes sociedades, a raça se torna o centro das atenções. E a eugenia – que como dito por Schwarcz, nasceu a partir dessas ideias vindas de Buffon e de Pauw, por exemplo – se caracteriza principalmente pelo controle da reprodução, para que se mantenha uma linhagem de gerações fortes e puras, por assim dizer. E por se dedicar ao controle da reprodução, muito afetou a vida das mulheres, que como veremos adiante, tiveram seus corpos controlados e vigiados, para que uma suposta nação sadia e forte pudesse ser possível.

Essas concepções científicas chegam ao Brasil em meados da segunda metade do século XIX, e reverberam nos modos de vida de uma população em pleno crescimento, sobretudo em cidades que estão, aos poucos, se transformando em termos arquitetônicos e urbanos. Além disso, segundo aponta Luis Antônio Coelho Ferla em sua tese de doutorado, *Feios, sujos e malvados sob medida* (2005) a República e a abolição da escravidão foram fatores importantes para que as teorias racistas ganhassem espaço, principalmente nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro e “a apropriação dessas ideias científicas racistas e discriminatórias atendia ao fortalecimento do projeto de construção do Brasil moderno.”³⁷

Os médicos, assim como os advogados, foram um dos primeiros intelectuais burgueses do Brasil, e estavam alinhados com os discursos positivistas e eugenistas advindos da Europa³⁸. A medicina legal ganhava destaque com seus objetivos de higienização social, e isso refletira, principalmente, na condição das populações menos abastadas – os vadios, as prostitutas, as mulheres e homens negros, dentre tantas outras pessoas –, que não viviam de acordo com os pressupostos das classes sociais mais ricas.

³⁷ FERLA, Luis A. C. **Feios, sujos e malvados sob medida**: Do crime ao trabalho, a utopia médica do biodeterminismo em São Paulo (1920-1945). Tese (Doutorado em História Econômica) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. p. 46.

³⁸ Ibid, p. 46-47.

Os ecos dessas teorias foram muitos. É possível visualizá-los nas décadas de 1940 e 1950 nas páginas da imprensa produzidas em São Paulo. Por exemplo, quando em 1943 e 1946, o *Correio Paulistano* e o *Jornal de Notícias*, respectivamente, publicavam matérias sobre um concurso de eugenia³⁹, promovido pelo *Instituto de Puericultura* da capital, a discussão estava inegavelmente posta no ambiente paulistano. As matérias *Concurso de Eugenia do Instituto de Puericultura*⁴⁰ e *Encerramento das comemorações*⁴¹ falam sobre o mesmo assunto: o concurso de eugenia, de maneira muito semelhante, em um espaço de três anos. A expressão de teorias raciais no Brasil se explicita nas linhas destes jornais, que, sabemos, não são a expressão de uma verdade. Contudo, como aponta Fernando Atique, são “ótimos termômetros sociais” e nos iluminam aspectos sociais importantes para as discussões de gênero atuais. Como esses concursos eugênicos tinham relação com o *Instituto de Puericultura*, veremos que eles produziam conformações sobre a maternidade, o que culminara em uma constante vigilância dos corpos das mulheres.

Vinculado então ao *Instituto de Puericultura*⁴², esse concurso aparentemente era um espaço majoritariamente feminino e infantil, já que dentre os premiados no ano de

³⁹ Sobre o conceito de eugenia, consultar FORMIGA, Dayana de O.; PAULA, Ana Beatriz R. de; MELO, Charles Aparecido S. **O pensamento eugênico e a imigração no Brasil (1929-1930)**, que dizem: “Galton acreditava que o Estado deveria intervir na reprodução de pessoas que tivessem características degenerativas, como o alcoolismo, a prostituição, e até mesmo o sonambulismo e outros “vícios”, porque estaria em curso o fracasso racial, onde os indivíduos degenerados suplantariam os mais aptos, prejudicando assim, o desenvolvimento de uma sociedade.” p. 77.

⁴⁰ **CONCURSO de Eugenia do Instituto de Puericultura**. *Correio Paulistano*, São Paulo, 05 fev. 1943, p. 3. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_09&pesq=%22concurso%20eugenia%22&pasta=ano%20194&pagfis=13805.

⁴¹ **ENCERRAMENTO das comemorações**. *Jornal de Notícias*, São Paulo, 18 out. 1946, p.3. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=583138&Pesq=%22concurso%20eugenia%22&pagfis=1389>.

⁴² A puericultura (puer: criança; cultura: criação) passa a ser discutida no Brasil entre o final do século XIX e o começo do XX – em consonância com os discursos higienistas e eugenistas –, e a classe médica esteve envolvida nos debates sobre a alta taxa de mortalidade infantil, determinando a necessidade da salvaguarda das mesmas. Durante as primeiras décadas do século XX, manifestações de defensores da puericultura foram realizadas, institutos foram criados, como em 1919 no Rio de Janeiro, quando Carlos Arthur Moncorvo Filho (1871-1944) –se formou em medicina na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1897. Ao longo de sua trajetória, defendia que as crianças pobres do Brasil deveriam viver sob circunstâncias mais adequadas e em 1899 criou o *Instituto de Proteção e Assistência à Infância* do Rio de Janeiro – “Criou ainda o Departamento da Criança no Brasil [...] com objetivos eminentemente pedagógicos, dedicados a apresentar os efeitos **nocivos do alcoolismo, da tuberculose, da sífilis, do abandono material e moral das crianças** e as soluções para tais problemas.” (MEDEIROS, 2011, p.1) (*grifos meus*).

1943 “foram selecionadas, entre as frequentadoras do Serviço, **doze mulheres** e vinte e oito **crianças**”⁴³ (*grifos meus*). A ausência masculina adulta entre os ganhadores é algo que chama atenção, principalmente porque os júris desse concurso eram homens médicos – e provavelmente brancos. Os homens participavam como concorrentes? A escolha de apenas mulheres e crianças nos demonstra que apenas mulheres e crianças participavam, ou que elas se destacaram entre os homens? Discussões sobre a situação da mulher naquela sociedade podem ser levantadas a partir dessas informações.

Em 1940, no governo Vargas, a discussão da puericultura ainda se fazia presente no país, e foi criado o *Departamento Nacional da Criança* (DNC), dirigido e pensado por Olympio Olinto de Oliveira⁴⁴, que “ligando preceitos de higiene, medicina preventiva, serviços de assistência e programas de remodelação dos espaços urbanos”⁴⁵, também carregava em suas nuances, ideais higienistas, como pode-se observar ainda na gênese dos institutos de puericultura, que se preocupavam com a contenção da disseminação de doenças como o alcoolismo e a sífilis, e essas doenças eram compreendidas como intimamente ligadas à pobreza e degradação da raça. Inclusive, a sífilis foi associada à prostituição numa matéria do *Correio Paulistano*, publicada em 1959, cujo título era “A penicilina vence a luta contra a terrível sífilis – Grande causadora da mortalidade infantil: atinge mais os recém-nascidos – É a prostituição a maior causadora da sífilis”⁴⁶.

⁴³ **CONCURSO de Eugenia do Instituto de Puericultura.** Correio Paulistano, São Paulo, 05 fev. 1943, p. 3. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_09&pesq=%22concurso%20eugenia%22&pasta=ano%20194&pagfis=13805.

⁴⁴ Formou-se médico pela Faculdade Nacional de Medicina em 1887 e discípulo de Carlos Arthur Moncorvo de Figueiredo, pai de Arthur Moncorvo Filho, também médico e envolvido com a puericultura. Assim como Arthur Filho, a trajetória de Olinto voltou-se para ações sociais que previam a saúde infantil, e é responsável pela criação do DNC em 1940. Informações retiradas do site <https://www.sbp.com.br/capa-teste/institucional/academia-brasileira-de-pediatria/patronos-e-titulares/olympio-olinto-de-oliveira/>. Acesso em 12/06/2021 às 01:00h.

⁴⁵ LOPES, Thiago da Costa; MAIO, Marcos Chor. **Puericultura, eugenia e interpretações do Brasil na construção do Departamento Nacional da Criança (1940).** Revista Tempo, Rio de Janeiro, Vol.24, n.2, p. 349-368, Maio/Ago. 2018. p. 350.

⁴⁶ **A penicilina vence a luta contra a terrível sífilis – Grande causadora da mortalidade infantil: atinge mais os recém-nascidos – É a prostituição a maior causadora da sífilis.** Correio Paulistano, São Paulo, 08 maio 1959, p. 2. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&pesq=%22Fechamento%20da%20Zona%22&pasta=ano%20195&pagfis=48412

Entre as disposições do DNC, a fiscalização do corpo da gestante é importante para que seja compreensível a associação entre os concursos de puericultura e questões de gênero proposto aqui. Sendo as mulheres aquelas que carregam em seus ventres o futuro da nação – conforme as expressões da época -, promover o controle desses corpos, para que nascessem crianças saudáveis, livres de vícios e outros malefícios, era interessante naquele momento de crescimento urbano e modernização do país. Além disso, é importante lembrar que eram as mulheres, exclusivamente, as responsáveis pela criação moral de seus filhos, já que os homens eram os responsáveis por prover financeiramente a casa:

Na perspectiva desses médicos, o puericultor deveria intervir em todas as etapas envolvidas na geração dos futuros membros da nação, realizando **exames pré-nupciais**, fazendo o **acompanhamento da gestação, do parto e do recém-nascido**, divulgando preceitos básicos de cuidado, higiene e alimentação a mães e gestantes.⁴⁷ (*grifos meus*).

A presença de mulheres nos concursos de eugenia faz todo sentido, quando nos debruçamos sobre essas informações de vigilância dos corpos das mesmas, que era uma das bases da puericultura. Em 1942, Orlando Seabra Lopes – médico-chefe de uma das seções regionais do DNC – declarou que

Formas vulgarizadas de puericultura deveriam ser postas ao alcance de 'senhoras da sociedade e **futuras mamãezinhas** para que estas fiquem identificadas com o sublime encargo de saber **criar eugenicamente os seus filhos**'⁴⁸ (*grifos meus*).

As *futuras mamãezinhas*, que deveriam *saber criar eugenicamente os seus filhos*, receberam, desses médicos, padrões de alimentação e de criação a serem seguidos, e por conseguinte, foram alvo de repressão.

A concepção de mulher aparece em termos duais segundo esses conceitos. Quando pensamos nas prostitutas, elas estão em oposição às mulheres *decentes*. De um lado, então, está a trabalhadora sexual, má, triste e suja, que transmite doenças como a sífilis; de outro, a mulher que aceita ter seu corpo controlado por médicos

⁴⁷ LOPES, Thiago da Costa; MAIO, Marcos Chor. **Puericultura, eugenia e interpretações do Brasil na construção do Departamento Nacional da Criança (1940)**. Revista Tempo, Rio de Janeiro, Vol.24, n.2, p. 349-368, Maio/Ago. 2018. p. 354.

⁴⁸ Ibid, p. 359.

homens durante sua gestação, e que carregará os filhos da nação. Compreende-se, então, o motivo de em uma das primeiras campanhas nacionais relacionadas à alimentação infantil, em 1934, em que Olympio Olinto de Oliveira – criador e diretor do DNC – “atribuiu os ‘males da raça’ à situação de abandono, miséria e ignorância em que viviam os habitantes das zonas rurais e das favelas”⁴⁹.

Entre 1940 e 1950, a capital transformava-se em metrópole. Projetos dos mais variados estavam em efusão: urbanização, higienização através das repressões da *Polícia de Costumes*, e também esses programas de puericultura. A modernização dependia, naquela perspectiva, do bom funcionamento das instituições de controle social; do controle da imprensa efetivo a partir de 1939 com a criação do *Departamento de Imprensa e Propaganda*⁵⁰ e não se pode negar que, com a institucionalização dos cuidados médicos e morais das crianças em 1940, protegê-las também fazia parte deste projeto; e se alinhavam a discursos autoritários europeus, como é o caso da Era Vargas.⁵¹

A concepção de mulher⁵² e de seu corpo, desenvolvida por estes teóricos homens – é importante ressaltar! –, que “Na esteira daqueles pensadores [positivistas], definiu-se a prostituta como ‘mulher anormal’, ‘delinquente nata’, proveniente das classes pobres e deslumbrada com as atrações do mundo

⁴⁹ Ibid, p. 355.

⁵⁰ Para mais informações sobre o controle da imprensa na cidade de São Paulo pelo Departamento de Imprensa e Propaganda, consultar COSTA, Patrícia. *Imprensa Paulistana e a figura de Prestes Maia: A censura do Departamento de Imprensa e Propaganda e os discursos hegemônicos (1937-1946)*. IN: ATIQUÊ, F.; GERAISSATI, R.; DIAS, M. **Modernidades Espaciais**: histórias, espaços, patrimônios. Guarulhos, CAPP-UNIFESP, 2021, no prelo.

⁵¹ Para mais informações consultar BOECKEL, C. **História e Propaganda política**: A construção da imagem de Getúlio Vargas (1930-1945). (Monografia) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2005.

⁵² Utilizo a palavra no singular para demonstrar que, naquele momento, a concepção de mulher era universal e estática. Após estudos sobre as mulheres na academia, e com o desenvolvimento do feminismo no mundo, percebeu-se que usar a palavra no singular era problemático, e passou-se a utilizá-la no plural, para que ficasse mais evidente que não somos unas. Para mais informações, consultar BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2019, Edição Comemorativa; e SCOTT, Joan. **Gender**: a useful category of historical analyses. New York: Columbia University Press, 1989.

moderno.”⁵³ O outro extremo da puta, a mulher *normal*, seria então aquela que segue as ordens divinas e naturais do seu ser: procriar e manter sua cria viva e saudável.

Essa sociedade de intelectuais higienistas desenvolveram, é claro, argumentos em *bases científicas* que definiam o lugar da mulher através do estudo de seu corpo, dando um tom *biologizante* no conceito do que é ser mulher. É em fins do século XIX que a medicina da mulher se desenvolve (a ginecologia e a obstetrícia), e, não poderia ser diferente, se apoiou nas teorias positivistas e eugenistas para fundar suas bases. A imprensa de São Paulo traz à tona esses discursos, não só quando anuncia o *Concurso Eugenista*, mas também quando se refere à prostituta e, neste caso, a prostituta negra:

Juvenal Carlos Arruda, de 44 anos [...] aos primeiros minutos de ontem, encontrava-se num bar localizado à rua Ribeiro de Lima, acompanhado de duas decaídas, uma branca e outra preta. Não desconfiando das intenções das mulheres, Juvenal mostrou-lhes uma carteira com 900 cruzeiros [...]. No bar, estavam também vários malandros a quem a cena não passara despercebida, mas o certo é que uma das meretrizes, **justamente a de cor preta**, deixou a mesa em que estava sentada e procurou falar com dois rapazes [...]. **Surgiu então, a ideia de assaltar o operário** [...] ⁵⁴ (*grifos meus*).

É a mulher negra que é fadada ao estereótipo de má influência! *Justamente a de cor preta*, diz o jornal. Justamente a decaída de cor preta que premeditou o assalto ao cliente. A ideia de que há debilidades próprias de uma *raça*, presente nas teorias raciais anteriormente discutidas, principalmente a eugenia, está presente na narrativa apresentada pelo jornal sobre o acontecido. E por isso é possível visualizar que essas teorias trouxeram consequências muito perigosas para o dia a dia das prostitutas ainda na metade do século XX, que estavam sujeitas a avaliação de seus comportamentos segundo pressupostos que as definiam como loucas, más, ou simplesmente como vítimas.

Todo o processo de abertura e fechamento da Zona do Baixo Meretrício serve como exemplo dessas consequências para as trabalhadoras sexuais. Quando de sua

⁵³ RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). São Paulo: Editora Paz & Terra, 2008 (2ª edição). p. 165.

⁵⁴ **OCORRÊNCIAS policiais**. Correio Paulistano, São Paulo, 22 fev. 1946, p. 10. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_09&pesq=%22decaidas%22&pasta=ano%20194&pagfis=27332.

abertura, em 1940, pelo decreto de Adhemar de Barros, como visto, a intenção era confiná-las espacialmente a um diminuto setor urbano e, assim, exercer um controle mais eficiente sobre seus corpos, inclusive através de uma inscrição que essas mulheres deveriam realizar na *Delegacia de Costumes e Jogos*, tema que será mais bem explorado nas seguintes páginas. Em 1953, com o fechamento da Zona, os jornais demonstravam o discurso estatal sobre o assunto, que era muito relacionado à salvação e à regeneração dessas mulheres. Logo, se há nessas mulheres algo a ser regenerado, é pressuposto que uma falha fora encontrada. E essa é a consequência mais dura: o preceito de falha. Em uma matéria de título “ADIADO O FECHAMENTO DA ZONA DO MERETRÍCIO – A complexidade do problema de recuperação das decaídas exigiu a providência.”, publicada no jornal *Diário da Noite*, o aspecto de salvação e o preceito de falha das concepções sobre as trabalhadoras sexuais é evidente:

Interpelado a respeito, declarou o diretor do Serviço Social do Estado, responsável pela benemérita obra de recuperação moral das decaídas que, dentro de breves dias serão desalojadas de suas atuais habitações:- “O fechamento das casas de tolerância [...] elaborado para a recuperação moral das decaídas.⁵⁵

O discurso moralista e científico sobre os corpos das mulheres é tomado como base para o tratamento do trabalho sexual entre as décadas de 1940 e 1950, que era constantemente atacado, principalmente com mudanças urbanas e aprisionamento, como foi quando da regulamentação da prostituição e da delimitação espacial de sua atuação. Guido Fonseca, em *História da prostituição em São Paulo* fala sobre as vantagens da regulamentação da prostituição para os policiais:

Esse confinamento sempre fora uma aspiração de boa parcela das Autoridades Policiais que viam nele uma série de vantagens como a possibilidade de um melhor policiamento, uma **fiscalização sanitária** mais eficiente e um **menor vexame** para as famílias forçadas a transitar pela zona boêmia da cidade⁵⁶ (*grifos meus*).

⁵⁵ **ADIADO O FECHAMENTO DA ZONA DO MERETRÍCIO – A complexidade do problema de recuperação das decaídas exigiu a providência.** *Diário da Noite*, São Paulo, 29 dez. 1953, p. 8 Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093351&pesq=%22Fechamento%20da%20Zona%22&pasta=ano%20195&pagfis=29767>.

⁵⁶ FONSECA, Guido. **História da prostituição em São Paulo**. São Paulo: Editora Resenha Universitária, 1982. p. 209.

Fiscalização sanitária e menor vexame para as famílias expressa duas atuações muito importantes e relacionadas com as bases eugênicas e moralistas tão interiorizadas naquele momento. A preocupação constante notada sobre higiene e boas condições sanitárias conversam com as suposições de que eram as prostitutas as maiores causadoras da sífilis, por exemplo.

1.2 - Medicina da mulher: o controle dos corpos de prostitutas na Pauliceia

Assim, se a discussão sobre a **higiene pública** (que implica uma grande atuação médica no dia a dia das populações contaminadas por moléstias infectocontagiosas) mobiliza boa parte das atenções até os anos 1880, nos anos 1890 será a vez da **medicina legal**, com a nova figura do perito – que ao lado da polícia explica a **criminalidade** e determina a loucura –, para nos anos 1930 ceder lugar ao “eugenista”, que passa a **separar a população enferma da sã**⁵⁷ (*grifos meus*).

O contexto sugerido por Lilia Schwarcz, que a partir de 1930, no Brasil, as teorias eugênicas ganharam força, está intensamente ligado com a situação das mulheres na cidade das décadas seguintes. A figura da polícia também faz parte do cotidiano da população menos abastada, que naquele período, era controlada a partir desses ideais eugênicos, e que eram fundados em preceitos racistas e sexistas.

Separar a população enferma da sã também significava controlar os corpos das mulheres, através das afirmações ginecológicas e obstétricas desenvolvidas em fins do século XIX e consolidadas no século XX⁵⁸. As mulheres que, como sugerira tais pensadores, – e também aqueles médicos puericultores tratados anteriormente –, seguiam as normas de comportamento previstas, muito vinculadas aos discursos cristãos e científicos – como o matrimônio, a virgindade, a reprodução, a não expressão da sexualidade e a manutenção do lar no sentido doméstico, que eram os elementos norteadores do que seriam as mulheres *normais* ou *sãs* – eram aceitas por essa sociedade. Aquelas mulheres que, por forças maiores da estrutura patriarcal, agiram como *deveriam* agir.

⁵⁷ SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. 18ª reimpressão. p. 248.

⁵⁸ MARTINS, Ana Paula Vosne. **A medicina da mulher: Visões do corpo feminino na constituição da obstetrícia e da ginecologia no século XIX**. Tese (Doutorado em História) Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 2000, p. 113.

No outro extremo, as prostitutas, que eram definidas como “amante do luxo, **preguiçosa**, carente de **educação moral**, dotada de um forte temperamento **erótico**, a **jovem pobre** se constituía numa prostituta em potencial”⁵⁹ (*grifos meus*). A prostituta idealizada da imprensa paulistana entre os anos 1940 e 1950, era vista, em termos gerais, como enferma, vítima, decaída.

Dito isso, é preciso reparar nas teorias da medicina da mulher, que anunciara a possibilidade de um controle patriarcal fundamentado, agora, na *ciência*. Em cena também estavam os juristas, que inseridos em outra instituição, trabalhavam para os mesmos fins. Ana Paula Vosne Martins mostra que

Os anatomistas e fisiologistas já haviam fornecido provas da radical diferença física entre os sexos e esta diferença adquiria um significado especial para as mulheres, cujo sexo era percebido como fonte de problemas.⁶⁰

A sexualidade feminina fora mutilada variadas vezes e por muitos processos e procedimentos. Quando da gênese da ginecologia, momento em que alguns médicos acreditavam e, sem consentimento da paciente, realizavam cirurgias para a “*cura da masturbação*”, incidiam cirurgicamente no corpo da mulher, removendo o clitóris⁶¹. A dominação corporal pela medicina se converteu em mais um campo de dominação feminina, e esta dominação foi sendo construída sob o manto de ciência.

E em 18 de junho de 1954 – meses após o fechamento da Zona do Baixo Meretrício –, o jornal *Diário da Noite* publicara uma matéria intitulada *UM CASO DE PROFILAXIA SOCIAL: Mudou-se para o Brás a Zona do meretrício*⁶². Profilaxia se refere à limpeza, preservação; a mulher puta é sempre suja, e precisa ser salva de uma auto degeneração e “inevitavelmente, ao tentar salvar a mulher que ‘cai na vida’

⁵⁹ RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). São Paulo: Editora Paz & Terra, 2008 (2ª edição). p. 166.

⁶⁰ MARTINS, Ana Paula Vosne. **A medicina da mulher**: Visões do corpo feminino na constituição da obstetrícia e da ginecologia no século XIX. Tese (Doutorado em História) Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 2000, p. 115.

⁶¹ Ibid, p. 114.

⁶² Para ler a reportagem completa acesse:
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093351&Pesq=%22decaidas%22&pagfis=31472>

vitimizando-a, ela é excluída do mesmo modo, reforçando-se o mito da **passividade feminina**.⁶³ (*grifos meus*).

Além de demonstrar o aspecto higiênico-médico do caso da prostituição em São Paulo, já que associa a atuação dessas mulheres com uma profilaxia social, a matéria retrata um outro ponto que se culminou com o fechamento da Zona: o espriamento, por várias localidades da cidade, da prostituição, ainda mais brusco do que o verificado anteriormente. Inúmeros bares e hotéis do Brás foram identificados como ambiente de prostituição, como o *Bar Estrela do Norte*, *Bar Mafra*, *Bar Paulista*, *Hotel Sidon*, *Hotel Nunes*, e muitos outros⁶⁴.

Essa quase diáspora da prostituição, que aconteceu após o fechamento da Zona do Baixo Meretrício, no Bom Retiro – e que é alvo de críticas pela imprensa – manteve a lógica de que o trabalho sexual para classes menos abastadas deveria se manter nas adjacências de locais com grande movimentação, principalmente das classes operárias, como é o caso de estações ferroviárias. Por isso, essa chamada Zona citada pelo jornal parece fazer parte dessa movimentação de procura por novos locais de trabalho, por parte das mulheres que ficaram à mercê da própria sorte e desempregadas. A matéria revela que que esses locais eram situados próximos da Estação Roosevelt, o que ajuda a compreender o motivo pelo qual essas trabalhadoras sexuais ali estavam: a demanda. Inclusive, a denúncia apresentada na matéria partiu do então diretor regional da Estrada de Ferro Central do Brasil, que solicitou “providências no sentido de ser intensificado o policiamento da rua Almeida Lima e de todas aquelas que se situam nas imediações da Estação Roosevelt”⁶⁵.

As discussões teóricas das classes médica e jurídica, principalmente, em torno dos corpos das mulheres, após a consagração da medicina da mulher, relegaram as mulheres prostitutas a um patamar de inferioridade, de falta de sanidade mental, maldade, e digna de pena e salvação. São Paulo estava em grande efusão industrial

⁶³ RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). São Paulo: Editora Paz & Terra, 2008 (2ª edição). p. 247.

⁶⁴ **PROFILAXIA social: Mudou-se para o Brás a Zona do meretrício**. Diário da Noite, São Paulo, 18 jun. 1954, p. 6. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093351&Pesq=%22decaidas%22&pagfis=31472>. Último acesso em 14/06/2021 às 10:32h.

⁶⁵ Ibid, p.15.

e urbana nas primeiras décadas do século XX, em conjunto com essas teorias eugênicas, adentravam a cidade com outro olhar: aquele que devora, que desapropria e que expulsa.⁶⁶

Sendo a sexualidade feminina uma fonte de problemas, o que seria da prostituta que vende o seu sexo para um cliente? Nada menos cristão do que tal atitude, podemos pensar. É perturbador como na década de 1980 o delegado Guido Fonseca, em um estudo sobre a prostituição em São Paulo – já citado aqui –, em capítulo chamado *Regulamentação do Meretrício*, caracteriza as prostitutas numa perspectiva ainda muito fundamentada no higienismo:

Além da preocupação com a exploração do lenocínio, de um modo geral, podemos dizer que o regulamento objetivava disciplinar a conduta das mulheres mais atrevidas e impudentes e evitar que os prostíbulos continuassem funcionando praticamente às escâncaras. [...] Quanto às mulheres, elas – principalmente as “polacas” – não respeitavam ninguém, importunando inclusive as famílias moradoras na vizinhança.⁶⁷

É memorável a presença de polacas que vieram para a cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX, para trabalharem como prostitutas. Esta pesquisa não pretende se debruçar nas histórias mais individuais das prostitutas do período abordado, principalmente por falta de acesso a acervos físicos por conta da pandemia em que vivemos. Sendo assim, vale ressaltar que as diferentes mulheres representadas na imprensa serão apresentadas aqui, certamente. Por fim, as palavras de Fonseca denotam as implicações na vida das prostitutas de discursos científicos e morais, ao longo de meio século.

A partir de 1940, na Pauliceia, a prostituição passa a ser regulamentada, se institucionaliza o controle dos corpos das mulheres prostitutas e a *Polícia de Costumes* era responsável por manter as casas de tolerância em ordem, fora da órbita da elite da recente metrópole, sendo a expressão máxima da repressão patriarcal contra uma população de mulheres trabalhadoras.

⁶⁶ Para mais informações sobre a urbanização da cidade de São Paulo e as consequências para as classes menos abastadas, ver ROLNICK, Raquel. **Territórios em conflito** – São Paulo: espaço, história e política. São Paulo: Três Estrelas, 2017.

⁶⁷ FONSECA, Guido. **História da prostituição em São Paulo**. São Paulo: Editora Resenha Universitária, 1982. p. 170.

Nesse processo de segregação espacial, as prostitutas do Baixo Meretrício foram enclausuradas no bairro do Bom Retiro – bairro que tinha uma grande presença da classe trabalhadora industrial –, presas como que em um panóptico⁶⁸ e relegadas a um território que não necessariamente era o de suas origens. Alguns aspectos desses processos foram relatados nos jornais das décadas de 1940 e 1950, e serão explorados na tentativa de demonstrar as facetas dessa sociedade contra as mulheres prostitutas.

Observando a imprensa da década de 1950, produzida na cidade de São Paulo, nota-se a materialização dos discursos médicos (e outros setores) sobre a figura da mulher, e esse discurso se relaciona com o trecho abaixo:

As medidas que médicos e policiais tomaram em relação à prostituição foram plenamente justificadas pelas teorias científicas vigentes no período, atestando a inferioridade física e mental da mulher, e, especialmente, da prostituta, a quem se referiam frequentemente pela metáfora do *micróbio*.⁶⁹

No dia 18 de maio de 1955, o *Correio Paulistano* publicou *O problema do meretrício*, que trazia à tona discussões realizadas pela *Associação Paulista de Medicina* e outros setores, sobre o trabalho sexual. Além de revelar semelhanças entre as ideais proferidas pela *Associação Paulista* com concepções eugênicas e autoritárias, notamos a *incapacidade* da mulher, que era tomada como pressuposto irrevogável nas reflexões médicas e jurídicas daquele momento. Abaixo, as conclusões que foram tomadas pela *Associação Paulista de Medicina* sobre o problema da prostituição:

Necessidade de suprimir o chamado zoneamento tal como já foi feito pelas autoridades governamentais; Necessidade de uma ação policial e judicial intensa contra o lenocínio; Necessidade de ação eficiente a favor da menor abandonada visando, particularmente, sua educação a fim de protegê-la; Necessidade de estudar as decaídas do ponto de vista psicológico, para reconduzi-la à vida honesta, através um tratamento *psico-social*; Necessidade de incentivar a educação sexual bem orientada; Pouca

⁶⁸ Para mais informações acerca do funcionamento de um espaço panóptico, ver FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: Nascimento da prisão. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2001, 24ª Edição.

⁶⁹ RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). São Paulo: Editora Paz & Terra, 2008 (2ª edição). p. 165.

eficiência do exame médico periódico para impedir a propagação das moléstias venéreas.⁷⁰

Algumas falas dessa matéria são dignas de comentários, como é o caso desta: “ação judicial e policial intensa contra o lenocínio”. A Associação deixa claro que existia ações institucionais conjuntas contra o lenocínio – exploração da prostituta por terceiros(as) –, como discutimos ao longo do capítulo. “Necessidade de estudar as decaídas do ponto de vista psicológico” traz à tona o desejo dos homens em estudar as mulheres, perpetuando uma medicina da mulher que é fundamentada em ideais eugenistas, já que prevê a loucura naquela que ultrapassa os limites impostos pela fé cristã e por todas as instituições patriarcais do Estado brasileiro.

Afirma-se isso pois a dimensão de uma matéria como *O problema do meretrício*, publicada em um jornal de grande porte como foi o *Correio Paulistano*, nos leva a pensar – assim como a presença de debates sobre o tema nas classes médicas, jurídicas, sociais, dentre outros – quanto esse discurso se fazia intrínseco à sociedade brasileira;⁷¹ esse aspecto demarca a posição institucional da opressão contra as mulheres, e nestes casos, contra as mulheres prostitutas.

A complexidade da relação entre mulher *versus* sexualidade nas décadas aqui estudadas pode ser mais bem compreendida a partir de referências teóricas, como é o exemplo de *O relatório Hite: Um profundo estudo sobre a sexualidade feminina* (1978) de Shere Hite. Tendo sua primeira publicação em 1976 nos Estados Unidos, foi rapidamente traduzido para o português, o que é muito curioso, pois talvez demonstre o interesse mercadológico da tradução desse livro. Hite acreditava que

A sexualidade feminina tem sido vista essencialmente como uma resposta à sexualidade masculina e à relação sexual. Raramente se reconhece o fato de que a sexualidade feminina tenha uma natureza própria, complexa, que não

⁷⁰ **O problema do meretrício.** Correio Paulistano, São Paulo, 18 mai. 1955, p.8. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=%22decaidas%22&pagfis=26046

⁷¹ Gerda Lerner em *A criação do patriarcado* (1990) debate sobre a ativa participação da mulher na manutenção do patriarcado em nossa sociedade ao longo dos séculos. A perpetuação, afinal, de tal imensidão de linhas de poder não poderia, segundo a autora, ser realizada por apenas metade da população mundial. Ela não responsabiliza as mulheres por essa questão, apenas aponta para a ideia de que somos ensinadas cotidianamente a responder às normas, e que esses efeitos são psicológicos. Vale à pena ver a discussão e tem a ver com a perspectiva da pesquisadora sobre o tema.

se limita à contrapartida lógica daquilo que julgamos ser a sexualidade masculina.⁷²

Se na década de 1970 vemos esse cenário ainda muito caótico para a sexualidade feminina, as décadas anteriores carregaram dogmas ainda muito mais profundos sobre a moralidade cristã e as ideias científicas. As prostitutas carregaram (e carregam!) o fardo de expressar uma sexualidade que representa o pecado original cometido por Eva. Por escolher o caminho do prazer, Eva foi culpada pela expulsão da humanidade do paraíso, e essa culpa está colada às nossas existências, ainda mais às mulheres prostitutas, que se *rendem ao prazer funesto* de seus corpos, como a Eva decaída.

1.3 - Delegacia de Costumes e Jogos

O problema da prostituição constituiu-se, em todas as épocas, numa das preocupações da Polícia. Desde séculos atrás, sempre couberam às organizações policiais as tarefas de fiscalizar e reprimir o meretrício com o objetivo principal de coibir a conduta das mulheres mais desavergonhadas.⁷³

Entre fins do século XIX e o início do XX, algumas movimentações aconteceram no funcionamento da polícia, no que toca a repressão à prostituição. Fonseca destaca em seu livro que em 1904 uma polícia foi criada por Antônio de Godoy, e que fora precursora da *Delegacia de Costumes e Jogos*, criada posteriormente, em 1924.

A ideia de criar uma Delegacia especializada ao combate à prostituição na cidade de São Paulo, já estava em pauta no início da década de 1920, e a partir da Lei n. 2.034 de 30 de dezembro de 1924, foi criada a nova *Delegacia de Costumes e Jogos*⁷⁴. De modo geral, a Delegacia deveria manter a prostituição longe de locais com a presença da família tradicional – como templos religiosos, hospitais, escolas – , manter a tranquilidade nas ruas da cidade, além de prender os caftens e as caftinas

⁷² HITE, Shere. **O relatório Hite** – Um profundo estudo sobre a sexualidade feminina. Rio de Janeiro/São Paulo: Difusão Editorial S/A, 1978. 3ª edição. (prefácio).

⁷³ FONSECA, Guido. **História da prostituição em São Paulo**. São Paulo: Editora Resenha Universitária, 1982. p. 159. m

⁷⁴ Ibid, p. 162.

– mais uma vez evidenciando a posição estratégica do bairro do Bom Retiro, que tem a sua volta a linha férrea e grandes galpões industriais.

A prostituição não era considerada um crime no período, apenas o lenocínio o era (como ainda é nos dias de hoje), e o envolvimento da prefeitura de São Paulo com os locais de exploração sexual de prostitutas estava constituído a partir de “taxas municipais para a obtenção de alvará da Prefeitura.”⁷⁵. Ou seja, o funcionamento das casas de tolerância era, aparentemente, legal; por este motivo é que se chama o período de *regulamentarista* no que tange à prostituição.

A *Polícia de Costumes* existiu até meados dos anos 1970 e Hiroito Joanides comenta, em *Boca do Lixo*, sobre situações em que policiais vinculados a essa Delegacia aceitavam suborno de exploradores de lenocínio (como o próprio Hiroito). Essa declaração – lembrando que o livro é um relato de experiência do próprio autor como morador da Boca do lixo e, posteriormente, Rei da Boca do Lixo – aponta para um problema já conhecido nas instituições policiais, a corrupção. Em 1952, o *Diário da Noite* publicava uma matéria chamada “*Caixinha*” da polícia na zona do meretrício, que relatava a denúncia de algumas cafetinas contra policiais que lhes cobravam para receberem em troca a tranquilidade.⁷⁶

Na “Demonstração numérica do movimento geral da Delegacia Especializada de Costumes, durante o ano de 1940”⁷⁷, uma seção do Relatório das atividades do ano de 1940 apresentado, em abril de 1941, ao Presidente Getúlio Vargas por Adhemar de Barros (Interventor Federal em São Paulo), aparecem 49 casos de Lenocínio (concluídos ou não), além disso, 304 Prontuários de Meretrizes são registrados – as trabalhadoras sexuais deveriam se apresentar à Delegacia de Costumes e preencherem uma ficha com seus dados.

⁷⁵ Ibid, p. 165.

⁷⁶ Matéria completa disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093351&Pesq=%22Zona%20do%20Baixo%20Meretr%c3%adcio%22&pagfis=26149>

⁷⁷ Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=800945&pasta=ano%20194&pesq=meretricio&pagfis=1073>

Não há registros na Hemeroteca Digital de outros relatórios como esse. Porém, essa amostragem numérica permite visualizar que a quantidade de prostitutas registradas não era pequena, contando que muito provavelmente a maior parte das meretrizes não faziam esse registro, como medida protetiva; a *Delegacia de Costumes* tinha por obrigação vigiar as decaídas, e obtendo seus dados seria muito mais fácil encontrá-las.

Por fim, a *Delegacia de Costumes* foi responsável por reprimir a conduta das mulheres prostitutas, baseando-se em pressupostos moralizantes e como base, um Estado crente que o meretrício era um mal necessário para manter a tranquilidade familiar tradicional – já que é a partir da trabalhadora sexual que os homens satisfazem seus desejos mais sombrios. Além disso, conhecida por se utilizar de métodos violentos contra essas mulheres, o que se evidencia abaixo:

Às últimas horas da noite de ontem a reportagem do DIÁRIO DA NOITE foi cientificada, através de diversos telefonemas de moradores vizinhos do prédio onde funciona a 3.a Delegacia de Polícia, na rua dos Guaianases, 493, que numerosas mulheres que se encontravam recolhidas ao xadrez daquela dependência policial estavam sendo espancadas pelos guardas ali em serviço. Imediatamente rumamos para o local indicado, constatando não proceder a denúncia recebida. De fato, verificamos que estavam recolhidas ao xadrez cinco decaídas, as quais, dominadas pela cachaça e pela maconha, algumas inteiramente despidas, promoviam verdadeira algazarra, despertando assim a atenção das famílias.⁷⁸

O fato de o periódico desmentir a violência policial supostamente exercida contra as mulheres prostitutas presas naquele local, e além disso, culpar as mulheres por perturbação da ordem, incômodo às famílias e as caracterizar como usuárias de álcool e drogas – o que claramente tem um peso social e que geralmente faz com que essas pessoas sejam marginalizadas e excluídas, merecedoras de repressão – sustenta os argumentos aqui sugeridos. A prostituta é automaticamente transformada em alvo de julgamentos e seus direitos enquanto mulheres trabalhadoras é ignorado – lembrando que se prostituir não é crime – e a matéria segue uma estratégia de afastar da figura dessas mulheres qualquer tipo de empatia de seus leitores.

⁷⁸ **CACHAÇA e Maconha.** Diário da Noite, São Paulo, 07 dez. 1954, p. 16. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093351&Pesq=%22decaidas%22&pagfis=33368>.

As relações estabelecidas entre as classes médicas e policiais não são teorias isoladas e descoladas da realidade daquele momento. O pensamento eugênico formulava as leis, e a medicina era aplicada nas populações menos abastadas com os mesmos intuitos de higienização social e preservação de uma moralidade cristã e, segundo médicos do DNC: “a profilaxia da raça tem de ser também moral e mental para podermos atingir o ideal eugênico de povo forte em todos os sentidos”⁷⁹. Sendo assim, as mulheres que atuavam como prostitutas estavam à mercê das ações policiais e sanitárias diariamente, como se vê na matéria do *Diário da Noite*, que vinculou reclamações de moradores sobre trabalhadoras sexuais próximas de suas residências:

Moradores da rua João Jacinto, nas proximidades do número 23, pedem providências á Delegacia de Costumes, para reprimir os abusos e imoralidades de certos indivíduos e decaídas, fazem daquele trecho residencial, teatro de cenas indecorosas e perturbadoras do sossego público.⁸⁰

Não eram raras as notificações enviadas por moradores de bairros próximas à zona do meretrício, solicitando auxílio da Polícia para o controle das mulheres e vadios que geralmente circulavam em peso por esses espaços. A vontade de se ver longe dessas populações marginalizadas é expressa nas folhas dos jornais, que trazem representações que certamente circulam nas falas dos leitores da época, como veremos a seguir.

⁷⁹ LOPES, Orlando Seabra. **A obra do presidente Vargas no campo social**. Boletim Trimensal do Departamento Nacional da Criança, v. III, n. 8, p. 37-38, mar. 1942a. Citado por LOPES, Thiago da Costa; MAIO, Marcos Chor. **Puericultura, eugenia e interpretações do Brasil na construção do Departamento Nacional da Criança (1940)**. Revista Tempo, Rio de Janeiro, Vol.24, n.2, p. 349-368, Maio/Ago. 2018. p. 359.

⁸⁰ **COM a Delegacia de Costumes**. Diário da Noite, São Paulo, 10 jan. 1948, p. 10 Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093351&pesq=%22decaidas%22&pasta=ano%20194&pagfis=10414>.

Capítulo 2

“Mercadoras do amor”: a construção de uma moral urbana

81



Figure 1 - Trabalhadoras sexuais fazendo o famoso "trottoir" na região central da cidade de São Paulo. Retirada de *Diário da Noite*, 21 dez 1955.

2.1 Prostituição: uma questão de profilaxia social

Os convites e os gestos aos passantes eram os mais depravados possíveis. Frases “abomináveis” e “termos repelentes de gíria”, eram proferidos mostrando bem até que grau de **degradação humana havia chegado o mulherio**⁸² (*grifos meus*).

Como discutido no capítulo anterior, a prostituição foi tratada como uma questão de profilaxia social entre as décadas de 1940 e 1950 – pela imprensa, nos discursos da *Assembleia Legislativa de São Paulo*, nas ações governamentais e policiais. A

81 Imagem disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093351&Pesq=%22Zona%20do%20Baixo%20Meretr%c3%adcio%22>

82 FONSECA, Guido. **História da prostituição em São Paulo**. São Paulo: Editora Resenha Universitária, 1982. p. 211.

descrição de Guido Fonseca, de cenas que supostamente aconteciam na Zona do Bom Retiro, manifesta dois pontos interessantes: que na década de 1980, prevalecia um discurso muito pautado em ideias eugênicas – “degradação humana”; e também ao fato de que essas mulheres eram sempre associadas à uma linguagem depravada e não formal – “frases abomináveis” –, quase como se tivessem um universal modo de falar, todas as prostitutas.

A sugestão de Fonseca se confirma em uma carta, escrita por um leitor, ao jornal *Diário da Noite*, em 1951. O autor da carta morava em Perdizes, próximo a um bar, e ao presenciar cena indecorosa, escreveu uma reclamação ao jornal:

A farra é completa. Palavrões indecorosos, **berros de homens embriagados, gargalhadas histéricas de mulheres bêbadas**, e, para culminar a cena de depravação e de desrespeito ao sono alheio, **infelizes decaídas, quase nuas**, vão para a rua, à porta do bar, com **palavras obscenas e atitudes imorais**, a provocar os retardatários⁸³ (*grifos meus*).

As mulheres alcoolizadas são tachadas de *histéricas*, enquanto os homens embriagados, são apenas homens embriagados! A histeria, um descontrole emocional, que é exclusivo às mulheres, é evocado para se referir àquelas que bebem – o que naquele momento, não fazia parte do escopo das atitudes permitidas a mulheres descentes. Como a estrutura era (e é) patriarcal, os homens bêbados eram inoportunos para as classes sociais mais abastadas, mas não carregavam um estereótipo próprio de seu gênero, apenas de sua classe.

As *decaídas* também aparecem na carta, associadas a “atitudes imorais” e “palavras obscenas”. Assim como na passagem de Fonseca, o autor se refere a aspectos eugênicos e linguísticos para denotar os incômodos daquelas presenças do submundo, principalmente as prostitutas. É curioso como generalizações de condutas são realizadas para profundamente marcar uma separação, uma diferença, algo que choque a sociedade tradicional. Por submundo, entende-se que:

Não é necessariamente designação de determinado local de uma qualquer cidade. Designa, isso sim, o conjunto de seres humanos que nela vivem, à margem da lei ou dos bons costumes, bem como a ambiência dentro da qual os seus destinos se arrastam. É, pois, designativo mais de classe, digamos assim, que propriamente de local, já que os lugares frequentados por aqueles

⁸³ **ONDE a farra é completa.** *Diário da Noite*, São Paulo, 24 abr. 1951, p. 6. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093351&Pesq=%22decaidas%22&pagfis=20735>

que a ela pertencem, onde se reúnem, residem ou exercem os seus misteres ilícitos, pode que sejam vários e dispersos, espalhados por toda a extensão de uma cidade grande.⁸⁴

Essa urgente necessidade de *regenerar* São Paulo, provocou intervenções no cotidiano das trabalhadoras sexuais, que eram perenemente associadas à sujeira, às doenças, aos jogos e a todos os tipos de vícios que eram considerados nocivos. Como vimos, a fala de Fonseca não é uma novidade quando percorremos as páginas dos jornais da Pauliceia daquele momento. A prostituição era, inclusive, tema recorrente nos periódicos, com representações muito parecidas.

Entre mil e mil e quinhentas mulheres trabalharam na Zona, e a maior parte delas era branca – o que não é estranho quando lembramos da presença em massa das polacas naquele período.⁸⁵ Nos jornais é possível notar que prostitutas negras aparecem menos vezes nos noticiários, o que talvez sugira que realmente eram em menor número – ao menos aquelas possíveis de reconhecer, através de fontes jurídicas, por exemplo⁸⁶, e quando os periódicos faziam recorte de raça, que não tenho certeza se era ou não recorrente naquele período.

Ademais, a grande quantidade de mulheres trabalhadoras sexuais na Zona, a região era caracteriza como “deplorável” e que tinha “imundície por toda parte, sem a menor noção de higiene por parte dos proprietários de estabelecimentos de pasto”⁸⁷, segundo o *Diário da Noite*. Ruas imundas, bares sem higiene alguma, barulho, putas como imorais e donas de palavreado chulo: essa é a Zona e não só ela, mas qualquer lugar ocupado por essas populações.

⁸⁴ JOANIDES, Hiroite de Moraes. *Boca do Lixo*. São Paulo: Editora Labortexto, 2003, (prólogo).

⁸⁵ FONSECA, Guido. **História da prostituição em São Paulo**. São Paulo: Editora Resenha Universitária, 1982. p. 212.

⁸⁶ Um recorte de classe mais apropriado não será realizado neste trabalho por falta de informações suficientes sobre as prostitutas. Como a fonte primária se delimita aos jornais do acervo da *Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, por conta da pandemia de Covid-19, não foi possível realizar pesquisas mais profundas sobre a identidade das prostitutas com mais detalhes, e muitas matérias não fazem esse recorte, impossibilitando uma discussão mais profunda.

⁸⁷ **DEPLORÁVEIS as condições de higiene nos bares da zona do baixo meretrício: antigo W.C transformado em cozinha de um Bar e Café**. *Diário da Noite*, São Paulo, 24 abr. 1948, p. 10. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093351&pesq=%22Zona%20do%20baixo%20meretr%C3%ADcio%22&pasta=ano%20194&pagfis=11291>

A presença de putas, *macumbeiros* – como são chamadas pelos jornais as pessoas que frequentam religiões de matrizes africanas –, vadios, bêbados e todas aquelas pessoas consideradas corrompidas eram constantemente atacadas pelas forças públicas e meios de comunicação, na tentativa de concluir o processo de metropolização da cidade. Alcançar a modernidade também significava marginalizar espacialmente os praticantes da imoralidade e dos vícios, expulsá-los dos bairros nobres, dos hospitais, escolas, templos religiosos, e outros lugares frequentados pela família patriarcal tradicional:

Não iremos, também, ao excesso pretender que se move uma campanha punitiva contra as decaídas como pessoa humana. Todavia, é necessário e imprescindível que se encontrem meios suasórios para impedi-los de perturbar a normalidade da vida de milhares de cidadãos residentes nas imediações do seu reduto.⁸⁸

O vício em drogas também foi associado à figura das decaídas, como dito mais acima. Como mais um argumento para qualificá-las como sujas, desprovidas de higiene, a puta como responsável pela imoralidade da droga, e associada à degeneração da raça:

Se há uma classe, onde, com a maior facilidade, todo e qualquer vício encontra éco, amparo e segurança de êxito, é a das infelizes decaídas. Em número assustador – São Paulo conta hoje com quase dez mil mulheres de vida fácil – essas desamparadas se deixam dominar pelos mais terríveis vícios e estes se alastram com incrível facilidade entre os seus “homens”, e, por sua vez, entre os amigos destes.⁸⁹

A criação de um imaginário que desprovia o submundo de higiene e moralidade também recaía sobre as crianças abandonadas pela cidade. As ações do *Instituto de Puericultura*, discutidas no capítulo anterior, também se revelam importantes para a

⁸⁸ **BOM Retiro ou o mais difícil problema da urb.** Correio Paulistano, São Paulo, 22 ago. 1948, p. 8. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_09&pesq=%22decaidas%22&pasta=ano%20194&pagfis=38862

⁸⁹ **INTENSIFICA-SE a campanha contra os entorpecentes que matam:** comércio com vício e a degradação – no interior do Estado está sendo cultivado a erva maldita – traficantes presos. Diário da Noite, São Paulo, 26 mai. 1947, p. 20. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093351&pesq=%22decaidas%22&pasta=ano%20194&pagfis=8158>

manutenção da nação, quando crianças são condenadas a se tornarem criminosos e decaídas por um jornal de grande alcance, como o *Correio Paulistano* fez em 1955.



Figure 2 - Crianças sendo associadas a futuros delinquentes e decaídas. *Correio Paulistano*, 15 jun. 1955, p. 16⁹⁰

A legenda da imagem acima é importante: “esses serão os homens de amanhã. Não se sabe se em face da negligência do governo e da agrura de suas existências, virão a se tornar criminosos ou decaídas.”⁹¹ Essa legenda é fatalista e com tom chocante, o jornal decreta que essas crianças serão os indesejáveis do futuro. Cinco crianças, vestidas em roupas casuais, ocupam um corredor numa residência. Suponho residência pela presença de varal com roupas penduradas ao fundo, algo que se parece com um bule no canto esquerdo, copos, e outros utensílios domésticos.

⁹⁰ Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=%22decaidas%22&pagfis=26478

⁹¹ **CONTINUAM desamparados os menores delinquentes.** *Correio Paulistano*, São Paulo, 15 jun. 1955, p. 16. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=%22decaidas%22&pagfis=26478

Estão ali prostrados, como se não soubessem da fotografia que foi tirada, já que nenhuma das crianças olha para a câmera.

A previsão de quem serão por conta do local onde vivem – já que a matéria cita a visita em cortiços, por exemplo – traz à tona, mais uma vez, um discurso eugênico e determinista⁹², que vê o ser humano como apto, ou não, e além disso, percebe que aqueles que vivem no mesmo espaço que outros não aptos, serão também os futuros indesejáveis da cidade, que serão continuamente colocados à margem daquilo que chamamos de civilidade.

Como já visto ao longo do trabalho, a partir da metade do século XVIII, na Europa, debates sobre dispositivos de controle e as diferenças entre diferentes populações era uma realidade. Os saberes médico e jurídico, o crescimento populacional e intenso desenvolvimento da cidade capitalista eram processos significativos e que compunham tais debates. Nessa fórmula de aumento populacional e crescimento da indústria, essas ideias foram sendo aprimoradas no século XIX, construindo debates sobre o meio em que viviam os proletários. O meio como formador surge como base de elaborações de que residências mais salubres, geram trabalhadores mais hábeis, e⁹³

Objetivos **sanitários** e **educativos** articularam-se e confundiram-se nas estratégias de uma gigantesca **campanha de higienização e moralização das classes pobres**, lançada no século XIX (no Brasil, a partir sobretudo da década de 1890). Tal ação era entendida como associada tanto à generalização da ordem burguesa quanto à própria sobrevivência dos membros da classe. Enfocando a questão sob o último aspecto, Engels observava que, ao constatarem que os **bairros operários** haviam se transformado em **focos de epidemias** que se alastravam para o resto da cidade “... os burgueses filantropos animaram-se de um nobre estímulo pela saúde dos seus operários” (Engels, 1975, 76)⁹⁴ (grifos meus).

⁹² A ideia de que o meio social em que uma pessoa vive, influenciará em todas as suas atitudes e modo de ser. Essa teoria se entrelaça às ideias eugênicas já discutidas ao longo do Capítulo 1 deste trabalho. Além disso, “o determinismo biológico fornecia a legitimação científica para o ordenamento social, invariavelmente justificando a oposição brancos/ricos x negros/pobres.” FERLA, Luis Antonio Coelho. **Feios, sujos e malvados sob medida: do crime ao trabalho, a utopia médica do biodeterminismo em São Paulo (1920-1945)**. p. 41.

⁹³ CORREIA, Telma de Barros. Projetos de regeneração: a intervenção na habitação proletária. *IN: A construção do habitat moderno no Brasil (1870-1950)*. São Paulo: Editora Rima, 2004, p. 23-24.

⁹⁴ *Ibid*, p. 25.

Além dos proletários que eram associados à difusão de epidemias – o que sugere falta de higiene e saúde pública –, as putas do baixo meretrício (*baixo meretrício = clientela de classes menos abastadas*), como já vimos, também eram associadas à propagação de doenças venéreas e vícios. Tal fato não é uma coincidência, e é coerente quando lembramos que a demanda por esse serviço vinha, principalmente, dos trabalhadores das indústrias.

Outra evidência dessa associação é que a Zona do Baixo Meretrício estava situada entre as ruas Aimorés, Itaboca e Carmo Cintra, no bairro Bom Retiro, tradicionalmente industrial. Ainda no início do século XX, o Bom Retiro já abrigava comércios, indústrias e escolas, que atendiam a uma grande população de diversas localidades, como turcos, sírios e outros.⁹⁵ A partir da década de 1930, quando se intensifica, em São Paulo, a urbanização e a industrialização – década em que o *Plano de Avenidas*, de Prestes Maia, começou a ser implementado na cidade –, processos arquitetônicos, urbanísticos e sociais começam a modificar a cidade, deslocando populações inteiras para outras localidades, e

Importantes mudanças na centralidade também se observam no período. Na década de **1940** a concentração do comércio e serviços voltados para a **elite** já se apresentava deslocada para as áreas do então “**Centro Novo**”, no além-Anhangabaú, e o “**Centro Velho**” se volta às camadas populares⁹⁶ (*grifos meus*).

Com o estabelecimento do Centro Novo⁹⁷ como habitat da elite da cidade, o processo de abertura da Zona do Baixo Meretrício parece fazer parte do movimento de elitização do centro e marginalização das camadas mais pobres, se fazendo necessário a regulamentação do meretrício em um Bairro próximo do Centro, porém,

⁹⁵ MANGILI, Liziane Peres. **Transformações e permanências no bairro do Bom Retiro, SP (1930-1954)**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, 2009. p. 48-49

⁹⁶ *Ibid*, p. 57

⁹⁷ “Naquele momento, São Paulo passou por dois movimentos ao mesmo tempo: expansão e verticalização. Transpor o vale do rio Anhangabaú era uma necessidade e para isso foram construídos o primeiro Viaduto do Chá, em 1892, e o Viaduto Santa Efigênia, em 1913. Na região conhecida hoje como Centro Novo, que corresponde ao distrito da República, ocorreram uma série de intervenções que visavam modernizar e embelezar a cidade.”
Informações retiradas de <https://avidanocentro.com.br/cidades/centro-novo-de-sao-paulo-republica/>
Acesso em 05/07/2021 às 02:31h.

enclausurado para que evitado pelas classes mais abastadas. A disposição das ruas escolhidas garantiria uma vigilância policial mais constante e severa.

A seguir veremos alguns mapas⁹⁸ que podem auxiliar na visualização espacial da localização da Zona; o primeiro deles tem um recorte medianamente ampliado, para que pudéssemos vislumbrar as ruas ocupadas pela Zona do Baixo Meretrício, no Bom Retiro (Itaboca⁹⁹, Aimorés e Carmo Cintra), que estão centralizadas no mapa e marcadas com tarjas roxas. Vê-se que a extensão das ruas não é grande, principalmente a Carmo Cintra, que é uma ligação entre a rua Aimorés e a José Paulino.

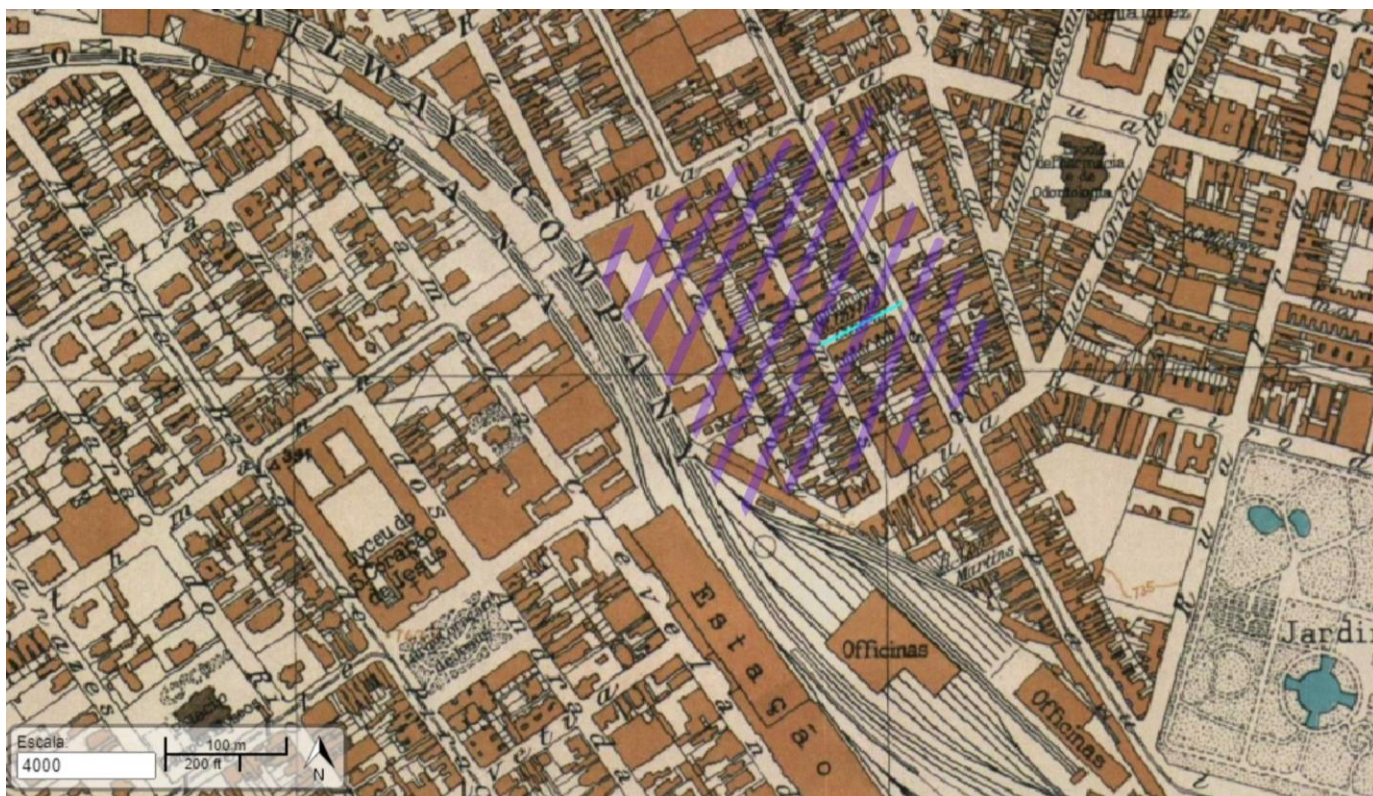


Figure 3 - A região com traços verticais compõe a chamada Zona do Baixo Meretrício, no Bom Retiro. Formada principalmente pelas Ruas Itaboca, Aimorés e Carmo Cintra.

⁹⁸ Os mapas aqui reproduzidos foram elaborados pela autora deste trabalho, a partir da base do Mapeamento do Sara de 1930, disponível em <http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/SBC.aspx#>. Acesso em 05/07/2021 às 11:11h.

⁹⁹ No ano de 1958, a Rua Itaboca teve seu nome modificado, como tentativa de deixar para traz aspectos pecaminosos da cidade, como a própria zona do meretrício. A partir de um decreto-lei, a Rua passou a se chamar Professor Cesare Lombroso, um médico e criminalista italiano que fez parte das movimentações do século XIX, sobre a degeneração da raça, criminalidade e outros.

Nas proximidades da Zona, é possível encontrar a Estação Júlio Prestes (Sorocabana), o Jardim da Luz, algumas oficinas, a São Paulo Railway Company¹⁰⁰, escolas como o Liceu do Sagrado Coração de Jesus, dentre outros comércios e serviços. Linhas férreas de grande importância e que transportavam uma quantidade enorme de pessoas se localizavam no bairro, além de lugares com a presença majoritária de proletários, como as oficinas e a própria linha férrea; além disso, a presença da família tradicional por conta dos colégios próximos também é de importante destaque, já que a partir da segunda metade da década de 1940, se tornou um problema para a permanência da Zona na região.

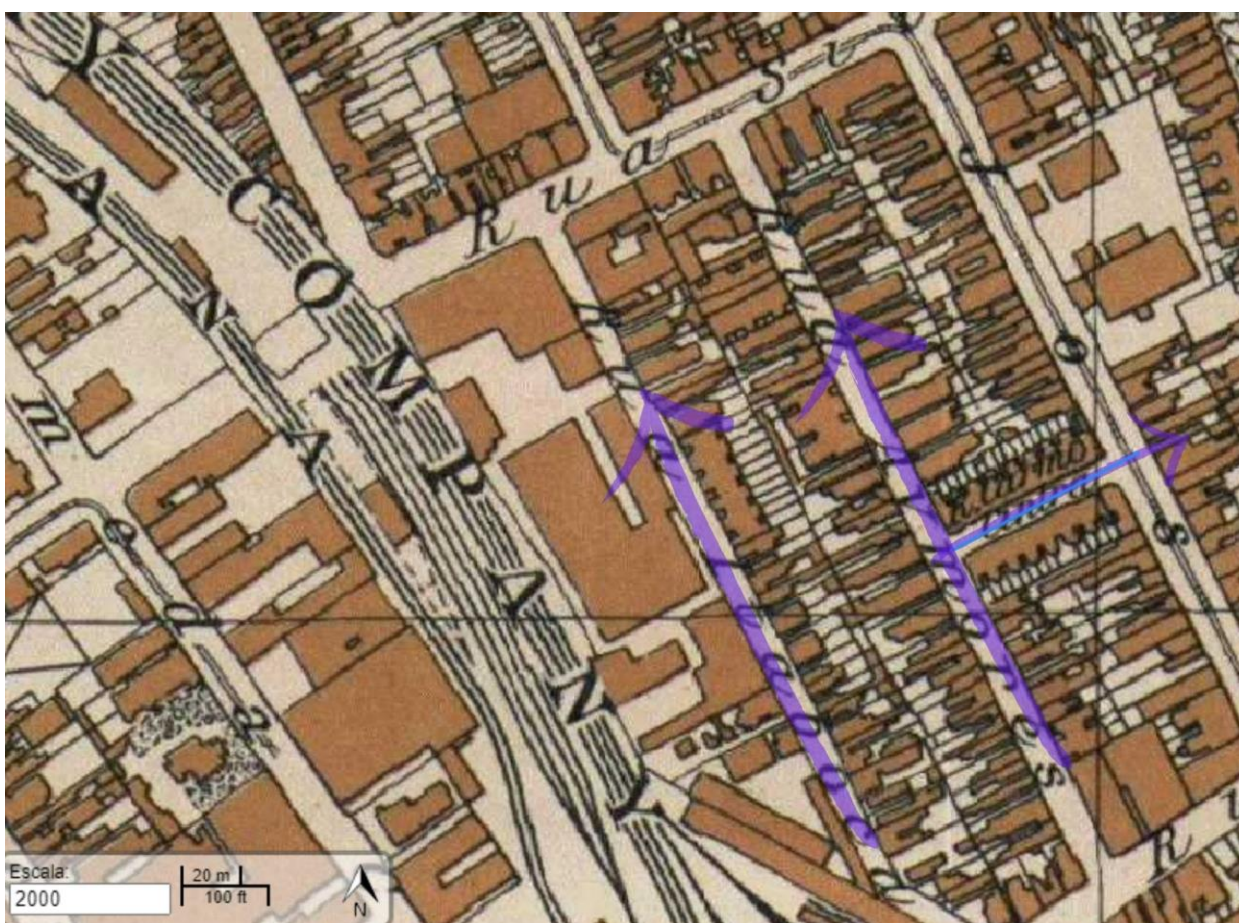


Figure 4 - As três setas indicam as três principais ruas da Zona do Baixo Meretrício

Chegando mais perto das ruas em si, vemos que as mesmas não são extensas, e a Carmo Cintra é ainda menor, quase como um beco. Itaboca e Aimorés são paralelas, e a Aimorés se encontra com a Carmo Cintra, que se mantém numa posição horizontal em relação às outras e vai em direção à rua José Paulino, ainda no Bom

¹⁰⁰ Foi a primeira empresa de ferrovias de São Paulo, responsável por interligar a cidade com o litoral, a partir das linhas Jundiaí a Santos.

Retiro. Inúmeras casas de tolerância funcionaram nesse quadrante entre 1940 e 1953; na década de 1940, os números 384, 142, 110 e 238 da rua Itaboca eram Conventilhos¹⁰¹; na rua Aimorés, os números 167 e 149, mais prostíbulos. Lembrando que estes foram encontrados na imprensa da época, e muitos outros existiram.

Por essas ruas, quando do fechamento da Zona do Baixo meretrício, inúmeras mulheres marcharam na defesa por seus direitos enquanto trabalhadoras, e ao redor das ruas mais tradicionais da zona também. Em um movimento que, aos poucos, foi reconhecido como útil por essas mulheres, e novos territórios se constituem a partir daí.



Figure 5 - a Zona do Baixo Meretrício parecia cercada por três grandes obras naturais e humanas.

A escolha das ruas que iriam compor a Zona foi estudada para que atendesse os parâmetros de controle, através da *Delegacia de Costumes e Jogos*, daqueles que habitavam o submundo. Não parece por acaso a presença de três grandes muros que cercavam a Zona, como em um panóptico. Na parte mais central do mapa, demarcada

¹⁰¹ Informações retiradas de pesquisa realizada por VICENTE, Bianca; e COSTA, Patrícia para a composição de uma exposição chamada **Pauliceia Esfacelada**: demolições e reconfigurações da capital pelo Plano de Avenidas. disponível em www.pauliceia-esfacelada.com. Acesso em 05 jul. 2021, às 12:44h.

por um círculo roxo, vemos as ruas da Zona; à esquerda do mapa, em rosa, vemos a São Paulo Railway; na parte inferior, em laranja, o Jardim da Luz; e à direita na parte superior, em azul claro, o Rio Tamanduateí.

Os cercos às trabalhadoras sexuais vinham de variadas direções. Vimos como o discurso de higiene e regeneração impactou o cotidiano dessas mulheres; conformando, inclusive, o local de reclusão e vigilância próprio do meretrício na cidade. A seguir, a figura do cliente – todas as matérias analisadas para este trabalho resultaram em clientes homens – como o agressor, representando de maneira genérica a figura do homem em relação a da mulher, e de quais maneiras decorreu.

2.2 Clientela e violência

No conjunto das proletárias prostitutas, encontram-se mulheres que trabalham sob boas condições, e mulheres que não, como acontece em todas as outras profissões.¹⁰² Porém, por ser o trabalho sexual uma profissão não regulamentada, as trabalhadoras não têm para onde recorrer, caso sofram algum tipo de acidente de trabalho. E esses acidentes de trabalho podem, muitas vezes, resultar em violências físicas. Ainda hoje, mesmo após vitórias dos movimentos feministas, como a criação da *Lei Maria da Penha* (Lei nº 11.340/2006)¹⁰³, as prostitutas não conseguem fazer com que a Lei seja a elas aplicadas, quando sofrem algum tipo de agressão de seu cliente, como relata Duda Ferrarini¹⁰⁴:

Sim... **A Lei Maria da Penha ela não fala sobre nós né...** na verdade ela só serve pra uma mulher que tem vínculo com o homem há algum tempo... então, quando a gente vai numa Delegacia, a gente entra num embate porque o policial olha pra gente, ou o delegado olha pra gente, e fala: “ah, mas isso não é comigo, isso é um desacordo comercial.”, **sendo que eu sou uma mulher, sofrendo uma violência** né, que isso pode culminar num

¹⁰² Essa ideia é proposta por FERRARINI, Duda. **A mulher do asfalto**. [Entrevista concedida a] COSTA, Patrícia. São Paulo: maio de 2021. (Entrevista na íntegra em Anexos I).

¹⁰³ “Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências.” Retirado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/111340.htm

¹⁰⁴ Prostituta porque decidiu ser, militante e defensora dos direitos trabalhistas das trabalhadoras sexuais, coordenadora adjunta da ANPROSEX.

feminicídio... porque trata de um feminicídio quando uma mulher morre em atendimento! Então isso é muito complicado, a gente tem que conversar sobre isso e acho que isso deve ser conversado muito mais dentro do movimento e depois deve ser levado pra sociedade, pra ser discutido e ter leis sérias!!!!¹⁰⁵ (*grifos meus*).

Tendo a certeza de que não são todas as trabalhadoras sexuais que sofrem com violências de seus clientes, e que existem locais de trabalho salubres e seguros para as putas, as notícias aqui discutidas demonstrarão aspectos da imprensa do período estudado (1940-1955). As narrativas dos jornais *Diário da Noite* e *Correio Paulistano* claramente elencavam a prostituição como algo negativo para a mulher, sendo recorrentes notícias que contavam algumas das violências sofridas pelas trabalhadoras sexuais. Talvez para manter viva a ideia de monstrosidade, imoralidade; e para justificar as ações de salvacionismo. Queremos deixar claro que a realidade da profissão vai além das narrativas apresentadas pela imprensa, e que em suma ouvir as trabalhadoras sexuais é o primeiro passo para compreender a situação das putas no Brasil.

Antes de adentrar o universo das publicações desses jornais, é relevante pensar sobre a situação desse homem, o cliente que agride a mulher puta. Seria ele um homem muito violento, ou o homem que defendia sua honra? Pensemos nele. Enquanto descortinamos a socialização da mulher, podemos perceber como funcionavam as regras criadas pelos homens e pelo Estado patriarcal; foram, em suma – ao menos institucionalmente – os homens que criaram os padrões que deveriam ser seguidos, e isso porque foram também os homens que conduziram os instrumentos capitalistas – ou foi isso que nos fizeram acreditar.

Além de escreverem as leis e serem também responsáveis por sua aplicação, os homens estavam amparados em aspectos que compuseram a formação das sociedades modernas. O Estado patriarcal, para Gerda Lerner, foi institucionalizado pelo *Código de Hamurabi*¹⁰⁶:

¹⁰⁵ FERRARINI, Duda. **A mulher do asfalto**. [Entrevista concedida a] COSTA, Patrícia. São Paulo: maio de 2021. p. 3.

¹⁰⁶ Conjunto de leis escritas por um rei da Suméria no século XVIII a.C., na Mesopotâmia. Foram mais de duzentas leis escritas em letras cuneiformes, contendo direitos e deveres dos cidadãos. Esse código penaliza de forma muito mais brutal as mulheres. Para mais informações, ver LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**. (2019).

O Código de Hamurabi marca o início da institucionalização da família patriarcal como um aspecto do poder do Estado. Reflete uma sociedade de classes na qual o status da mulher dependia do status e da propriedade do chefe de família homem. A esposa de um burguês empobrecido poderia, pela mudança de status dele, contra a sua vontade e sem ter feito nada, passar de mulher respeitável para escrava por dívida ou prostituta. Por outro lado, o comportamento sexual de uma mulher casada, como adultério [...] podiam rebaixá-la de uma maneira que nenhum homem poderia ser rebaixado pelo próprio comportamento sexual.¹⁰⁷

Ao longo da história da humanidade, a história contada pelos homens prevaleceu, e a formação do *Código de Hamurabi* é um exemplo desses processos de dominação masculina. O Código é importante pois restringe a sexualidade feminina, que antes era assunto particular da família, e passa a ser assunto da corte; o ato de controlar a sexualidade feminina na Mesopotâmia, que deve ser virgem até o matrimônio, por exemplo¹⁰⁸, respinga na vida das mulheres em meados do século XX.

A religião cristã, em seus primórdios, também gerou efeitos que conformam a sociabilidade de um homem e que persistem ao longo dos séculos da história da humanidade e “desde tempos muito antigos [...] o clero reconheceu o poder que o desejo sexual conferia às mulheres sobre homens e tentou persistentemente exorcizá-lo.”¹⁰⁹

Apoiados nessas concepções, esses homens que agrediam as trabalhadoras sexuais eram, em suma, jovens entre 20 e 30 anos, frequentadores da Zona, pois geralmente eram clientes mais recorrentes que se tornavam violentos. Das cinco matérias aqui discutidas, apenas um tinha mais de 30 anos, e quase todos eram solteiros. O recorte de raça não é evidente, já que apenas uma das matérias faz a declaração de que o agressor era pardo.

As linhas dos jornais trazem informações relevantes para a história da prostituição no Brasil, revelando narrativas sombrias que tendiam a transportar o discurso estatal e elitizado sobre as mulheres, sobre a moral e sobre a higiene. Os homens eram os superiores e foram socializados a se sentirem assim. Sem acesso

¹⁰⁷ LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Editora Cultrix, 2019. p. 181.

¹⁰⁸ Ibid, p. 154.

¹⁰⁹ FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Editora Elefante, 2017. p. 80

às falas das próprias trabalhadoras sexuais, é possível vislumbrar a cotidiana construção midiática sobre os grandes males que ser uma mulher que vende seu corpo poderia trazer para a sociedade no geral.

Maíra Rosin¹¹⁰, em um artigo publicado na revista *Quatro Cinco Um*, chamado *A cidade de mulheres ocultadas*¹¹¹ conta a história de uma prostituta chamada Nenê Romano que, em 1918, levou uma navalhada no rosto, a mando da esposa de um de seus clientes. Anos mais tarde, em 1923, foi assassinada por seu amante. Essa história muito se assemelha à trajetória de outra puta – e provavelmente de tantas outras –, Wanda de Sousa:

Na noite de ontem, Carlos Cruz, alegando que estava um pouco indisposto, pretendeu dormir no quarto da amante no que Wanda de Sousa não concordou. Carlos e Wanda começaram a **discutir violentamente**, ocasião em que ela *disse-lhe* que estava cansada de ser explorada e que ele fosse tratar de sua vida. Carlos Cruz, diante da resolução da amante, ficou furioso e, **sacando de uma navalha, desferiu violento golpe no rosto de Wanda**, ferindo-a gravemente¹¹² (*grifos meus*).

Nenê Romano e Wanda de Sousa foram atravessadas por homens violentos. E no caso de Wanda, que trabalhava na Zona do Baixo Meretrício, na Rua Itaboca nº 142 – como relata o jornal –, em uma casa de tolerância, e, nesses lugares, “a violência é uma dimensão constitutiva das relações sociais que aí se estabelecem: entre prostitutas e fregueses, entre caftinas e meretrizes.”¹¹³ Interessante perceber que ambas foram atingidas no rosto, o que pode caracterizar um apelo de ciúme e a vontade de desfigurar aquela mulher, talvez tirar dela sua beleza, marcá-la onde todos possam ver, como uma ação movida pelo ego masculino de guerreiro que não pode perder a batalha.

¹¹⁰ Maíra Rosin é doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (2021) e tem como temas principais de pesquisa a cidade de São Paulo, direito penal e história urbana. Informações retiradas de <https://bv.fapesp.br/pt/pesquisador/668014/maira-cunha-rosin/>

¹¹¹ Disponível em <https://www.quatrocincoum.com.br/br/artigos/as-cidades-e-as-coisas/a-cidade-de-mulheres-ocultadas>

¹¹² **RETALHOU o rosto da amante com vários golpes de navalha:** o agressor vivia às expensas da vítima. *Diário da Noite*, São Paulo, 08 de jun. 1946, p. 8. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093351&Pesq=%22Rua%20Itaboca%22&pagfi s=4938>

¹¹³ RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite:** prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). São Paulo: Paz e Terra, 2008. 2ª edição, p. 259.

Locais de prostituição de baixo custo são mais violentos por motivos práticos como maior rotatividade de clientes, a presença de homens alcoolizados, a falta de segurança aptos a prestarem socorro às mulheres, ou mesmo a falta de locais salubres de trabalho; além disso, “o próprio fato de estar cercado por amigos influentes na vida pública da cidade impunha determinados limites e regras civilizadas de conduta aos homens.”¹¹⁴. O fato de homens de influência social, econômica e política buscarem por sigilo também pode servir de proteção para as trabalhadoras sexuais, quando esses homens farão de tudo para preservarem seus nomes.

Esses locais insalubres de execução do trabalho sexual muitas vezes são compostos por travestis – porque são extremamente negadas pela sociedade patriarcal, porque são mulheres, mas não são assim vistas pelos homens cis no comando. A imprensa tradicional e que tivemos acesso não ofereceu nenhum vestígio dessas mulheres, transformando-as invisíveis para aqueles que só enxergam o que lhes convém. Mas, por certo, vivências de travestis compuseram e compõem a cena da prostituição para classes menos abastadas. Amara Moira, em *E se eu fosse pura* (2018) fala sobre sua experiência enquanto travesti e puta nas ruas:

Não sei se por estar trabalhando em texto os programas que faço (e com isso forçando uma reflexão), ou se é por a coisa ser violenta mesmo e eu só aos poucos estar me dando conta disso, a questão é que cada vez mais, cada novo cliente que me aparece, a experiência da rua se torna mais parecida com uma experiência de abuso, assédio, estupro... (os relatos que ouço de lixo que tirou o capuz sem a travesti perceber ou que pôs arma na cabeça dela e a obrigou a dar sem), as violências verbais todas, as falas a respeito da esposa [...], tudo tem transformado radicalmente a experiência da prostituição pra mim.¹¹⁵

Não foram encontradas narrativas sobre as travestis entre 1940 e 1955 na imprensa de São Paulo. Mas o relato de Amara Moira transmite uma experiência que certamente foi compartilhada por travestis nas décadas estudadas. Hoje, Moira pode falar! Mas as prostitutas tinham seus discursos disseminados, ou elas eram reprimidas muito mais que hoje, na metade do século passado?

No dia 23 de novembro de 1941, João Ferreira atira contra Judite de Freitas, e a fere gravemente. O caso é que a decaída Judite se envolveu, três meses antes com

¹¹⁴ Ibid, p. 260.

¹¹⁵ MOIRA, Amara. **E se eu fosse pura**. São Paulo: Editora hoo, 2018. p. 93.

João, e mantiveram relações conturbadas, segundo relatos da caftina de Judite. No fim da tarde do dia 22 de novembro de 1941, João entrou na casa de Judite e atirou contra seu peito; assim que a amante caiu no chão, João atirou contra si mesmo. Foram levados ao hospital, os dois feridos gravemente.¹¹⁶

26 de dezembro de 1949, Manuel Vieira Lelis “lançando mão de uma garrafa deu várias pancadas nas mulheres [prostitutas], deixando-as gravemente feridas. Quis fugir, mas foi detido.”¹¹⁷, em um prostíbulo na rua Itaboca nº 142. A reportagem não foi encontrada completa, porém, Manuel diz ser amante de uma das decaídas atingidas. A motivação do ataque não está esclarecida, mas além de acertar sua amante, Manuel atingiu outra trabalhadora do local.

25 de agosto de 1949, Tereza Gomes, decaída residente à rua Itaboca nº 208, levou um tiro de seu amante, Bertoldo da Silva; após atirar em Tereza, ele atirou no próprio peito. As motivações de Bertoldo foram ignoradas pela polícia, e os dois foram levados ao *Hospital das Clínicas* em condições precárias.¹¹⁸ Os casos de Manuel e Bertoldo são semelhantes e são separados por curto espaço de tempo, sendo assustador pensar a que ponto a dinâmica patriarcal reverbera na vida das mulheres.

Julieta Magalhães Couto, 26 anos, puta, levou uma cadeirada na cabeça de Antônio Peres Martins no dia 22 de janeiro de 1941, na Zona do Baixo Meretrício. Ele foi preso e será interrogado; Julieta teve sangramento grave e foi encaminhada ao hospital.¹¹⁹ A cena aconteceu na Rua Itaboca, e as motivações de Antônio não são relatadas pelo jornal.

¹¹⁶ **CENA de sangue na rua Itaboca.** Correio Paulistano, São Paulo, 23 nov. 1941, p. 2. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_09&pesq=%22Rua%20Itaboca%22&pasta=ano%20194&pagfis=9072

¹¹⁷ **AGREDIDAS no prostíbulo.** Diário da Noite, São Paulo, 26 dez. 1949, p. 9. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093351&pesq=%22decaidas%22&pasta=ano%20194&pagfis=16919>

¹¹⁸ **DEPOIS de alvejar a mulher, tentou suicidar-se.** Correio Paulistano, São Paulo, 25 ago. 1949, p. 2. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_09&Pesq=%22Rua%20Itaboca%22&pagfis=43768

¹¹⁹ **AGREDIU a meretriz com uma cadeira.** Correio Paulistano, São Paulo, 23 jan. 1941, p. 15. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_09&pesq=%22Rua%20Itaboca%22&pasta=ano%20194&pagfis=4830

Estas são apenas algumas, dentre tantas outras histórias de mulheres que sofreram ataques de seus clientes. Histórias que o jornal não colocou em suas páginas, mas que provavelmente existem. Tereza, Judite, Wanda, Amara, Nenê. Mulheres que foram violentadas por homens que de alguma forma, acreditavam que por serem mulheres, não deveriam, de forma alguma, sentirem independência, liberdade de venderem seus corpos, sem que fossem condenadas por isso, de algum jeito.

As violências de clientes com as trabalhadoras sexuais são permitidas em um Estado patriarcal, que reforça a ideia de superioridade masculina, inclusive através dos meios de comunicação. A construção do Estado patriarcal,

Ao fazer com que o termo “homem” incluísse “mulher”, atribuindo-lhe a representação de toda a humanidade, os homens criaram um erro conceitual de grandes proporções em todo o seu pensamento. Tomando a metade pelo todo, não apenas deixaram escapar a essência do que quer que estivessem descrevendo, mas distorceram-na de tal maneira, que não conseguiram vê-la do modo correto.¹²⁰

O erro conceitual que engloba as mulheres no termo homem produz também as violências cotidianas sofridas por essas mulheres, que como já discutido, não têm para quem recorrerem. Além de civis, homens que exerciam cargos policiais e militares também agrediam trabalhadoras sexuais, inclusive fazendo parte de suas próprias funções como mantenedores da ordem social, como veremos a seguir.

2.3 Instituições pelo fim do comércio do sexo

Força policial, discurso cristão, e o *Serviço Social do Estado de São Paulo* são três forças que produziram efeitos contraditórios na vida das putas entre os anos 1940 e 1955. A polícia, além de ser responsável por controlar as movimentações das prostitutas – ou seja, onde estão indo, onde estão trabalhando –, também atuou de forma violenta contra as mesmas. A religião cristã discursava sobre a bondade de Cristo e salvação das decaídas, e com o apoio estatal, caracterizado pelo *Serviço*

¹²⁰ LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Editora Cultrix, 2019. p. 270.

Social, que adotara a mesma abordagem, compuseram uma força não desprezível na ação contra a prostituição.

Em 31 de dezembro de 1953, a Zona do Baixo Meretrício, situada em Bom Retiro – principalmente nas ruas Aimorés, Itaboca e Carmo Cintra –, foi fechada. Sobre o ocorrido, o então governador de São Paulo, Lucas Nogueira Garcez¹²¹ discursou para a TV Tupi, e a transcrição de trechos foi disponibilizada pelo *Diário da Noite*. Garcez foi um dos articuladores da campanha para o fechamento da Zona, e naquele momento, comemorava uma vitória, além de expressar o tom salvacionista da campanha:

Finalizando sua palestra diante das câmeras da TV-Tupi, disse o governador do Estado: - “Ao tomar consciência de tal **anomalia** foi iniciada a campanha que ora entra em sua fase final, ficando evidente que não se trata de uma campanha de coação policial e, sim, de **recuperação social**. Ao lado do combate legal ao exercício ilegal do lenocínio, é indispensável o trabalho pela **educação moral e social de suas vítimas**, que será feito pelo **Serviço Social do Estado**, que se encontra perfeitamente aparelhado para exercitá-lo”¹²² (*grifos meus*).

Garcez traz à tona alianças e pressupostos importantes para entendermos a complexidade do fazer trabalho sexual naquele período. “Anomalia”, irregularidade, anormalidade. Valendo-se de uma dessas palavras, o governador situa as prostitutas e as caftinas e os caftens em uma dimensão inferior, marginalizada na cidade de São Paulo. Porém, com as caftinas e caftens, mantinham uma relação mais profissional, já esses eram os chefes da massa de trabalhadoras e, portanto, pertencentes a uma hierarquia mais elevada; sendo assim, não eram os primeiros a sofrer a violência policial, quando o eram. Quando se fala em recuperação social parece ser uma aproximação com os discursos cristãos salvacionistas em relação às prostitutas. E, por fim, declara a aliança com o *Serviço Social do Estado*, que será responsável por articular a recuperação social e moral das decaídas.

¹²¹ Lucas Nogueira Garcez (1913-1982) foi um engenheiro e político brasileiro, que entre os anos de 1951 e 1955 foi governador do Estado. Nesse período, foi responsável por articular o fechamento da zona do Bom Retiro.

¹²² GUIMARÃES, Almir. **Iniciado hoje o fechamento da Zona do Baixo Meretrício**. *Diário da Noite*, São Paulo, 31 dez. 1953, p. 16 e 6. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093351&pesq=%22Fechamento%20da%20Zona%22&pasta=ano%20195&pagfis=29801>.

Por traz do discurso político de Garcez, a imprensa revela que o fechamento da Zona do Baixo Meretrício não fora sobre recuperação social, mas palco de violência policial contra as trabalhadoras daquelas tantas casas de tolerância. Diante da invasão da polícia – para efetivamente fechar os locais de trabalho das putas e expulsá-las da região –, as prostitutas saíram em passeata em defesa de seus direitos de trabalhar. Duas narrativas sobre esse episódio, uma publicada no jornal *Diário da Noite*, e outra escrita em livro de memórias de Hiroito Joanides, chamado *Boca do Lixo*, refletem duas perspectivas opostas, sendo úteis para demonstrar as nuances da verdade.

Definida como “rebelião das meretrizes” pelo *Diário da Noite*, as prostitutas naquela manifestação estavam “visivelmente embriagadas [...] saíram à rua, tudo depredando em meio a grande tumulto. Autoridades policiais da Central de Polícia [...] e, posteriormente, um pelotão de choque da Força Pública” apareceram para conter as prostitutas.¹²³ Rebelião carrega um sentido pejorativo, quase como se aquele que a comete fosse o inimigo; definir mulheres que pretendem defender seus direitos trabalhistas como rebeldes é no mínimo, injusto. Além disso, o jornal evidencia a condição de alcoolizadas das mulheres ali presentes – coisa que nunca teremos certeza –, associando as prostitutas a vícios, o que era muito comum naquele momento.

A luta das trabalhadoras sexuais na manifestação, tratada como rebelião, pela imprensa, pode ser interpretada também como uma defesa dos seus locais de moradia, uma vez que grande parte das mulheres morava e trabalhava nas casas de tolerância, pois, enquanto indivíduos marcadas socialmente pelo ofício, eram banidas das regiões fora da Zona e, para evitar conflitos com a polícia, moravam ali.

Sobre o mesmo episódio, Hiroito Joanides, um frequentador assíduo da Zona e que, mais tarde, se tornou rei da Boca do Lixo, conta que:

Houve princípios de tumulto, **repressões violentas**. Nos dias que se seguiram, aquele rebanho, ora matilha, intentara ainda **opor resistência ao decreto, que num só golpe lhes vinha impor o desemprego e o desabrigo**. Atabalhoadamente e aos grupos as prostitutas, por vezes

¹²³ **CONSEQUENCIA do fechamento da zona do baixo meretrício**. *Diário da Noite*, São Paulo, 04 jan. 1954, p. 16. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093351&pesq=%22Fechamento%20da%20Zona%22&pasta=ano%20195&pagfis=29817>

dezenas delas, saíam às ruas adjacentes, em *minipasseatas*, zoando semivestidas, tendo por estandarte as suas posturas impudicas, **até que a Força Pública chegava. Vinha então a debandada, gritos, cacetadas**¹²⁴ (*grifos meus*).

Uma narrativa da imprensa, que coloca as mulheres numa categoria inferior, viciada, depravada; imprensa esta que na década de 1940, vinculava *Concursos de Eugenia*, sem nenhum questionamento sobre a marginalização social que decorreu de ideias eugênicas e deterministas. Do outro lado, fragmentos da memória de Hiroito, que passeou pelas ruas Itaboca, Aimorés e Carmo Cintra (as principais ruas da Zona do Baixo Meretrício), consumidor do comércio do sexo, e que presenciou o fechamento daquelas casas de tolerância; repressão policial, passeata – que tem sentido menos pejorativo que rebelião – cacetadas, elementos que nos transferem para outro cenário. Quando o primeiro é voltado a demonstrar o quão nocivo aquelas mulheres eram para a sociedade, o segundo conta uma história de luta por sobrevivência. A violência policial contra as putas não é uma novidade, e “o controle policial da prostituição feminina [...] se realiza essencialmente através do controle da mulher prostituta.”¹²⁵

Há fragmentos de violência policial contra as prostitutas antes do fechamento da Zona também, como um caso que aconteceu em 20 de junho de 1951, em que Realino Goudinho, um Praça da Força Pública, agrediu as decaídas Concheta Tiessi e Nair Paulino Rossi, em um prostíbulo na Rua Itaboca, nº 118.¹²⁶ A notícia, muito curta, não oferece detalhes do que aconteceu com as trabalhadoras sexuais, apenas informa que os três foram levados ao Hospital, e depois prestariam depoimentos.

¹²⁴ JOANIDES, Hiroito de Moraes. **Boca do Lixo**. São Paulo: Labortexto Editorial, 2003. p. 33.

¹²⁵ FELDMAN, Sarah. **Segregações espaciais urbanas**: a territorialização da prostituição em São Paulo. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1988, p. 18.

¹²⁶ **AGREDIDAS pelo Praça**. Diário da Noite, São Paulo, 20 jun. 1951, p. 14. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093351&Pesq=%22decaidas%22&pagfis=24777>

A decaída Maria Theodora Pinto, em 12 de maio de 1941 foi agredida por um soldado do Exército de apelido King; foi instaurado inquérito sobre o caso e os ferimentos de Maria foram leves.¹²⁷

A violência policial contra as prostitutas, principalmente da *Delegacia de Costumes e Jogos*, foi prática usual desde a abertura da Zona do Baixo Meretrício, até o seu fechamento; e, após o fechamento da Zona, produzindo dispersão de muitas trabalhadoras, que passaram a ocupar outros espaços da cidade, como a região central¹²⁸.



Figure 6 - Trabalhadoras sexuais sendo abordadas por Investigadores no centro da cidade. *Diário da Noite*, 23 dez. 1955, p. 20¹²⁹

¹²⁷ **AGRESSÃO na rua Itaboca.** *Correio Paulistano*, São Paulo, 13 mai. 1941. *Factos Diversos*, p. 15. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_09&pesq=%22Rua%20Itaboca%22&pasta=ano%20194&pagfis=6322

¹²⁸ O motivo mesmo da abertura da Zona do Baixo Meretrício parece estar atrelado ao fato de que essas mulheres ocupavam regiões que estavam se elitizando, como a própria região central; esforços para que a cidade (e, considera-se cidade apenas os territórios ocupados por classes mais abastadas) se manteve limpa, sem a presença visível de populações pobres, foram reforçando a ideia de marginalização. Até que em 1940 a Zona regulamentada surge em São Paulo.

¹²⁹ **TRIPLICOU na cidade o número de decaídas.** *Diário da Noite*, 23 dez. 1955, p. 20. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093351&pesq=%22Fechamento%20da%20Zona%22&pasta=ano%20195&pagfis=37926>

Diante do problema da prostituição e principalmente a partir do fechamento da Zona, que não resolvera efetivamente a situação, já que as decaídas continuaram a trabalhar. A ideia de regeneração era pauta mesmo em matérias que não discutiam as obrigações do *Serviço Social* de salvação, mas que relegavam as mulheres à falta de atributos necessários para se viver em sociedade:

Ora, uma **readaptação** dessas criaturas para outras atividades é trabalho lento. Uma vez **desajustadas**, mulheres analfabetas e já **corrompidas** dificilmente compreenderão a necessidade de procurar trabalho honrado, para o qual a remuneração em geral se apresenta precária e penosa.

O caminho mais acertado, segundo objetivos nos parece, seria em primeiro lugar, **a localização bem distante, insuscetível de contato com o resto da população**. Posteriormente, **rigoroso controle das decaídas**, por parte da polícia [...] ¹³⁰ (*grifos meus*).

Distância de ambientes frequentados pelas famílias – hospitais, templos religiosos, escolas –, controle policial, readaptação. A prostituição é vista como um impasse difícil de resolução, quando exclui a própria mulher prostituta do processo de melhora de seu ambiente de trabalho. Além disso, se mantém a ideia de que as putas estão fora de alguma coisa ou lugar; como foi discutido no capítulo anterior, a medicina da mulher – em conjunto com outras instituições patriarcais – criou um padrão aceitável e de espectro muito limitado sobre o que é ser mulher, fazendo com que aquelas que, por exemplo, se atentassem à própria sexualidade e prazer fossem condenadas e relegadas a tal falta de alguma coisa.

Como visto nas falas de Garcez na TV Tupi, em 1953, o *Serviço Social do Estado de São Paulo* teria envolvimento direto no trabalho de regeneração social das mulheres prostitutas, a partir de uma educação moral. A ideia de regeneração social – que está associada à readaptação que surge na matéria acima –, muito associada a discursos eugênicos, como já visto anteriormente, pressupõe que nessas mulheres persiste a falta. A falta de moral, de saúde, higiene, sobriedade, pureza. Regenerar, renovar, recompor, palavras nos remetem a total mudança, a um giro de cento e oitenta graus para outra direção, a correta.

¹³⁰ **UM problema social**. Correio Paulistano, 15 de jan. 1953, p. 16. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=%22decaidas%22&pagfis=14348

O *Serviço Social*, que era associado à *Secretaria de Saúde*, seguia, então, os pressupostos acima destacados. Em comunicado realizado pelo diretor do Serviço no ano de 1953, Luiz Rodrigues Alves, fica evidente que, além de estar trabalhando em conjunto com a *Delegacia de Costumes* – que como vimos, praticava violências contra as mulheres prostitutas –, vê-se, associada à ideia de regeneração, que a volta para a casa paterna é ação importante para que o fim do trabalho sexual fosse uma realidade. Esse aspecto nos interessa já que o funcionamento de uma família patriarcal prevê a inferioridade da mulher, colocando-a no lugar que deve ser ocupado por mulheres. Abaixo, trechos do pronunciamento de Luiz Rodrigues Alves:

As mulheres que foram **retiradas** da zona do meretrício – acentua o sr. Rodrigues Alves – estão sendo assistidas pelo Departamento de Serviço Social, para seu encaminhamento a outras atividades, instituições de assistência de caráter particular, assim como facilitado **o regresso à casa paterna**. Evidentemente que não são todas, mas apenas as que aceitam a colaboração do nosso Serviço. Aliás, **vimos trabalhando desde janeiro de 1950**, assistindo a mães solteiras, moças que os pais repudiaram por terem sido seduzidas, gestantes em dificuldades pelos mesmos motivos, assim como **meretrizes que querem realmente se recuperar**, merecendo todas elas as atenções e cuidados do Departamento¹³¹ (*grifos meus*).

A fala do diretor do *Serviço Social* também se utiliza do argumento de que as trabalhadoras sexuais precisam se recuperar. Retiradas à força da Zona do Baixo Meretrício, sem aparato legal, já que prostituir-se não é crime no Brasil¹³², essas mulheres carregaram o fardo da *Queda de Eva*¹³³, intrínseco em uma sociedade que se diz laica, mas que assume posições baseadas em preceitos cristãos, sendo eles positivos, ou não. É interessante que a assistência do *Serviço Social* às meretrizes acontecia desde 1950, ano em que discussões sobre o tema ganham um tom

¹³¹ **AÇÃO conjunta da polícia e da Assistência Social para combater o lenocínio em S. Paulo.** Correio Paulistano, 10 jan. 1953, p. 16. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=%22decaidas%22&pagfis=14284

¹³² A prostituição não é crime, mas também não é regulamentada, gerando mais facilidade de arbítrio por parte da polícia e do Estado nas ações de contenção da profissão. Ao passo que não é ilegal, mas que não há estabelecimentos de direitos e deveres dessas mulheres na Constituição, suas vidas ficam à mercê de mudanças políticas e ideológicas, que, em suma, tendem a marginaliza-las.

¹³³ Narrativa bíblica que trata do momento em que Eva sucumbiu ao desejo e fez com que a humanidade fosse expulsa do paraíso. A mulher se vê como perpetuadora do sofrimento advindo da vida fora do paraíso cristão, e esse pressuposto culminou em repressões da sexualidade feminina, sempre associado ao pecado.

regenerador. Também as atividades da Igreja Católica vão ao encontro com as do *Serviço Social*, e servem, aparentemente, de base para o discurso salvacionista.

Em mensagem apresentada pelo Governador Jânio Quadros à *Assembleia Legislativa de São Paulo*, em 14 de março de 1955, o *Serviço Social* é citado como ainda responsável pelos trabalhos de recuperação moral e social da mulher puta¹³⁴, evidenciando o caráter do discurso do Estado sobre as trabalhadoras, e além disso, comprova que a ideia de regeneração, falta, inferioridade, partia do Estado, em primeira instância – já que o aparato estatal tem força para reprimir, a partir da polícia.

Como pano de fundo desse cenário de instituições estatais que, ora reprimiam violentamente as prostitutas e as realocavam como se autonomia não tivessem e a lugar nenhum pertencessem, ora discursavam sobre a importância da volta à vida digna das mercadoras do amor, estavam os discursos e ações da Igreja Católica; instituição que não faz parte do Estado, ou pelo menos não o é oficialmente.

Também voltados a erradicar o comércio do sexo, e com apelos às obrigações divinas das mulheres, a Igreja Católica faz parte do mesmo processo, de construção dessas narrativas, tão contraditórias e que parecem relegar às mulheres cada vez menos espaço social. Em meados do século XIX já existiam instituições católicas que previam o salvamento das decaídas, como é o caso da *Ordem das Irmãs Oblatas do*

¹³⁴ QUADROS, Jânio. *Serviço Social do Estado. IN: Mensagem apresentada pelo Governador Jânio Quadros à Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo*, 14 de mar. 1955, p. 79. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800945&pesq=%22Fechamento%20da%20Zona%22&pasta=ano%20195&pagfis=4042>. Acesso em 29/06/2021 às 22:15.

*Santíssimo Redentor*¹³⁵, fundada por Antonia de Oviedo¹³⁶ com a cooperação do bispo de Daulia¹³⁷; a ordem se disseminou por outros países e existe até os dias atuais¹³⁸.

Podemos ler que “realizou-se, na sede da Confederação das Famílias Cristãs, sob o patrocínio dessa instituição e com o apoio do Serviço Social do Estado [...] uma série de conferências sobre o problema da recuperação social das decaídas.”¹³⁹ E nessas conferências, a prostituição fora considerada um problema educacional e econômico, e quaisquer medidas que tratassem do tema, ou mesmo do lenocínio, deveriam partir desse ponto. Também é citada a ideia de que condições prévias para que mulheres não se sujeitem ao trabalho sexual devem ser criadas com urgência, e tais condições seriam previstas pelo Estado, “todavia, no plano preventivo, cabe à família, como instituição responsável pela formação do homem – fonte da vida no sentido biológico e no sentido moral – a função essencial da educação”.¹⁴⁰

Na defesa de que o trabalho sexual é imoral, pernicioso e que com as habilidades corretas, as mulheres seguiriam caminhos de plena moralidade e fé, ao passo que as proposições de tais conferências sugerissem que a recuperação moral da decaída era de suma importância – e assim, sua reinserção social – também entendem que repressão policial é mais do que necessária para conter os males da prostituição na

¹³⁵ HELOU, Miguel. **Uma obra social digna de apoio**. Correio Paulistano, 25 fev. 1951, p. 5. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&pesq=%22decaidas%22&pasta=ano%20195&pagfis=5221

¹³⁶ Antonia Maria de Oviedo Schönthal (1822-1898). Nascida na Suíça, esteve em relações estreitas com o catolicismo na maior parte de sua vida. Trabalhou para a família real espanhola e em 1864 é convidada pelo Bispo de Daulia a organizar uma instituição que se encarregasse do salvamento de prostitutas. De início, Antonia não queria aceitar o convite, que achava indecoroso; porém, acabou por aceitar e foi reconhecida pelo intenso trabalho realizado. Em 1962 a Igreja Católica a reconhece como venerável. Disponível em <https://www.oblatassr.org/fundadores/antonia/>

¹³⁷ José Maria Serra Julià (1810-1886) nasceu em Barcelona, Espanha. Ao longo de sua infância, estudou em colégio cristão e mais tarde, se torna monge beneditino, missionário e bispo. Além disso, participou da fundação da Congregação de Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor. Disponível em <https://www.oblatassr.org/fundadores/padre-serra/>. Acesso em 29 jun. 2021 às 18:33.

¹³⁸ Para mais informações consultar <https://www.oblatassr.org/>

¹³⁹ **PROBLEMA da recuperação social das decaídas**: medidas aprovadas pela Confederação das Famílias Cristãs. Diário da Noite, 22 set. 1952, p. 10. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093351&Pesq=%22decaidas%22&pagfis=25860>

¹⁴⁰ Ibid, p. 10.

sociedade e “a ação de **vigilância** e **repressão** deve ser, neste terreno, não somente enérgica, mas também **permanente**”¹⁴¹ (*grifos meus*).

Esther e Helena, as mulheres da foto a seguir, discursaram em uma reunião da *Confederação das Famílias Cristãs em São Paulo*, em 1952. O caráter salvacionista continua presente nos discursos dessas mulheres e de outros homens presentes na reunião, mas Helena (que é major do *Exército da Salvação*) levanta um aspecto interessante quando faz o seguinte questionamento: “se a prostituição é um mal necessário [...] por que é a prostituta abominada pela sociedade?”.¹⁴² Por quê?! Podem ser inúmeras as respostas para essa indagação, mas o fato é que na metade do século passado, a sociedade abominava a mulher puta, e ainda o faz até os dias de hoje. O tabu da sexualidade feminina se mostra evidente, inclusive nas próprias falas de Helena.

¹⁴¹ Ibid, p. 10.

¹⁴² **PROBLEMA social**: a prostituição. Diário da Noite, 12 set. 1952, p. 14. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093351&Pesq=%22decaidas%22&pagfis=25734>



Figure 7 - Respectivamente, Profa. Esther Figueiredo Ferraz e a major Helena Lonthal, do exército da salvação em reunião da Confederação das Famílias Cristãs sobre o problema da prostituição. *Diário da Noite*, 12 set. 1952.¹⁴³

É preciso que encaremos com coragem o problema da prostituição. Apiedarmo-nos das suas vítimas, lutarmos contra os que vivem da prática abominável do lenocínio, criarmos condições **para impedir que outras moças caiam no abismo**. Olhemos para o amanhã. Seremos culpados pelas novas vítimas que a prostituição fizer, seremos responsáveis **pela queda de jovens que se poderão constituir donas de casa exemplares**. É chegado o momento da sociedade enfrentar, decisivamente, o problema do lenocínio.¹⁴⁴

¹⁴³

Disponível

em

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093351&Pesq=%22decaidas%22&pagfis=25734>

¹⁴⁴ **PROBLEMA social:** a prostituição. *Diário da Noite*, 12 set. 1952, p. 14. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093351&Pesq=%22decaidas%22&pagfis=25734>

A associação à Queda de Eva no trecho acima revela que o problema maior da mulher prostituta era a sua relação íntima com sua própria sexualidade, já que Eva caiu por se render ao prazer. Defender que essas mulheres poderiam ser donas de casa exemplares remete a outro tipo de repressão que as mulheres sofriam e sofrem: a econômica. As prostitutas saem às ruas e ganham dinheiro, conquistando certa liberdade econômica e ocupando os espaços públicos, que eram majoritariamente masculinizados naquele momento. É aceitável a presença da mulher no lar, usando sua força de trabalho não remunerado; mas a junção de sexo e dinheiro, para as mulheres, não era uma opção honrada na metade do século passado.¹⁴⁵

Pressão para o fim da prostituição por parte de instituições como a Igreja Católica, violência policial contra as decaídas e intensiva coerção e uma agenda de regeneração que seria efetivada pelo *Serviço Social do Estado* não foram suficientes para erradicar o trabalho sexual na cidade. Talvez porque todo esse discurso não condizia com a realidade das mulheres que comercializavam seu corpo, assim como eu também não tenho acesso as narrativas delas. Mas o que fica evidente é que não havia, em suma, instituições que consideravam a mulher puta como um ser humano dotado de inteligência, autonomia e força. E muito mais além: o Estado e as instituições parecem sempre optar pelo controle e marginalização dos *rejeitados*.

Em 1955, os técnicos da *Assistência Social*, sem terem como resolver o problema das prostitutas, sugerem que

Para se evitar o espetáculo deprimente que se observa atualmente em muitos pontos da cidade – afirmam os referidos técnicos – a válvula estaria na formação de um outro centro, em ponto **afastado da cidade**, a fim de evitar a situação embaraçosa que se verifica atualmente. Nesses centros as autoridades da Assistência Social ficariam encarregados de prestar ampla assistência, não só às que desejarem reabilitar-se, como, também, tratariam de evitar que o número delas viesse a aumentar¹⁴⁶ (*grifos meus*).

¹⁴⁵ Para mais informações sobre essa discussão consultar FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

¹⁴⁶ **SUGEREM técnicos da assistência social**: segregação fora do centro da cidade. Correio Paulistano, 20 ago. 1955, p. 13. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&Pesq=%22decaidas%22&pagfis=27449

Assim como em 1940, com a abertura da Zona do Baixo Meretrício, que pretendia enclausurar, controlar e esconder a população de pessoas marginalizadas do submundo, a fala da *Assistência Social* parece fatalista, já que não encontra solução para o problema da prostituição, e decide novamente por marginalizar essas mulheres em um território longe das famílias da elite que habitavam o centro da cidade.

Capítulo 3

Regeneração da urbe e marginalização espacial das trabalhadoras sexuais

*Para isso se efetivar, a violência contra a presença das prostitutas é aliada a processos também violentos de **desconstrução dos seus espaços de atuação**, como demolições e “emparedamentos”.¹⁴⁷ (grifos meus).*

3.1 Urbanização e o nascimento da metrópole

São Paulo foi palco de remodelações urbanísticas de grande importância entre as décadas de 1930 e 1940, as quais tinham como objetivos principais embelezar e melhorar os fluxos entre bairros tradicionais e centrais, já que a problemática do engarrafamento era crescente, devido ao aumento da circulação de automóveis individuais pela capital. Estas modificações ocorreram, em grande medida, pautadas pela implantação do *Plano de Avenidas*¹⁴⁸, elaborado por Francisco Prestes Maia¹⁴⁹, e por ele mesmo implantado durante o período em que foi prefeito da capital paulista (1938-1945). Marisa Carpintéro, ao analisar os discursos de arquitetos e engenheiros daquele período, ressalta que

Ao se referir à cidade como um ser orgânico, o **urbanista se coloca concomitantemente como um médico** na tentativa de elaborar um diagnóstico, para o chamado **mal urbano**. Em sua opinião, o congestionamento, a aglomeração, as habitações insalubres, a inexistência de obras sanitárias, de iluminação, de água e a falta de esgotos são elementos incompatíveis com o desenvolvimento da cidade. Ainda no seu entender esse mal é universal e dele sofrem as grandes cidades. **O urbanista, assim como o médico, deverá servir-se da técnica para**

¹⁴⁷ HELENE, Diana. **As primeiras a serem expulsas são as prostitutas**. *IN: FeminismUrbana*, 2017. Disponível em <https://feminismurbana.wordpress.com/2017/12/02/as-primeiras-a-serem-expulsas-sao-as-prostitutas/>

¹⁴⁸ Desenvolvido na década de 1920 por Francisco Prestes Maia e Ulhôa Cintra, tinha como objetivos embelezar e melhorar os fluxos entre bairros tradicionais e centrais em São Paulo, assim como transformar a cidade numa *garden city*.

¹⁴⁹ Francisco Prestes Maia (1896-1965) nasceu em Amparo, SP. Engenheiro-arquiteto formado pela Escola Politécnica da USP, Prestes Maia, além de sua atuação na Secretaria de Obras como engenheiro, também foi político e prefeito da cidade de São Paulo em dois mandatos, sendo o primeiro entre 1938-1945 e o segundo, entre 1961 e 1965, quando faleceu. Escreveu o Plano de Avenidas com Ulhôa Cintra na década de 1920 e liderou a implementação de mudanças propostas nesse projeto quando se tornou prefeito pela primeira vez.

afastar e prevenir os males causados pela crise do crescimento desordenado¹⁵⁰ (*grifos meus*).

A Pauliceia também teve um crescimento vertiginoso na virada do século XIX para o XX, aumentando em grande número seus habitantes entre 1872 e 1940. O crescimento exacerbado da cidade leva a modificações profundas neste período, retirando, pouco a pouco, a imagem ainda rural em suas áreas lindeiras ao seu centro fundacional e a vincula a processos de urbanização que passam a advogar uma feição moderna. Dito isso, novas perspectivas de cidade representadas em planos urbanos começam a surgir, e os debates de modernidade, eficiência, rapidez e limpeza social passam a dominar os discursos de intelectuais, que se colocam na imprensa como defensores da mudança, mesmo que o caminho a ser trilhado não fosse unânime.

O projeto¹⁵¹ de cidade desenvolvido por Prestes Maia estava alicerçado em discursos higienistas, e prezavam, por exemplo, pela presença de natureza no cotidiano dos transeuntes – praças e jardins públicos –, além de compreender que medidas de saneamento básico eram uma necessidade. Para que as expectativas eugênicas fossem alcançadas, porém, as classes menos abastadas e que, portanto, não se enquadravam nos parâmetros morais e higiênicos dessas ideias, foram deslocadas para dar lugar à elite. As remodelações propostas para a Pauliceia culminaram em alargamentos de vias e demolições de espaços para a recepção da modernidade da civilização industrial. Esse período também foi marcado pela ascensão do nazifascismo no cenário mundial, transformando os discursos eugenistas em força motriz para a discriminação de inúmeras populações.

¹⁵⁰ CARPINTÉRO, Marisa Varanda Teixeira. **Tempo e história no Plano de Avenidas**. URBANA: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade. Campinas, SP, v. 2, n. 1, p. 1–11, 2013. p. 02.

¹⁵¹ Chamo aqui os planos de remodelações de Prestes Maia de projeto pois, para além de um projeto urbano estético, o Plano de Avenidas, quando colocado em prática, se transformou também em um projeto de socialização. Isso porque suas obras mudaram a dinâmica da cidade de São Paulo, adentrando espaços que eram ocupados por classes mais baixas e que, conseqüentemente, passaram a ser exclusivos da elite paulistana, por exemplo.

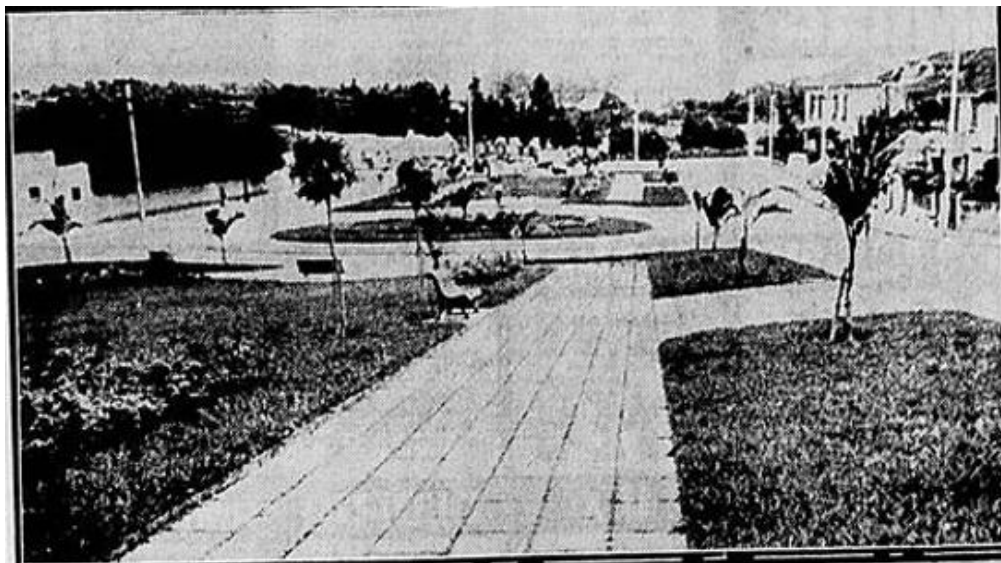


Figure 8 - "Praça Rudge, no Belenzinho, cujo ajardinamento acaba de ser concluído, por iniciativa do prefeito Prestes Maia". Demonstração de como a natureza faria parte do cotidiano das pessoas na cidade. *Correio Paulistano*, 08 fev. 1940.

Essas forças convergem nas décadas de 1930 e 1940, e o universo branco, masculino, elitista e capitalista, em suma, é consolidado – inclusive no que tange à estrutura urbana da cidade de São Paulo – que, lembremos, passou de uma cidade muito pequena e desorganizada economicamente, com população majoritariamente negra, para uma metrópole *embranquecida* em pouquíssimos anos – o que se confirma com a grande presença de prostitutas polacas na cidade.

A tela a seguir, de 1895, pintada pelo artista espanhol Modesto Brocos y Gómez, intitulada *A Redenção de Cam*, é de suma importância para que visualizemos o embranquecimento, principalmente nas cidades que receberam imigrantes europeus para compor a força de trabalho do país. Como indica o nome da pintura, existe “um mal”, retratado no livro bíblico de *Gênesis*, que associa a um dos filhos do patriarca judaico, Noé, Cam, ao escurecimento da pele e a geração de nações africanas. Ser, então, redimido deste mal é o que a imagem nos mostra. A avó, que é negra, está em pé, e com os braços levantados ao céu, mirando igualmente a abóbada celeste, agradecendo por ter tido um neto presumível, branco, retratado no bebê. Por estar descalça, indica sua condição de escravizada. Sua filha, de pele mais clara, assentada, já revela uma postura menos submissa à “chaga social da escravidão”, já que o pintor deixa ver a parte frontal de seu sapato, o que revela que ela não é

escravizada, mas livre. O olhar tipicamente vitorioso do esposo, branco, com traços europeus, com pernas cruzadas e assentado ao lado da moça revela, por um lado, a miscigenação do Brasil, mas mobiliza um discurso oitocentista fundamental para as elites brasileiras: a da imigração de povos europeus, de maneira a varrer as marcas das culturas africanas e da miscigenação no país. O cenário é ainda tipicamente tropical, com a inserção da palmeira, e da casa de taipa de pilão, dois símbolos brasileiros. A palmeira, que era planta de uso restrito à elite, durante o império, está disponível para “todos” na República.¹⁵³ E a casa de taipa, embora precária, serve como alerta de que a construção de uma civilização branca, apagaria as marcas do baixo desenvolvimento econômico. A tela é uma pintura de divulgação ufanista do país, e de mensagem republicana, ainda nos primeiros anos do regime. Ela possui uma função didática. Queremos, aqui, chamar a atenção para essas mudanças geracionais presentes na tela, pois são de suma importância histórica e acompanham os processos que aconteceram em São Paulo nas primeiras décadas do século XX.



Figure 9 - *A redenção de Cam* (1895), de Modesto Brocos.

¹⁵³ D'ELBOUX, Roseli. **Manifestações neoclássicas no Vale do Paraíba: Lorena e as palmeiras imperiais.** São Paulo: Annablume / FAPESP, 2008.

Para se consolidar enquanto metrópole¹⁵⁴, além de se enquadrar nos parâmetros de urbanização norte-americanos e europeus e se embranquecer, a cidade, através da ciência da urbe, dominou e oprimiu os corpos femininos, principalmente no que tange à segregação espacial das prostitutas. Marginalizar geograficamente essas mulheres era interessante para que uma cidade limpa, organizada e moral fosse produzida, principalmente nas regiões de interesse da elite paulistana, como a região do centro novo, por exemplo, que se valorizou e se tornou habitat de populações mais abastadas.

O projeto de urbanização de São Paulo seguiu, então, padrões de marginalização de populações pobres, através de demolições em massa de cortiços, hotéis baratos e pensões – para alargamentos de ruas, por exemplo –, da construção de edifícios em que as classes menos abastadas não poderiam habitar e que, por sua vez, eram construídos em locais estratégicos para a revitalização da região central da cidade, e também, percorreu vias em que a prostituição era muito presente.

A demolição em massa de cortiços, hotéis e pensões se relaciona com a prostituição porque, até a conformação da Zona em 1940, era muito comum que esses lugares fossem utilizados para o meretrício, e eram chamados muitas vezes de pensões alegres:¹⁵⁵

Referiu a imprensa paulistana terem sido **fechados**, por determinação da Polícia de Costumes, **várias espeluncas** que, **rotuladas de hotéis, mais não eram que sórdidos antros de depravação**. Estão neste caso, entre outros, o Hotel d'Oeste, o São Paulo, o Esperança, o Frei Caneca e tantos outros. Temos, também, a célebre Hospedaria Triumpho e outros que se situam na Rua Visconde do Rio Branco que, a bem da moral e dos bons costumes, devem ser fechadas sem tardança¹⁵⁶ (*grifos meus*).

O jornal se refere aos locais de meretrício como *antros de depravação*, deixando claro que esses locais não poderiam situar-se em bairros que a elite ocupasse de

¹⁵⁴ Para mais informações sobre a formação da cidade de São Paulo em metrópole consultar MORSE, Richard M. **De comunidade a metrópole**: biografia de São Paulo. São Paulo: Comissão do IV Centenário da cidade de São Paulo, 1954.

¹⁵⁵ Para mais informações consultar RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). São Paulo: Paz e Terra, 2008. 2ª edição.

¹⁵⁶ BELÉM, João de. **Do meu canto**. São Paulo, Correio de S. Paulo, 8 jun. 1937, p. 7. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=720216&Pesq=%22Rua%20Visconde%20do%20Rio%20Branco%22&pagfis=11661>

maneira familiar, e o fechamento desses lugares foi prática recorrente entre as décadas de 1930 e 1940 na cidade, para que a modernidade eugênica pudesse enfim se instalar na nova metrópole, processo este que acompanhamos até 1953, quando do fechamento da Zona.

A segregação espacial pode ser vista de diferentes pontos de vistas. A tradição de pensamento da *Escola de Chicago* sobre o tema, por exemplo, compreende que o espaço se cria naturalmente, é a-histórico e as ocupações se dão pela presença de espaço físico disponível, permitindo uma organização harmônica, sem considerar classes sociais e suas respectivas atividades econômicas. A partir dos anos 1960, pensadores marxistas passam a discutir o tema, e levam em conta o sistema capitalista e as lutas de classe; compreendem, então, que a organização do espaço está relacionada aos processos econômico e social e a “ênfase das análises recairá sobre os determinantes econômicos e sobre o papel do Estado na produção do espaço urbano, que é enfocada a partir de sua inserção na dinâmica global da acumulação capitalista”.¹⁵⁷

Indo ao encontro da ideia de segregação espacial marxista e fazendo uma análise dos locais em que as remodelações urbanas propostas por Prestes Maia ocorreram, fica evidente o caráter higiênico das mesmas, que além de demolir esses edifícios que abrigavam o comércio do sexo, também alargou vias em que mulheres trabalhavam, fazendo com que a prostituição mudasse de ambiente.

Ao compararmos o traçado das casas de tolerância na região central da capital, com o traçado proposto pelo *Plano de Avenidas* de Prestes Maia, pudemos perceber que eles se entrecruzam, o que demonstra que remover a prostituição das áreas mais nobres de São Paulo, mudando a dinâmica da profissão, se constituiu como um dos objetivos da modernização arquitetônica e urbanística da Pauliceia e

As obras do Plano de Avenidas eliminaram usos “pouco rentáveis” e “zonas deterioradas”, estimulando assim a valorização do entorno imediato das novas avenidas. Neste contexto, a região da Santa Efigênia, principal território de prostituição da época, sofreu demolição de construções, expulsão de moradores com a justificativa das transformações viárias. Assim, a remoção da concentração do meretrício, especialmente nas ruas Timbiras, Ipiranga e Amador Bueno (RIZZO, 2017) foi sendo realizada na medida em que o anel e ruas adjacentes “atravessam os bairros onde se concentram

¹⁵⁷ FELDMAN, Sarah. **Segregações espaciais urbanas**: a territorialização da prostituição feminina em São Paulo. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1988, p.7.

casas de tolerância e os núcleos de prostituição localizados em seu interior desaparecem de imediato” (FELDMAN, 1990, p. 70).¹⁵⁸

Abaixo, localizações de casas de tolerância na cidade de São Paulo entre os anos de 1931 a 1955. O mapa é de autoria de Cintia Almeida e está alocado no site <http://www.pauliceia.dpi.inpe.br/portal/explore>. Além disso, reproduziu-se o traçado do *Plano de Avenidas*.

¹⁵⁸ COSTA, Sabrina Studart Fontenele; AZEVEDO, Juliana Tegoshi; CARDOSO, Julia; COSTA, Patrícia. O recorte de gênero na dinâmica da urbe: Prestes Maia e o Plano de Avenidas (1930-1945). *IN: Pauliceia Esfacelada: demolições e reconfigurações da capital pelo Plano de Avenidas*. Disponível em www.pauliceia-esfacelada.com. Acesso em 10 jul. 2021.

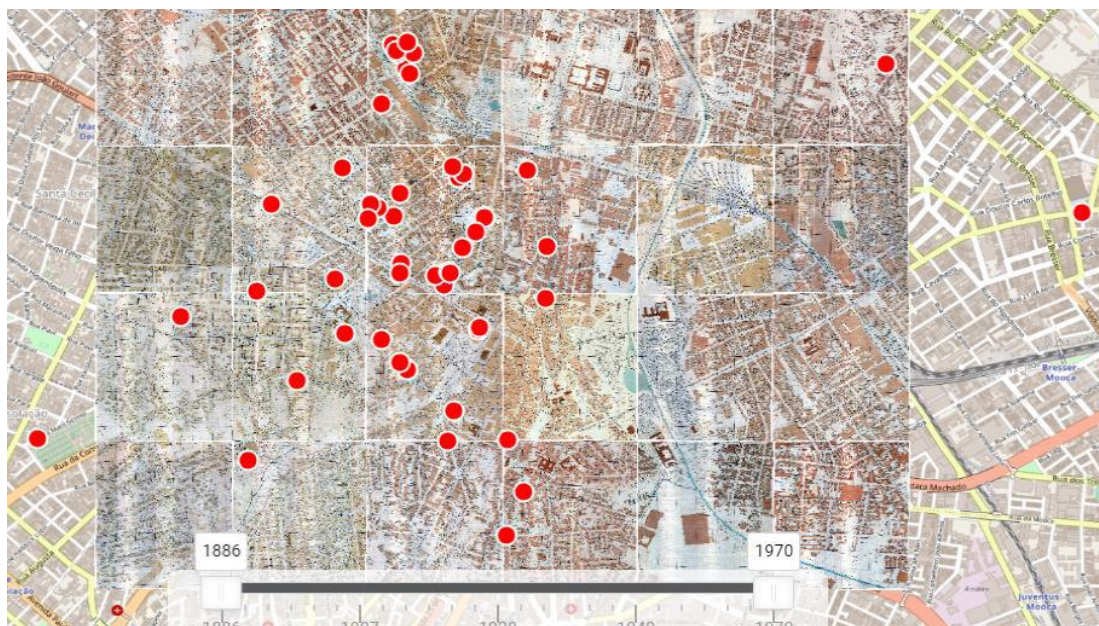


Figure 10 - Localização de casas de tolerância entre os anos de 1930 e 1960. Disponível em <http://www.pauliceia.dpi.inpe.br/portal/explore>



Figure 11 - Traçado do Plano de Avenidas escrito por Francisco Prestes Maia.¹⁵⁹

¹⁵⁹ Ao compararmos o traçado do Plano de Avenidas e os locais que abrigavam casas de tolerâncias na cidade de São Paulo, nota-se uma clara evidência: ruas em que a prostituição era expressiva, e que eram consideradas importantes para a revitalização do centro sofreram transformações intensas, como desapropriações. Esse dado pode nos fazer compreender a dinâmica da modernização da capital.

3.2 Zona do Baixo Meretrício: questão urbana e características espaciais e sociais

Em 1940 constituiu-se a Zona do Baixo Meretrício, no bairro do Bom Retiro, através de um decreto de Adhemar de Barros. Por conta da grande quantidade de casas de tolerância e outros lugares que abrigavam o comércio do sexo, e inspirado em outros lugares que regulamentaram a prostituição em zonas segregadas, a decisão da abertura condizia com os discursos eugênicos do período – que lembremos, era ditatorial. Como vimos, todo um aparato de instituições carregava em suas bases esses discursos de higienização e moralização da nação, fato que explica a necessidade de segregar espacialmente as mulheres prostitutas.

A Zona foi intensivamente controlada pela *Delegacia de Jogos e Costumes*; porém, antes disso, a institucionalização do controle policial sobre a prostituição já estava em pleno funcionamento, desde 1924, quando a Delegacia fora criada. Também em 1940, o *Código Penal* foi alterado e a polícia passou a ter mais autonomia no território nacional, sendo assim mais fácil o controle repressivo contra o meretrício.¹⁶⁰ Antes de nos concentrarmos na Zona propriamente, (ruas Carmo Cintra, Itaboca e Aimorés) é interessante vislumbrar uma breve história do bairro, que foi escolhido para receber “as funções” por suas características espaciais e sociais, além de interesses políticos e urbanísticos também.

¹⁶⁰ FELDMAN, Sarah. **Segregações espaciais urbanas**: a territorialização da prostituição feminina em São Paulo. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1988, p. 74.

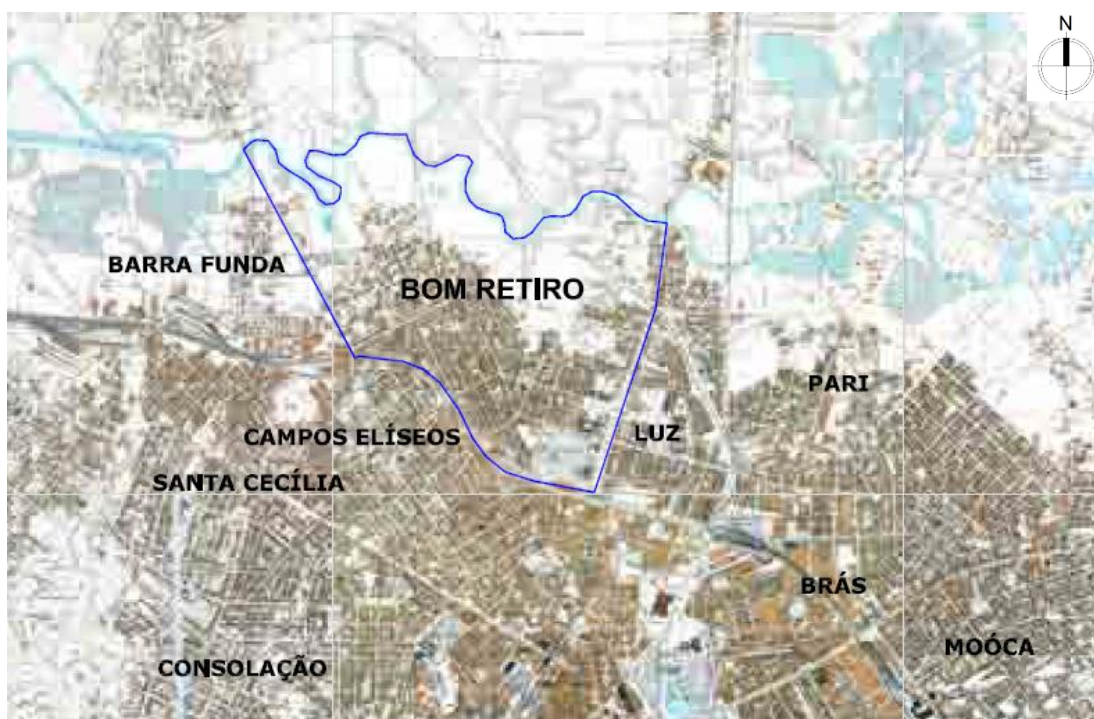


Figure 12 - Região central de São Paulo. Fonte: Sara Brasil, 1930.

Autoria de Liziane Peres Mangili. Sem escala. Fonte: MANGILI, 2009.

Acima, a delimitação do bairro do Bom Retiro na década de 1930, que nos permite perceber que o mesmo ocupa a região central da cidade, e com fronteiras com os bairros da Luz, Campos Elíseos e Barra Funda¹⁶². Desde a segunda metade do século XIX, o bairro fora sendo adaptado à nova realidade de São Paulo e

Também em 1882 foi instalado no final da Rua dos Imigrantes (atual Rua José Paulino) o primeiro alojamento de imigrantes da cidade, que dava abrigo aos imigrantes que chegavam pela Estação da Luz, desembarcados no Porte de Santos. Em 1884 foi instalada no bairro a primeira escola de ensino primário da cidade, o grupo Prudente de Moraes, em 1905 a Escola de Farmácia [...] e em 1907 o Colégio Santa Inês. A presença de todos esses estabelecimentos de ensino tornaria o bairro do Bom Retiro uma importante referência na cidade.¹⁶³

¹⁶¹ Mapa retirado de MANGILI, Liziane Peres. **Transformações e permanências no bairro do Bom Retiro, SP (1930-1954)**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo. São Carlos, 2009, p. 27.

¹⁶² No Capítulo 2, verifique mais mapas que demonstram o bairro e as ruas que compunham a Zona do Baixo Meretrício.

¹⁶³ Ibid, p. 35.

A construção da ferrovia, a *São Paulo Railway*, nas primeiras décadas do século XX, contribuiu para o crescimento das indústrias nas localidades próximas, como é o caso do Bom Retiro, além de se tornar residência de inúmeros trabalhadores e imigrantes – italianos, judeus, portugueses, espanhóis e outros. Esse fator urbano da ferrovia separou a cidade em dois lados, aquele que pertencia às classes trabalhadoras – que tinham fácil acesso às indústrias e a própria ferrovia – e o outro, que pertencia a elite paulistana.¹⁶⁴ Quando falamos de comércio do sexo para classes menos abastadas, a presença do proletariado se configura importante, já que são o público-alvo dessa modalidade de meretrício; além disso, o grande contingente de transeuntes também se revela notório para o bom funcionamento de comércios. No mapa abaixo, vemos, em azul, por onde passava a ferrovia da *São Paulo Railway*, e em vermelho o nome do bairro Bom Retiro.



Figure 13 - Em azul, o caminho percorrido pela ferrovia da *São Paulo Railway*, que passava pelo bairro do Bom Retiro. Mapa disponível em <http://www.pauliceia.dpi.inpe.br/portal/explore>, na camada *São Paulo Railway*.

O processo de urbanização, que culminou na verticalização da cidade e na especulação imobiliária, modificara a região central da Pauliceia. Segundo Mangili, a região do Bom Retiro, a porção mais próxima do centro, entre 1940 e 1950 se modernizou mais que a região próxima da várzea do rio Tamandateí, o que é interessante quando pensamos que as principais ruas da Zona se localizavam exatamente na região do bairro mais próxima ao centro. A zona também foi fechada às pressas em 1954, esse fechamento repentino pode estar atrelado a mudança de

¹⁶⁴ Ibid, p. 36.

ocupação da região. Sarah Feldman, que estudou a prostituição na cidade, conta que resolveu estudar a prostituição porque

morei no Bom Retiro, onde foi instalado um território de prostituição... A minha avó morava na [Alameda] Dino Bueno, que agora é próxima da chamada "Cracolândia". Era uma área legal, no entorno de Campos Elíseos perto do SESC [Bom Retiro]. Ela morava em um predinho dos anos 1940, e eu ia a pé com meu pai, e atravessava um pedaço da Alameda Nothmann que era um limite da zona de prostituição.¹⁶⁵

A presença de cortiços no bairro foi algo permanente ao longo de sua história, ao menos até a década de 1950, além da ocupação da região por populações menos abastadas, e esse fator também converge com a presença da Zona no Bairro, que tinha como público majoritário proletários de baixa renda. Marcado também pela característica de trabalho-residência, confinar ali as mulheres prostitutas seria valioso para o Estado autoritário de Vargas, que condenava a delinquência e a falta de moral das pessoas, e sufoca-las em um espaço único de residência e trabalho seria vantajoso, mantendo os bairros de elite livres dessas populações.

Essas características próprias do bairro, como sua proximidade com a região central mais elitizada, a ferrovia que separara o bairro do centro, como um muro que segrega uma população menos abastada e majoritariamente proletária, a ocupação residencial dessas mesmas populações e a intensa circulação proveniente dos comércios e indústrias presentes ali são pontos que provavelmente serviram de parâmetro para a escolha do bairro que abrigou a Zona regulamentada de meretrício da cidade.¹⁶⁶

¹⁶⁵ FELDMAN, Sarah. A cidade dos Urbanistas. // **Os intérpretes da cidade**: pesquisadores e histórias de São Paulo. ATIQUÉ, Fernando (org.). São Paulo: Cadernos Lab.Hum, volume 2, 2020. p. 54

¹⁶⁶ No capítulo 2 deste trabalho há um mapa que demonstra como a linha férrea separa o bairro da região central.



Figure 14 - - "Esta é a Avenida Rudge, uma das principais vias de [...] Bom Retiro. O lamaçal se estende por toda a sua extensão." *Jornal de Notícias*, 07 set. 1947, p. 7.

O *Jornal de Notícias* faz uma denúncia contra a situação precária do bairro do Bom Retiro, a partir da fotografia da Avenida Rudge, além do fato de que “uma das mais amargas queixas de todo povo do Bom Retiro é a localização, ali, da zona do meretrício.”¹⁶⁸ Vemos atrelados, mais uma vez, espaços degradados fisicamente, com a figura da trabalhadora sexual!

Em vários âmbitos de discussão, na década de 1940, surge uma postura abolicionista¹⁶⁹ da prostituição – aspecto este que está em pauta nos dias atuais – promovendo a ideia de salvação da Eva que caiu (como discutimos no capítulo anterior):

Com a deposição do presidente Getúlio Vargas e fim do Estado Novo, em 1945, o descongelamento político de amplos setores da sociedade civil vai possibilitar uma mobilização no sentido de **contestar o regime regulamentarista mantido à revelia do Código Penal**. Esta mobilização se vincula a um movimento de alcance internacional que desencadeia o **fechamento de zonas segregadas em vários países** como França, Bélgica

167

Disponível

em

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=583138&pesq=%22Prestes%20Maia%20+%20meretr%C3%ADcio%22&pasta=ano%20194&pagfis=3886>. Acesso em 13/07/2021 às 17:01.

¹⁶⁸ **MAIS de cem famílias do Bom Retiro entregues ao abandono e desespero**. *Jornal de Notícias*, São Paulo, 07 set. 1947, p. 7. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=583138&Pesq=%22Prestes%20Maia%20+%20meretr%C3%ADcio%22&pagfis=3886>

¹⁶⁹ Perspectiva que compreende que as mulheres prostitutas são vítimas da sociedade e que precisam se reintegrar, reeducar. Geralmente associados a grupos religiosos ou instituições como o Serviço Social, essa ideia retira da mulher um aspecto de suma importância: o estado de agente de si mesma.

e Argentina durante a década de 40, e tem grande repercussão em São Paulo, notadamente nas entidades de Assistência Social. ¹⁷⁰ (*grifos meus*).

Essa mudança de perspectiva sobre a mulher prostituta é percebida na imprensa também, e o mesmo noticiário acima citado traz à tona não apenas continuidades na história do meretrício em São Paulo, mas também aspectos que se modificaram a partir dessas mudanças políticas e sociais comentadas por Feldman, quando a imprensa diz que “Aqueles **pobres mulheres**, que pelas contingências da vida **são atiradas** a medrar em meio ao vício, **escandalizam todas as famílias** da adjacência.”¹⁷¹ (*grifos meus*)

A notícia foi vinculada em 1947, dois anos após o fim do Estado Novo varguista, e reforça a ideia de Feldman. Além disso, vimos que durante a década de 1940 – especialmente até 1945 –, os discursos médico, jurídico, político e arquitetônico convergiam para uma ideia geral: a de limpar a cidade, que estava em processo de metropolização.¹⁷²

Essa Zona era constituída por casas de tolerância, que muitas vezes servia também de local de moradia para as trabalhadoras sexuais. Controladas por uma caftina ou cáften, essas casas eram regulamentadas pela prefeitura da cidade de São Paulo, e as trabalhadoras sexuais não podiam ultrapassar a fronteira estabelecida pela *Delegacia de Costumes*, caso o fizessem, poderiam ser presas por vadiagem, por exemplo:

A prisão se instala como rotina no cotidiano da mulher prostituta a partir do momento em que se cria a zona segregada e todas as casas de tolerância e prostitutas fora dela passam a ser consideradas clandestinas. Em 1940, 3.000 prostitutas são presas, em 1941, 3.306 e em 1942, 2.077, segundo os registros de polícia. **As mulheres entram no circuito polícia-prisão-delinquência**, que segundo Foucault (1975:248) constitui um **circuito**

¹⁷⁰ FELDMAN, Sarah. **Segregações espaciais urbanas**: a territorialização da prostituição feminina em São Paulo. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1988, p. 77

¹⁷¹ **MAIS de cem famílias do Bom Retiro entregues ao abandono e desespero**. Jornal de Notícias, São Paulo, 07 set. 1947, p. 7. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=583138&Pesq=%22Prestes%20Maia%20+%20meretr%c3%adicio%22&pagfis=3886>

¹⁷² MORSE, Richard. **De comunidade a metrópole**: biografia de São Paulo. São Paulo: Comissão do IV Centenário da cidade de São Paulo, 1954.

ininterrupto: uma vez tendo entrado nele, o indivíduo permanece marcado como delinquente¹⁷³ (*grifos meus*).

Regulamentação da prostituição não era uma novidade em 1940. Segundo Guido Fonseca, em fins do século XIX essa pauta já era levantada por políticos no país, e em 1913 fora criado o Projeto de Lei n. 8, que proibia a presença da prostituição em vários locais.¹⁷⁴ Em 1940, a *Delegacia de Costumes* realizava o controle da Zona do Baixo Meretrício, e a partir do fichamento das meretrizes na Delegacia, controlava por onde aquelas mulheres trabalhavam e

Para a instalação de uma casa [de tolerância] o interessado enviava um requerimento com firma reconhecida ao Delegado de Costumes, solicitando autorização para instalação de “Pensão Noturna”, especificando a localização. Após a vistoria do local o processo seguia o caminho de qualquer estabelecimento comercial: o alvará de licença era expedido pela Prefeitura. À Secretaria de Finanças se pagava o Imposto de Indústrias e Profissões, e ao Ministério da Fazenda se pagavam as taxas de Imposto de Consumo, o que possibilitava a venda de bebidas nas casas¹⁷⁵ (*grifos meus*).

Percorrendo as ruas da Zona nas páginas dos jornais, é possível verificar uma grande quantidade de notícias que denunciavam violência no bairro da Zona. Brigas em bares e prostíbulos, assassinatos, roubos, violência contra as trabalhadoras sexuais eram comuns na década de 1940. Por um lado, é possível pensar que a imprensa – que lembremos, era controlada pela elite nacional – tinha por objetivo desclassificar as populações que ali residiam, sempre associados à delinquência e a imoralidade. Porém, não podemos excluir tais caracterizações dessas ruas, que nos ajudam a compreender a dinâmica do comércio do sexo. A movimentação dessas ruas também era intensa e “quem conheceu a zona do Bom Retiro via, com alguma frequência, filas de homens saindo de determinadas casas e esparramando-se pelas calçadas”¹⁷⁶.

¹⁷³ FELDMAN, Sarah. **Segregações espaciais urbanas**: a territorialização da prostituição feminina em São Paulo. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1988, p.76.

¹⁷⁴ FONSECA, Guido. **História da prostituição em São Paulo**. São Paulo: Editora Resenha Universitária, 1982. p. 173.

¹⁷⁵ FELDMAN, Sarah. **Segregações espaciais urbanas**: a territorialização da prostituição feminina em São Paulo. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1988, p. 89.

¹⁷⁶ FONSECA, Guido. **História da prostituição em São Paulo**. São Paulo: Editora Resenha Universitária, 1982.p. 213.

Movimentada, lamacenta, com indústrias, cortiços, comércios dos mais variados tipos, casas de tolerância, residências familiares, escolas, ferrovia, a região que abrigou a zona segregada do Baixo Meretrício tem muito o que nos contar sobre a história da prostituição na Capital. A urbanização que se promovia como moderna, segregou essas mulheres.

O Bom Retiro era configurado por duas porções distintas, com ocupações diferentes que ao longo da década de 1950 também mudaram de aspecto. A região mais próxima do centro e, portanto, da ferrovia, fora palco da zona segregada, e, a partir da década de 1950 passa por um processo de verticalização e modernização; já a área mais próxima da várzea, que nos anos 1940 se configurava como mais rarefeita no quesito ocupação, em 1950 já era composta por cortiços.¹⁷⁷

É sabido que o Bom Retiro era formado por populações imigrantes diversas, e essa porção mais próxima do centro, além de abrigar a Zona do Baixo Meretrício, também era intensivamente ocupada por judeus, e “esta localização, além de constituir um deslocamento relativamente pequeno da zona localizada na área de Santa Ifigênia, permite ‘esconder’ a prostituição”.¹⁷⁸ Se lembrarmos da perspectiva foucaultiana sobre o ciclo ininterrupto da polícia-prisão-delinquência, segregar populações consideradas delinquentes e marginais em um mesmo espaço é muito conveniente para um controle policial mais excessivo.

O único periódico que construiu uma oposição a Prestes Maia¹⁷⁹ durante sua primeira gestão como prefeito da Capital fora o *// Moscone*, um semanário italiano, que flertava com o fascismo, defendia melhores condições de trabalho para os imigrantes italianos e que se utilizava da sátira para fazer críticas à política

¹⁷⁷ MANGILI, Liziane Peres. **Transformações e permanências no bairro do Bom Retiro, SP (1930-1954)**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo. São Carlos, 2009, p. 76.

¹⁷⁸ FELDMAN, Sarah. **Segregações espaciais urbanas**: a territorialização da prostituição feminina em São Paulo. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1988, p. 81

¹⁷⁹ Para mais informações consultar COSTA, Patrícia. *Imprensa Paulistana e a figura de Prestes Maia: A censura do Departamento de Imprensa e Propaganda e os discursos hegemônicos (1937-1946)*. IN: ATIQUÊ, F.; GERAISSATI, R.; DIAS, M. **Modernidades Espaciais**: histórias, espaços, patrimônios. Guarulhos, CAPP-UNIFESP, 2021, no prelo.

brasileira¹⁸⁰. Em *Alguma coisa mudou*, publicada no *II Moscone* em 20 de abril de 1940, o semanário capta três momentos interessantes que confluem com a Zona do Baixo Meretrício, associado as mudanças urbanas que marginalizaram as trabalhadoras do sexo no bairro com a figura de Francisco Prestes Maia.

Primeiro, fala sobre duas ruas que eram ocupadas pelo comércio do sexo, antes da criação da Zona segregada, que como vimos, fora criada pela necessidade de modernidade urbana: “a implacável picareta do prefeito Prestes Maia [...] acabou também com este resto sujo de um passado recente, libertou a rua dos Tymbiras e a rua Amador Bueno da sua ingloria fama.”¹⁸¹ Ao passo que se constitui a zona, apenas “mudou-se, desta maneira, a famigerada ‘zona estragada’ de umas ruellas, para outros beccos; mas a physionomia da sua face tétrica de uma cidade em franco progresso permanece a mesma”¹⁸².

Por fim, o autor da matéria, que assinara como Monocle, comenta que passeou demoradamente pelas ruas da Zona no Bom Retiro e que ao conversar com uma das trabalhadoras sexuais ali presente, ouviu a seguinte frase: “Antigamente aqui vendia-se carne de boi. Agora vende-se carne de vaca.”¹⁸³

3.3 IV Centenário e deslocamentos do comércio do prazer

*As mulheres não têm direito à cidade porque não têm uma vivência plena e segura do espaço público.*¹⁸⁴

¹⁸⁰ Para mais informações sobre o semanário consultar RORATO, Márcia. **Imagens do fascismo no semanário ítalo-paulista II Moscone**. Londrina: Anais do II Encontro Nacional de Estudos da Imagem, 2009, p. 1071-1082.

¹⁸¹ MONOCLE. **Alguma coisa mudou**. *II Moscone*, São Paulo, 20 abr. 1940, p. 9. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=213535&pasta=ano%20194&pesq=%22Alguma%20coisa%20mudou%22&pagfis=7915>

¹⁸² *Ibid*, p. 9.

¹⁸³ *Ibid*.

¹⁸⁴ ROLNIK, Raquel. **Territórios em conflito**. São Paulo: espaço, história e política. São Paulo: Três Estrelas, 2017, p. 170

Em 1954, a cidade de São Paulo completara quatrocentos anos de história. Nesse ano, tinha como prefeito Jânio Quadros¹⁸⁵ e como governador Lucas Garcez¹⁸⁶, que foi responsável por comandar o fechamento da Zona do Baixo Meretrício e que fez declarações na TV Tupi no dia de seu fechamento. Aliado do discurso abolicionista, Garcez efetivou o fechamento às pressas da Zona em fins de 1953, ocasionando, como vimos no Capítulo 2, manifestações das meretrizes contra tal atitude.

Os festejos em torno do *IV Centenário da Cidade* foram grandiosos. Na recém metrópole, que na primeira metade do século XX passou por intensas modificações urbanas, políticas e sociais¹⁸⁷ que modificaram o cotidiano das putas, e que muito tem de relações entre si, a região que estamos estudando não passaria incólume. Uma obra aqui usada como referência bibliográfica, de autoria de Richard Morse, e publicada em 1954 pela *Comissão do IV Centenário da Cidade* foi escrita e publicada como parte desses festejos e

A cidade arrumou-se como nunca para a festa. Os preparativos para a celebração do IV Centenário [...] mobilizaram a imaginação da mídia, do governo e de diversos setores sociais [...]. Afinal, os festejos eram vistos como uma oportunidade ímpar de projetar uma representação da cidade que reafirmasse **o orgulho de ser “paulista”** e a força e a importância da “metrópole do trabalho”¹⁸⁸ (*grifos meus*).

¹⁸⁵ Jânio da Silva Quadros (1917-1992) foi advogado, professor e político. Teve importante trajetória política, sendo prefeito e governador da cidade de São Paulo, além de presidente da República na década de 1960. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/J%C3%A2nio_Quadros. Acesso em 14/07/2021 às 01:42.

¹⁸⁶ Lucas Nogueira Garcez (1913-1982) se formou em Engenharia Civil em 1936 na POLI/USP, tendo dado aulas na Universidade. Além disso, foi governador de São Paulo entre os anos de 1951 e 1955. Interessante notar que Garcez fora responsável pela criação do Parque do Ibirapuera, em comemoração ao IV Centenário da cidade. Além disso, comandou a invasão e fechamento da Zona do Baixo Meretrício, no Bom Retiro, em fins de 1953. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Lucas_Nogueira_Garcez. Acesso em 14/07/2021 às 01:46.

¹⁸⁷ Sendo os três processos ocorridos nesse período os mais importantes para esta análise: as remodelações do Plano de Avenidas, entre 1930 e 1940; o Estado Novo de Vargas, entre 1937-1945; e o fechamento da zona do Bom Retiro, que ocasionou um novo espraiamento do comércio do sexo pela cidade de São Paulo. Na década de 1960, formava-se a Boca do Lixo, sita às ruas Vitória e adjacências, o famoso quadrilátero do pecado, que abrigara a nova colmeia de mariposas.

¹⁸⁸ FONTES, Paulo. **Trabalhadores e associativismo urbano no governo Jânio Quadros em São Paulo (1953-1954)**. São Paulo: Revista Brasileira de História. V. 33m nº 66, p.71-94, 2013. p. 72.

Variados tipos de festivais também foram organizados para o ano de 1954. A movimentação cultural se mostrava importante, o que faz sentido quando pensamos em quais as referências da modernização da Pauliceia (os norte-americanos e europeus), que gostaria de mostrar-se apto para a posição de metrópole. Em 18 de fevereiro de 1954 “seguirão para o Brasil dezoito astros e estrelas do cinema norte-americano, a fim de participar do Primeiro Festival Cinematográfico realizado no Brasil”.¹⁸⁹

Souvenires foram criados para ampliar as propagandas sobre os festejos, demonstrando a abrangência e a importância, no período, de tais comemorações. A vontade de perpetuação histórica daquele momento se faz clara nas páginas da imprensa, que conduz uma perspectiva sobre a prostituição na cidade, que transmite as mensagens da elite sobre a necessidade de marginalizar uma parte da população em territórios mais distante das atividades comerciais e edificações empresariais, dentre outras narrativas propostas ao longo desse trabalho. O *Souvenir* é mais um exemplo dessa vontade.

¹⁸⁹ **CHEGAM dia 18 os americanos.** Diário da Noite, São Paulo, 16 fev. 1954, p. 1. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=093351&pasta=ano%20195&pesq=%22Chegam%20dia%2018%22&pagfis=30201>



Figure 15 - Prato do Brasão da cidade de São Paulo¹⁹⁰

As relações entre as obras de Francisco Prestes Maia com as comemorações do *IV Centenário* também aparecem na imprensa do período:

Antes de entrarmos no exame da proposta convém recordar que há poucos meses, logo após sua posse, o secretário municipal de Obras e Serviços levantou a *ideia* de se comemorar o 4º. Centenário da cidade, com a inauguração do Paço Municipal, a ser construído em local já escolhido pelo sr. Prestes Maia, e de acordo com projeto cuja execução seria confiada a esse ex-prefeito.¹⁹¹

Ou ainda quando, em 1948, também no *Correio Paulistano*, é publicada uma nota sobre as comemorações, declarando que as obras de melhoramentos urbanos relacionadas às comemorações se iniciaram no governo Prestes Maia, além de elogiar o *ilustre* engenheiro, que promovera projetos *magníficos*:

Estamos em vésperas de comemorar o quarto centenário da fundação de São Paulo de Piratininga. **As obras de urbanismo, iniciadas na administração**

¹⁹⁰ Fotografia retirada do site <https://www.saopauloantiga.com.br/pratos-do-iv-centenario/>. Último acesso em 06/07/2021, as 01:41h.

¹⁹¹ **A construção de um Paço Municipal “provisório”**. *Correio Paulistano*, São Paulo, 15 ago. 1946, p. 8. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_09&pesq=%22Centen%C3%A1rio%20da%20cidade%20+%20Prestes%20Maia%22&pasta=ano%20194&pagfis=29724

Prestes Maia, prosseguem em ritmo de câmara lenta e bem dificilmente chegaremos a vê-la concluídas antes de 1954... Mesmo assim, há quem espere que em tão exíguo prazo a concretização dos **magníficos planos de melhoramentos** que o **ilustre engenheiro elaborou**¹⁹² (*grifos meus*).

É possível, assim, vislumbrar que as movimentações em torno dessas comemorações não eram poucas. E que o envolvimento de Prestes Maia se deu a partir das suas obras de remodelação na cidade, que já fora pensada, para além de outras motivações, com objetivos de produzir uma Capital apta para receber as ilustres visitas planejadas para 1954. O desejo pulsante de modernizar São Paulo, que foi exposto pela imprensa ao longo das décadas de 1930 e 1940 se entrelaçam tanto com o *IV Centenário*, como com a expulsão das mulheres que comercializam seus sexos.

O fechamento da Zona do Baixo Meretrício aconteceu às pressas e em fins de 1953, isso porque, em 29 de dezembro de 1953 o jornal *Diário da Noite* publicou *Adiado o fechamento da Zona do Meretrício*, pois “a complexidade do problema de recuperação das decaídas exigiu a providência”.¹⁹³ Porém, em 31 de dezembro do mesmo ano, a *Polícia de Costumes* entra na Zona segregada e, de casa de tolerância em casa de tolerância, avisa às putas que seus locais de trabalho serão extintos. “O decreto que determina a extinção da zona [...] era de caráter imediatista, rígido, inflexível. E mais, doesse a quem doesse, pois *dura lex sed lex* [a lei é dura mas é lei].”¹⁹⁴

A hipótese de que essa atitude estatal – lembrando que foi comandada pelo governador do Estado de São Paulo, Lucas Garcez – às pressas, na virada de 1953 para 1954, compunha um dos movimentos para que São Paulo pudesse receber as visitas ilustres nos festejos do *IV Centenário*, que se dariam em 1954 pode fazer sentido quando esses elementos são colocados em evidência.

¹⁹² **O quarto centenário**. Correio Paulistano, São Paulo, 05 dez. 1948, seção Notas & Comentários, p. 4. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_09&Pesq=%22Centen%c3%a1rio%20da%20cidade%20+%20Prestes%20Maia%22&pagfis=40225

¹⁹³ **ADIADO o fechamento da zona do meretrício**. Diário da Noite, São Paulo, 29 dez. 1953, p. 8. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093351&pesq=%22Fechamento%20da%20Zona%22&pasta=ano%20195&pagfis=29767>

¹⁹⁴ JOANIDES, Hiroito de Moraes. **Boca do Lixo**. São Paulo: Editora Labortexto, 2003, p. 34.

Pressupostos para tal desdobramento, existem. Como discutimos, o processo de metropolização da cidade deveria ser entregue ao mundo, era isso que a elite que o projetou gostaria. A imprensa vinculou os ideais das classes mais abastadas, assim como fazia claros elogios a figura de Prestes Maia e suas obras. Ao passo que condenava a prostituição, e em diferentes momentos declarou que o bem se daria com a transferências das trabalhadoras sexuais para outros lugares menos visíveis da Pauliceia e

Além disso, proibidas por falta de espaço físico de exercerem sua profissão, tinham de perambular pelas ruas à cata de fregueses e procurar locais onde pudessem se relacionar. As mesmas recriminações aparecerão na década de 1950, quando Lucas Nogueira Garcez acaba com a zona do meretrício no Bom Retiro. Finalmente, em todos os países onde foi implementado, o regulamentarismo revelou-se ineficaz, autoritário, violento, produto de uma vontade panóptica de domesticação da sexualidade feminina.¹⁹⁵

Dado o fim da Zona regulamentada do Baixo Meretrício no Bom Retiro, em 31 de dezembro de 1953, as mulheres prostitutas se viram expulsas das casas de tolerância, local onde muitas vezes servia também de moradia, além de local de trabalho. É possível notar que a partir do fechamento da Zona, a prostituição se propaga nos becos da cidade, e a imprensa inicia uma discussão sobre a problemática da ação comandada por Garcez:

O repentino fechamento da “zona”, **inundou a cidade** de detritos dantes ocultos às vistas do grande público. Outro erro foi a **dispersão das meretrizes**. Espalhou-se de modo desastrado a *masela* então concentrada, quando era simplificada a sua vigilância, além de trazer sem número de vantagens para a polícia de costumes e decoro das ruas¹⁹⁶ (*grifos meus*).

“Triplicou na cidade o número de decaídas” aparece em letras garrafais no jornal *Diário da Noite*, em 04 de janeiro de 1954, dias após o fechamento da Zona, matéria que acompanha a fotografia abaixo. Um amontoado de mulheres prostitutas que mais uma vez, estavam sendo expulsas de seus locais de trabalho, como fora quando a Zona nasceu. Um aspecto interessante é o fato de que as trabalhadoras sexuais estavam à mercê dos mandos e desmandos do Estado, que não criminaliza o ato de

¹⁹⁵ RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). São Paulo: Paz e Terra, 2008. 2ª edição, p. 156.

¹⁹⁶ J.F. **O problema da prostituição**. Correio Paulistano, São Paulo, 24 ago. 1955, seção A cidade, p. 7. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&pesq=%22Fechamento%20da%20Zona%22&pasta=ano%20195&pagfis=27499

prostituir-se, mas ao passo que não o regulariza como trabalho, com direitos e sindicato, por exemplo, consegue controlar onde poderá acontecer, quando a repressão policial será mais efetiva, e principalmente, onde essas mulheres poderiam existir.



INICIO DO COMBATE — Esta foto foi batida no início da campanha contra a prostituição. Isso, há dois anos. Até agora, nenhuma solução foi encontrada para resolver o problema, que continua cada vez mais grave.

197

Os desdobramentos do fim da Zona do Meretrício foram muitos, mas a formação da Boca do Lixo, na década de 1960, pelas ruas da região central da cidade, corrobora as reclamações realizadas na imprensa ao longo da década de 1950. Novos bairros vão sendo ocupados por essas populações de indesejáveis, criando assim um novo submundo na Pauliceia. Agora não mais submetidas a uma Zona regulamentada onde trabalhavam nas casas de tolerância, as trabalhadoras sexuais modificam a dinâmica de seu labor, ampliando a prática do “denominado *trottoir*. Essa modalidade [...] já se

¹⁹⁷ GUIMARÃES, Almir. **Consequências do fechamento da “zona do meretrício”**. Diário da Noite, São Paulo, 04 jan. 1954, p. 20. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093351&pesq=%22Fechamento%20da%20Zona%22&pasta=ano%20195&pagfis=37926>

fazia exercida entre nós, mas apenas por umas raras privilegiadas, mulheres de categoria um pouco superior a de suas colegas confinadas.”¹⁹⁸

Além do relato de Hiroito sobre essa expansão da prática do *trottoir*¹⁹⁹, a imprensa paulistana do período estudado também apresenta declarações que corroboram o espraiamento dessa modalidade do trabalho sexual, e reclamações começam a partir dos moradores dos bairros adjacentes ao Bom Retiro, como Campos Elíseos e Santa Ifigênia, por exemplo:

Comerciantes estabelecidos no bairro de Santa Ifigenia, bem como particulares, enviaram-nos extensa missiva na qual relatam os inconvenientes, fáceis de imaginar, da invasão das suas ruas por **decaídas**, que ali fazem seu “trottoir”. Assinalam, como maiores focos da **infiltração**, as ruas dos Gusmões, General Osório e Vitória²⁰⁰ (*grifos meus*).

As palavras usadas para falar da presença das prostitutas no bairro de Santa Ifigênia se caracteriza, assim como na década de 1930 e 1940, pejorativo novamente. Associadas a queda de Eva mais uma vez, os discursos parecem variar entre abolicionistas e outros com caráter mais eugênico. Da extrema marginalização espacial decorrente dos planos de remodelações da cidade de São Paulo, e “gerado pelo sêmen da injustiça social, após o longo e feio parto, emergia, do ventre da cidade grande, o odiado e odioso filho: a Boca do Lixo, o Quadrilátero do Pecado.”²⁰¹

¹⁹⁸ JOANIDES, Hiroito de Moraes. **Boca do Lixo**. São Paulo: Editora Labortexto, 2003, p. 36.

¹⁹⁹ Trottoir, que em francês significa calçada, era a prática de prostitutas que caminhavam pelas ruas, ou escolhiam pontos de ruas movimentadas para abordar seus clientes, ainda muito comum na cidade de São Paulo.

²⁰⁰ “**TROTTOIR**” em **Sta. Ifigenia**. Correio Paulistano, São Paulo, 18 jan. 1955, seção Reclamações, p. 8. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=090972_10&pasta=ano%20195&pesq=%22trottoir%22%20em%20sta.&pagfis=24489

²⁰¹ JOANIDES, Hiroito de Moraes. **Boca do Lixo**. São Paulo: Editora Labortexto, 2003, p. 38.

Considerações finais

Foram inúmeros os aparatos de repressão usados para controlar a vida da mulher puta; nenhum vestígio foi encontrado, porém, que demonstrasse que o mesmo tipo de coerção fora usado contra os usuários do comércio do sexo diretamente e “enquanto o homem é completamente absolvido por sua própria morte, vitimizado por sua fragilidade, a prostituta recebe todos os adjetivos estigmatizantes que a tornam extremamente poderosa e mortal.”²⁰² Ao longo das pesquisas na imprensa paulistana, percebeu-se também que a figura da puta foi representada através de pressupostos problemáticos, como as teorias eugênicas e a ideia de mulher boa *versus* má, prejudicando diretamente a vida cotidiana das trabalhadoras do sexo, que além de sofrerem as retaliações diárias de seus entes próximos, também eram alvo de violência policial, e tinham suas vidas atacadas inclusive por remodelações urbanas.

Adentrar o submundo do baixo meretrício na cidade de São Paulo deixa claro que, além das mulheres terem suas sexualidades associadas diretamente à reprodução apenas, e não ao prazer, que os homens, que mantêm esse trabalho em pleno funcionamento, já que são grande parte da clientela, foram isentos de quaisquer retaliações. E isso se deu (e se dá) pois são eles que controlam a super estrutura das grandes instituições, como um todo.

Sendo as trabalhadoras sexuais fadadas ao desprezo pela Igreja, pelas famílias tradicionais e por todas as instituições que criam leis, costumes morais e controlam a polícia, essas mulheres tiveram que lutar por suas existências, e muitas vezes foram assassinadas, presas, expulsas de seus locais de trabalho e residência, dentre outras situações que as colocaram em uma posição de marginalidade.

O curioso é que nem entre 1940 e 1953, nem nos dias atuais, o ato de prostituir-se é crime, apenas a exploração por terceiros do comércio do prazer o é. Muito pelo contrário, havia a ideia de que a prostituição era necessária para a manutenção da família tradicional e local de alívio para os homens, dotados de uma sexualidade incontrolável:

Representando a sexualidade como **força animal** que ameaçava transbordar os limites estabelecidos pelas regras da civilização, Cândido Motta, assim

²⁰² RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). São Paulo: Paz e Terra, 2008. 2ª edição, p. 231.

como os regulamentaristas em geral, justificava a necessidade de um espaço de **alívio das tensões libidinais** na geografia urbana. “**Mal necessário**”, a prostituição deveria ser tolerada, porém controlada e subjugada ao império da razão e da violência policial²⁰³ (*grifos meus*).

Existe porque os homens dela necessitam, mas aquelas que decidem exercer a profissão, são relegadas à marginalização. As *tensões libidinais* são exclusivamente masculinas, já que a sexualidade da mulher é intensamente reprimida e associada a um único e divino fim: a maternidade. A ideia de *mal necessário* sugerida por Rago se confirma nas páginas dos jornais, e no próprio fato da não criminalidade da profissão. A contradição que existe nisso – não regularizada *versus* não proibida – gera problemáticas para as trabalhadoras sexuais, que não têm direitos trabalhistas ou sindicato reconhecido, sujeitas, assim, a repressões cotidianas e violências que partiam de várias frentes, como vimos no Capítulo 2. Tal contradição atravessou o século XX e ainda permanece na vida das trabalhadoras sexuais até os dias de hoje. Duda Ferrarini, trabalhadora sexual há quase uma década, conta como essa questão é problemática para ela e suas companheiras de trabalho:

É uma via de mão dupla, isso é muito problemático... E aí a gente encontra várias leis que uma bate com a outra, né... A gente pega por exemplo, fala de tráfico para fins sexuais das pessoas, e aí por exemplo se eu vou pra fora do país PORQUE EU QUERO ME PROSTITUIR, de livre e espontânea vontade, e eu tô lá e não tem ninguém fazendo mal pra mim, da mesma forma eu vou ser vista como uma vítima de tráfico sexual. **Se tem uma batida numa casa de prostituição e ali, vai... não rola uma propina e decidem simplesmente fechar a casa ali, eu vou ter que ir até a delegacia assinar um termo dizendo que eu sou vítima da prostituição!** Qual é o sentido disso? Não tem sentido²⁰⁴ (*grifos meus*).

Duda também lembra de um ponto importante que é o fato de que a prostituição é exercida por mulheres que decidem estar ali; quando a narrativa social se alterou de mulher maléfica para mulher vítima – no que toca as trabalhadoras sexuais – percebia-se que a prostituição era compreendida como forçada, e não espontânea e por decisão da mulher. Essa perspectiva coloca a mulher em uma posição de total submissão ao poder do cáften ou caftina, que através de coerção, violência e imposição, obriga a mulher a efetuar o trabalho sexual. Não se sabe quantas das

²⁰³ Ibid. p. 133.

²⁰⁴ FERRARINI, Duda. **A mulher do asfalto**. [Entrevista concedida a] COSTA, Patrícia. São Paulo: maio de 2021. p. 13.

mulheres putas representadas na imprensa aqui estudada decidiram exercer a profissão, muito menos quantas delas foram (ou se foram) obrigadas. Mas existe uma fresta de entendimento: a manifestação realizada pelas prostitutas trabalhadoras da Zona do Baixo Meretrício quando do seu fechamento.

Porque são submetidas a repressões profundas ao passo que não são proibidas, por lei, de vender o sexo? Essa reflexão é válida já que nós, mulheres, fomos excluídas durante um longo período histórico de afazeres remunerados; os trabalhos que nos couberam foram massivamente chamados de dever, obrigação. Porém, quando uma mulher se prostitui nas décadas de 1940 e 1950, ela ganha poder econômico e

A possibilidade de acesso ao poder econômico e a conquista da autonomia parecem assustar profundamente os setores da sociedade preocupados em garantir suas prerrogativas masculinas. Desse modo, a relação da mulher com o dinheiro, objeto público por excelência, mas objeto que gera poder, estará sempre muito marcada por uma condenação moral sutil.²⁰⁵

²⁰⁵ RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). São Paulo: Paz e Terra, 2008. 2ª edição, p. 257.

Fontes e bibliografia

Fontes

Correio Paulistano

Correio de São Paulo

Diário da Noite

Jornal de Notícias

Il Moscone

CRYSTAL. **Webquenga**: o cotidiano de uma Cam Girl. [Entrevista concedida a] COSTA, Patrícia. São Paulo: maio de 2021. (53 min e 54 segs.)

FERRARINI, Duda. **A mulher do asfalto**. [Entrevista concedida a] COSTA, Patrícia. São Paulo: maio de 2021. (54 min e 58 segs.)

Bibliografia

ATIQUE, Fernando. **A midiatização da (não) preservação**: reflexões metodológicas sobre sociedade, periodismo e internet a propósito da demolição do Palácio Monroe. *Anais Do Museu Paulista: História E Cultura Material*, 24(3), 149-175, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-02672016v24n0306>. Acesso em 29 jul 2021.

BOECKEL, C. **História e Propaganda política**: A construção da imagem de Getúlio Vargas (1930-1945). (Monografia) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2005.

CAMPOS, Rafael Dias da Silva. *Conde de Buffon e a teoria da degenerescência do Novo Mundo no século XVIII*. In: **História das Ideias**: viajantes naturalistas e ciências na modernidade. SANTOS, Christian Fausto Moraes dos. (organizador). Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2010.

CARPINTÉRO, Marisa Varanda Teixeira. **Tempo e história no Plano de Avenidas**. URBANA: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade. Campinas, SP, v. 2, n. 1, p. 1–11, 2013.

CORREIA, Telma de Barros. Projetos de regeneração: a intervenção na habitação proletária. *IN: A construção do habitat moderno no Brasil (1870-1950)*. São Paulo: Editora Rima, 2004.

COSTA, Patrícia. *Imprensa Paulistana e a figura de Prestes Maia: A censura do Departamento de Imprensa e Propaganda e os discursos hegemônicos (1937-1946)*. In: ATIQUE, F.; GERAISSATI, R.; DIAS, M. **Modernidades Espaciais**: histórias, espaços, patrimônios. Guarulhos, CAPPH-UNIFESP, 2021, no prelo.

CRUZ, Heloisa de Faria. **São Paulo em papel e tinta**: Periodismo e vida urbana (1890/1915). São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2013.

D'ELBOUX, Roseli. **Manifestações neoclássicas no Vale do Paraíba**: Lorena e as palmeiras imperiais. São Paulo: Annablume / FAPESP, 2008.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

FELDMAN, Sarah. **Segregações espaciais urbanas**: a territorialização da prostituição feminina em São Paulo. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1988.

FERLA, Luis A. C. **Feios, sujos e malvados sob medida**: Do crime ao trabalho, a utopia médica do biodeterminismo em São Paulo (1920-1945). Tese (Doutorado em História Econômica) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

FONSECA, Guido. **História da prostituição em São Paulo**. São Paulo: Editora Resenha Universitária, 1982.

FONTES, Paulo. **Trabalhadores e associativismo urbano no governo Jânio Quadros em São Paulo (1953-1954)**. São Paulo: Revista Brasileira de História. V. 33m nº 66, p.71-94, 2013.

FORMIGA, Dayana de O.; PAULA, Ana Beatriz R. de; MELO, Charles Aparecido S. **O pensamento eugênico e a imigração no Brasil (1929-1930)**. *Intelligere, Revista de História Intelectual*, nº7, p. 75-96.2019. Disponível em <http://revistas.usp.br/revistaintelligere>.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2014.

HELENE, Diana. **As primeiras a serem expulsas são as prostitutas.** *IN:* FeminismUrbana, 2017. Disponível em <https://feminismurbana.wordpress.com/2017/12/02/as-primeiras-a-serem-expulsas-sao-as-prostitutas/>

HITE, Shere. O **relatório Hite**: Um profundo estudo sobre a sexualidade feminina. Rio de Janeiro/São Paulo: Difusão Editorial S/A, 1978. 3ª edição.

JOANIDES, Hiroito de Moraes. **Boca do Lixo**. São Paulo: Editora Labortexto, 2003.

LEITE, Gabriela. **Filha, mãe, avó e puta**: A história de uma mulher que decidiu ser prostituta. São Paulo: Editora Objetiva, 2009.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Editora Cultrix, 2019.

LINDO, Luiz Antônio. **A América dividida entre Gabriel Soares de Sousa e Cornelius de Pauw.** *In:* Cadernos PROLAM/USP, Ano 11 — Vol. 2 — 2012.

LOPES, Orlando Seabra. **A obra do presidente Vargas no campo social.** Boletim Trimensal do Departamento Nacional da Criança, v. III, n. 8, p. 37-38, mar. 1942a. Citado por LOPES, Thiago da Costa; MAIO, Marcos Chor. *Puericultura, eugenia e interpretações do Brasil na construção do Departamento Nacional da Criança (1940)*. Revista Tempo, Rio de Janeiro, Vol.24, n.2, p. 349-368, Maio/Ago. 2018.

LOPES, Thiago da Costa; MAIO, Marcos Chor. **Puericultura, eugenia e interpretações do Brasil na construção do Departamento Nacional da Criança (1940)**. Revista Tempo, Rio de Janeiro, Vol.24, n.2, p. 349-368, Maio/Ago. 2018.

MANGILI, Liziane Peres. **Transformações e permanências no bairro do Bom Retiro, SP (1930-1954)**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo. São Carlos, 2009.

MARTINS, Ana Paula Vosne. **A medicina da mulher**: Visões do corpo feminino na constituição da obstetrícia e da ginecologia no século XIX. Tese (Doutorado em História) Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 2000.

MOIRA, Amara. **E se eu fosse pura**. São Paulo: Editora hoo, 2018

MORSE, Richard. **De comunidade a metrópole**: biografia de São Paulo. São Paulo: Comissão do IV Centenário da cidade de São Paulo, 1954.

PRADA, Monique. **Putafeminista**. São Paulo: Veneta, 2018.

PRIORE, Mary Del. **Sobreviventes e Guerreiras**: Uma breve história da mulher no Brasil de 1500 2000. São Paulo: Editora Planeta, 2020.

RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). São Paulo: Paz e Terra, 2008. 2ª edição.

RIZZO, Paula Karine. **O quadrilátero do pecado**: A formação da boca do lixo em São Paulo na década de 1950. Dissertação (Mestrado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo, 2017.

ROLNIK, Raquel. **Territórios em conflito**. São Paulo: espaço, história e política. São Paulo: Três Estrelas, 2017.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930). São Paulo: Companhia das Letras, 2020. 18ª reimpressão.

Anexos

Anexos I – Entrevistas de Duda Ferrarini e Crystal

Webquenga: o cotidiano de uma Cam Girl.

**Transcrição da entrevista com Crystal, em 31 de maio de 2021*

Patrícia (entrevistadora): Eu vou entrevistar a Crystal hoje e ela vai contar um pouquinho da trajetória dela pra gente! Boa noite, Crystal!!

Crystal (entrevistada): Boa noite, Patrícia.

P: Eu vou começar a fazer as perguntas, então... Se qualquer coisa você precisar me interromper, você pode me interromper tá bom? Fica à vontade!

C: Ok!

P: Bom, qual sua idade e há quanto tempo você é uma trabalhadora sexual?

C: Eu tenho 32 anos e eu sou uma trabalhadora sexual faz 2 anos... de 2 pra 3 anos... Porque eu fui entrando aos poucos, eu fui pesquisando assim... não foi no ímpeto e também eu já sou mais velha e aí tipo, foi uma coisa que foi muito aos poucos. Eu tive que planejar tudo pra poder de fato trabalhar.

P: Entendi! Você trabalhava com o quê antes?

C: Antes... Na verdade eu trabalhava em bar e tudo mais. Eu fazia o que dava, mas eu *tava* mesmo era fazendo faculdade. *Tava* tipo no sétimo período de psicologia... e eu tive uma crise depressiva assim... *tava* desde o sexto semestre assim. Muito depressiva mesmo, eu *tava* muito deprimida... porque eu não conseguia trabalhar, porque os trabalhos que tinham disponíveis pra mim não... eu não conseguia ter força porque eu *tava* já... eu *tava* muito deprimida. Então era um negócio que em mim eu sentia que eu precisava buscar uma forma de ter uma renda própria. Porque *tava* me fazendo muito mal não trabalhar, mas tinha que ser uma coisa que me dava uma certa... autonomia nos horários, porque realmente eu tinha crises de não conseguir comer, eu *tava* pesando menos de 40 quilos, então... *tava* numa época muito difícil mesmo, aí eu tranquei a faculdade, me mudei... por isso que eu falo que foi de 3 a 2

anos. Teve uns meses aí que eu tive que me preparar. Como eu tenho uma filha eu tive que me mudar pra uma cidade maior, morar sozinha pra ter um espaço, pra eu começar a entender como que seria trabalhar com isso. É que quando a gente vê de fora, e você tem 18 anos e tem um quartinho no fundo, é uma coisa. Mas quando você já é uma mulher e as pessoas esperam alguma coisa de você, é TOTALMENTE diferente. Então não dá simplesmente pra você ligar a câmera pra aparecer com a sua cara e falar “oi mundo, estou aqui”, então você tem que fazer uma preparação, eu tive que me preparar antes. Eu tive que me afastar de tudo, assim. Porque eu fui percebendo que as pessoas não *tavam* lidando quando eu falava sobre isso, entendeu? Eu falava... eu jogava alguma coisa aqui, alguma coisa ali pros meus amigos e todo mundo ficava muito assim... não levava tão bem. Aí eu falei tipo assim vou ter que bater o pau na mesa mesmo e falar “eu tô fazendo isso, você vai fazer o que agora?! Cé vai falar na minha cara que é errado o que eu tô fazendo, sabe?! E foi bem o que eu fiz, então tipo a minha família me aceitou bem, minha mãe, minha irmã tiveram uma aceitação muito boa, mas a minha melhor amiga não. Ela tipo realmente chegou num ponto de tipo “ai não consigo olhar na sua cara”, e foi bem ruim, bem negativo pra minha vida, mas por outro lado eu também aprendi um pouco mais sobre relacionamento, reciprocidade, né e tudo mais... acho que as pessoas entendem, eu tenho ainda amigos da época e todas as pessoas hoje levam numa tranquilidade muito grande assim! Eu acho que se afastar de cara assim de quem descarta você como uma ideia possível eu acho uma boa, porque tem gente que realmente não consegue normatizar dentro da cabeça.

P: Sim! E vocês não se falam até hoje?

C: Não, a gente não se fala! Não se fala mesmo. Deu pra ver que era uma coisa muito assim tipo... eu me tornei a amiga solteira... depois eu me tornei a amiga que era depressiva e que ficava com os caras, aí depois eu vim com esse papo... “como assim amiga, cé tá indo demais... cé é uma feminista liberal agora”. E aí nisso vem outras mágoas e aí cé fala “ai cara não vai dar”. Eu não sou mais a pessoa que ela espera que eu seja pra vida dela agora... então realmente foi tipo fui até madura. Não fiquei brigando, nem nada. Só tive uma briga final e então deixa pra lá, então. Fica aí, que eu fico aqui, cada um na sua correria.

P: E você melhorou da depressão?

C: Muito, mas é porque eu fiz terapia durante... é... no começo da pandemia eu tive umas crises muito *fudidas* de agorafobia mesmo. Porque eu já tava numa vibe muito em casa, né! Eu não tava saindo muito, quando eu saía, eu fazia uns freelances no bar... porque eu queria me movimentar, eu não queria ficar só trancada em casa. Então era... ou eu tava trabalhando no bar ou eu tava em casa trabalhando. Então eu já tava muito parada, eu sofri o acidente poucos meses antes. Eu sofri o acidente tipo em novembro de 2019... e foi acidente bobo tipo assim o carro só bateu, só que eu bati a cabeça na... no meio fio e deu uma concussão e... assim, bem leve, não ficou mancha nem nada. Eu fiz os exames deu tudo certo, só que eu tive que tomar ponto e demora tipo realmente uns dois, três meses pra cabeça voltar ao normal. Eu tenho esquecimento até hoje! Mas eu fui lidando com tudo isso de uma forma muito tranquila... tipo assim, lidando com o trabalho, e com a minha recuperação... porque como meu trabalho não pede que eu faça grandes coisas e tudo mais, dava pra eu trabalhar e tá recuperando. E aí com a pandemia eu fiquei muito agorafóbica porque eu fiquei mano eu tô em casa, já tô só trabalhando, não tô tendo nenhuma vida social, agora eu vou ser obrigada a ficar em casa... eu sabia que eu era uma pessoa muito... eu sou germofóbica e tudo mais... eu sabia que eu ia ficar realmente trancada em casa... e aí eu fiquei muito doida e eu consegui um terapeuta – que inclusive faleceu faz pouco tempo – e ele foi uma pessoa que realmente me ajudou muito na questão da depressão. Eu falo que hoje eu tenho depressão por causa da pandemia, por causa do governo Bolsonaro, porque eu mesma eu tô muito mais tranquila com as minhas questões, tô muito mais pronta pra lidar com as questões que eu também preciso lidar quando eu tiver fora da pandemia, né... porque uma coisa é a gente se tratar aqui dentro... outra coisa é quando a gente tiver mais né tipo... levando uma vida um pouco mais normal, o normal antigo de verdade, né, não esse novo normal!

P: Legal, Crystal! Eu vou pra próxima perguntar tá. Você pode falar um pouco sobre essa questão do nome da profissão? Porque tem discussões, né, de prostituta, puta, trabalho sexual... E aí se você puder falar um pouco sobre isso e também dizer qual que é o nome que você gosta de chamar a sua profissão?

C: É... primeiro que é assim, eu acho que por questão de um pouco mais didática, acho que trabalhadora sexual é melhor... pra gente repetir até que isso fique na cabeça das pessoas, mas a nomenclatura assim... tipo um amigo meu falar o que eu

faço pode até me chamar de quenga que eu não tô nem aí, sabe?! Eu acho graça, pra falar a verdade, essas... falam *webquengas*, sabe?

P: [risos]

C: Um cara me chamou agora pouco no Twitter tipo assim “o que você faz de *weblovizinhos*” e aí eu fiquei [risos] *weblovizinhos* é novo [risos]. Mas eu acho que assim... tem uma carga muito negativa, mas assim como outras palavras tão sendo... a gente tá trocando, até reclamando por... falar *viado* e aí o Facebook caí... não a gente quer falar *viado*. *Viado* não é necessariamente negativo. A gente já conseguiu subverter um pouco. E acho que puta é uma palavra que precisa ser subvertida mesmo, porque puta ela tem uma carga histórica muito grande pra gente deixar de lado e falar “não, essa palavra tá proibida”. Eu acho que ela é mais do que sobre o trabalho sexual, ela também é sobre mulher. É sobre ser mulher, é sobre sexualidade. Então acho que puta não pode ser deixada pra trás. E também porque faz parte da linguagem safada, não tem porque ser descartado. [risos]

P: Exato. [risos]. Você é envolvida com algum movimento que defende os direitos das trabalhadoras do sexo? Se sim, você pode contar um pouquinho sobre como isso acontece na sua vida?

C: Então, eu não sou diretamente ligado a nenhum..., mas assim é... como a Duda [Ferrarini] é uma pessoa muito próxima a mim e que eu tenho um contato meio que quase diário, eu tô mais próximo da ANPROSEX. Aí quando rola alguma coisa, às vezes eu tento dar uma ajuda... é... como tipo... eu já trabalhei como *FinDomme*²⁰⁶ dava pra você falar pro cara tipo “ah, vai lá e doa o que você ia me tributar”, entendeu?! É dessas formas que eu tento dar uma ajuda... porque eu não tô exatamente agora trabalhando, né, por causa da pandemia, minha filha fica em casa. Ela tá com 9 anos e hoje em dia 9 anos é o novo 13, 14... porque é umas crianças gigantes, já tão tipo enormes então eu não tô podendo trabalhar tanto com isso... então, tipo a última vez que eu tive online faz 3 meses. Porque assim a gente tá muito à mercê do que tá acontecendo. Antes dava pra você mandar a filha pra casa da vó... agora chegou num ponto que no interior de São Paulo não tá dando, sabe? A não ser que você seja meio

²⁰⁶ Trabalhadoras sexuais que atendem homens que sentem prazer em pagar suas contas, e tudo o que a mulher desejar. Além disso, esses homens gostam de ser ignorados e mal tratados. É uma variante do sadomasoquismo.

doida, mas não tá dando pra deixar... igual eu, não tenho carro... porque se pegar, colocar no carro e levar é uma coisa, mas colocar a criança dentro dum táxi e mandar sabendo que a taxa de transmissão tá gigante, aqui tá tido Manaus... Franca mesmo, se você jogar o negócio tá muito doido assim... cidade é tipo pequena, morrendo muita gente, morrendo gente assim que não foi nem atendida... então... infelizmente não da pra... acho que nem se eu tivesse... nem se minha filha tivesse, por exemplo, com o pai dela eu acho que eu ia ter emocional pra tá diretamente sempre assim. Porque... é muita tristeza. E como *camming* a gente fica muito tempo parada a gente fica muito tempo refletindo sobre a vida, infelizmente. Então nem sempre dá pra ficar de verdade, assim... Você pode se arrumar, pode tentar o que for, mas se seu coração tá triste, se não aparecer ninguém de especial pra conversar com você, é melhor não ficar muito tempo lá [no site de *camming*] porque é triste! É triste. Trabalhar é triste né?! Trabalhar triste é triste! Então... Exposta ainda, tendo que sorrir... Igual outros trabalhos, igual quem trabalha em loja e tudo mais. Ter que sorrir é MUITO difícil! É muito difícil.

P: Sim! É verdade. Eu vou fazer uma pergunta um pouco boba...

C: *Aham*, imagina, não tem isso não! [risos]

P: Eu tô fazendo um curso sobre mulheres e tal, e aí teve uma aula sobre prostituição, sobre a zona de Campinas né... E aí uma das alunas ela começou a levantar alguns aspectos abolicionistas sobre a prostituição, e aí eu queria saber... você gosta do seu trabalho?

C: *Uhum*, eu gosto! Eu gosto. Foi uma escolha 100%. Não teve nada assim no mundo assim... Do mesmo jeito que poderia pegar outro ramo se eu tivesse mais proximidade né? Mas eu já tinha proximidade com o fato de me exibir na *cam* e tudo mais... então foi o que me coube. Então pra mim não tem problema.

P: Legal! É porque tem muito esse discurso, né... de que as prostitutas são vítimas...

C: Exato!

P: É exatamente isso que eu quero entender a partir da fala de mulheres trabalhadoras sexuais né... Porque eu acho que tem muita especulação. Por isso que eu fiz essa pergunta.

C: É uma coisa que acontece é que tipo de fato a gente se sente explorada em muitos momentos... é que o que acontece é que a gente é tão explorado quanto qualquer pessoa que trabalha e então quando a gente luta por direito é pra gente realmente ter direito de quando chegar numa parte de exploração que realmente não tem sistema capitalista que passe pano naquilo a gente fale “não, isso tá errado” e as pessoas entenderem e olhar “não, de fato, isso tá errado, você não pode fazer isso com ela!” “Não é porque ela trabalha com isso, sabe?” É muito por isso porque trabalho é exploração, isso é uma coisa que não tem como você desassociar uma coisa da outra. Você tá tendo que trabalhar pra comer, você tá sendo obrigado a fazer uma coisa pra poder se alimentar. Cada um faz o que pode pra o que é melhor, pra o que cabe melhor. Sei lá, eu acho que tem uma coisa muito boa no ser humano que a gente tem uma disposição de querer produzir... Então isso faz com que o trabalho não fique sendo SÓ exploração. Mesmo ele sendo exploração, ele pode trazer um certo acalanto pra alma. E a gente enquanto trabalhadora... se as pessoas reconhecerem isso... é... vai ser muito mais fácil do que essa visão abolicionista. Porque não vai parar de ter demanda, não vai parar de ter puta, não vai parar de ter cliente... Isso não vai parar nunca. A gente vê na pandemia, [risos] não parou. Quer sinal maior do que isso? Não parou, não parou...

P: Então, nem diminuiu a quantidade de cliente?

C: Diminuiu, mas é muito porque é uma questão econômica mesmo, porque as pessoas não têm dinheiro, não é porque as pessoas não querem. Elas continuam querendo, tanto que você entrar... é... se você ver tipo estatística tipo do ? deve tá tipo no alto... é um site de *camming* aleatório

P: Ah eu não conheço. Depois cê pode me mandar no chat?

C: Mando... mando o nome dele. É um site... antes tinha outros, esse é tipo um novo que tá realmente funcionando. Então você liga a câmera e do nada você conversa com um angolano e tudo mais... e esses sites tão cheio de gente, de adolescente, de criança, de adulto, de gente procurando pra bater uma, porque as pessoas querem se ver, as pessoas querem isso! E isso também já foi ligado bastante a quem faz sexo virtual e tudo mais. Então com certeza a procura de adultos nisso aumentou muito porque eles não tão tendo dinheiro mesmo.

Cê entra no Câmera Privê cê vê os caras ficam passeando assim, com 4 créditos, assim, porque eles não têm dinheiro pra ficar colocando como antes. Então infelizmente é uma questão econômica. Não tanto pela pandemia, porque as pessoas tão em casa, eu acho que com relação a isso até deu uma aumentada no começo, mas quando as pessoas perceberam que de fato ia doer no bolso, que elas iam ter menos dinheiro, elas começaram a segurar o dinheiro, porque é um luxo, né?!

P: Sim!!!! A gente tá numa crise econômica, né?! Todo mundo perdendo emprego...

C: Total!!! 2021 tá muito triste, né?! 2020 ainda não dava pra... Mas agora 2021 a gente vê que realmente tem uma crise que é... nossa dói bastante no nosso bolso.

P: Tá bem difícil... porque ano passado era só o primeiro ano, né?! Agora é o segundo ano, e a gente não tem perspectiva alguma de sair...

C: É, é aquela coisa de data limite... Tá todo mundo no limite! A gente tá doido... nossa, uma galera foi pra rua, olha que doideira.

P: Pois é! A quantidade de pessoas aqui em São Paulo... super cheio!

C: Nossa, super cheio e dava pra ver que era organizado, que era com cuidado...

P: Eu fui pelega, eu tive medo de ir.

C: Não, mas por medo... Não tem como julgar! Não tem como julgar mesmo, de verdade, eu também não teria coragem de ir. Eu falo da minha filha, mas eu não teria coragem de ir. Tenho várias questões emocionais. Isso tem que ser respeitado também, deixa essa galera que tá jovem... vai eles aí, esse povo de 18 anos super saudável, eles têm que sofrer também, eles enchem tanto o saco na internet [risos]

P: [risos] exato! Também acho!!! [risos]

Bom, você trabalha no universo digital – agora você não tá trabalhando muito tá mas você pode falar tipo, de um período...

C: Não, é... Eu tô, tipo, eu ainda mantenho Facebook... o Facebook não, o Twitter. Eu ainda tô em todos os grupos, eu converso diariamente com as meninas sobre. Apesar de não tá podendo produzir, eu ainda tô no meio... porque eu prefiro, eu realmente escolhi me manter assim, não fingir que não tá acontecendo nada agora.

P: *Aham...* presencial você não tá trabalhando?

C: Não, não... agora não tô fazendo nada. Nunca fiz também, mas é uma coisa que eu pretendo fazer futuramente na verdade.

P: Ah, você nunca fez? Você só fez *camming* até hoje?

C: Só *camming* até hoje. Nunca fiz nada mesmo do tipo... tanto que uma vez me perguntaram isso assim... a primeira vez que... uma vez só me perguntaram isso pessoalmente e eu fiquei tipo “nossa, o que?” quase que eu bati no cara...

P: Sério?

C: Fiquei muito chateada porque eu falei “como assim?” E aí só depois eu fiquei “nossa, talvez tenha um pouco de sentido” [risos]

P: [risos]

C: Talvez eu tenha feito alguma coisa meio que ele achou que era de profissional [risos] meio fria, às vezes demais, eu não sei, o cara ? eu fiquei “como assim, moço?”.. [risos]

P: [risos]

Camming é Twitter, é Facebook... tudo isso a gente coloca no *camming*, é isso né?!

C: Então, porque o Facebook tem gente que nem precisa entrar na plataforma, infelizmente, né... Então o Twitter ele ajuda muito. Por exemplo, se a gente olhar aqui no Brasil, 90% é Câmera Privê mesmo... tem o Câmera Hot também, mas ele tá lá morrendo né. E o Câmera Privê ele não deixa... você não pode passar as suas redes sociais para as pessoas, só que por outro lado eles também dão aquela... eles pegam as @ e divulgam. Tanto que quando eu fiz o contrato, eles mandaram o e-mail de volta tipo assim, “ah, é sobrecarga de registro e a gente não aceitou”. E aí, eu tinha uma amiga que trabalhava, aí ela falou “vou te mandar o perfil do Câmera Privê...” Aí eles me... eu mandei mensagem pra eles, eles me seguiram de volta e falaram “a gente vai te aceitar agora mesmo”, porque eu tinha seguidor no Twitter, porque eu tinha várias meninas do *camming* que já me seguiam, então tem muito isso...

P: Ah, então tem isso, tem que ter uma influência?

C: Tem, tem... Tipo assim, não que vai te impedir de entrar, mas se você quiser entrar mais rápido cê fala com uma amiga, te passa, ele vai ver que você conhece a fulana,

a ciclana, não pode vir, você é maior de idade, tá tudo ok. É porque eles não querem mesmo gente muito avulsa, então você ter um perfil já no Twitter, eles vão falar “ah não, essa pessoa realmente tá afim de trabalhar e dar os ganhos pra gente”, que é isso que eles querem: que a gente fique online pra eles ganharem com a gente, né.

P: Sim, claro! Exploração capitalista sempre, né!

C: Sempre!

P: Sua experiência com o *camming*, então você pode contar um pouquinho mais sobre ela? Os principais desafios e vantagens?

C: Posso, posso! Até vi a entrevista da Geisy Arruda com o Rafinha Bastos e achei tão maravilhoso. Não, é... eu vi da Amy White também, foi a Amy White que falou um negócio que foi muito eu falei “nossa, foi exatamente assim comigo” que foi a questão de ter feito já [sexo online] com o namoradinho na adolescência assim sabe... com 16 anos eu tive meu primeiro namorado, tipo 16, 17, 18 eu tive meu primeiro namorado e ele era de São Paulo, então a gente não se via... então até a gente se ver a gente teve aquele negócio de “ai, vamo tirar a roupa, *vamo se vê*” e aí depois de ter rolado isso a gente mantinha isso porque a gente era dois adolescentes no cio né... [risos]

P: [risos]

C: Então várias vezes isso retornou na minha vida porque nunca foi uma coisa tipo assim ah eu conheci a pessoa e eu faço questão, só que aí isso retornou de vez em quando na minha vida, só que aí com os *crushs* a distância que rolava isso... só que nunca era tipo sempre “ai eu sou viciada nisso”, era tipo assim uma vez no ano eu conhecia alguém, e eu fazia, e eu me achava demais, saía e falava “nossa, a melhor experiência da minha vida, isso é melhor que sexo até” de verdade! As vezes eu achava que... você ficou mudo, ah voltou!

P: Cê jura que cê achava?

C: Juro! Várias vezes, quando eu era tipo muito nova, então quando você é nova, você não tem muita experiência também né?! Então, quando eu senti aquilo – tem a questão do fetiche envolvido – eu achava que era melhor. Porque tipo assim, além de eu ter todo o controle da situação, tinha a questão do fetiche, de eu saber que a pessoa tava lá, que ela tava me olhando, que ela tava... cês tão me vendo! Porque eu sou

muito tipo assim, é eu mesma. Mas eu tenho... e isso me dava... eu ficava tipo “nossa isso é muito gostoso”. E acho que até por isso que não ficava tipo fazendo isso sempre, porque se você faz isso sempre, perde a graça né... tanto que como que não tenho mais tanto tesão nisso hoje em dia, eu não dou tanta bola [risos]. Cara perde a graça, *cê* sabe... quando a gente vai ficando velha. Mas várias vezes durante a vida foi rolando isso. Aí quanto eu tinha... quando eu *tava* nessa época muito depressiva, eu tinha uma amiga na época – também parei de conversar com ela, mas foi outra coisa também nada a ver, foi dela – aí ela era sugar baby e ela falou “ah, amiga, você não quer fazer nada presencial, você não suporta muito homem né... então porque que você não faz *camming*?” [risos] ela falou né “porque que você não vai e faz coisas do tipo?” aí eu falei “nossa é mesmo”, aí foi quando ela plantou esse negocinho que ficou na minha cabeça e que aí depois eu fui trabalhando. Aí eu falei “não, preciso de um lugar” e aí eu fui arrumando tudo, saí da faculdade igual uma doida [risos], eu não precisava, mas eu fiz isso porque eu não conseguia ficar mais na faculdade mesmo, e eu também não ia conseguir lidar com o fato de tá na faculdade e com a possível exposição e tá no meio dum... eu não podia tá num grupo de pessoas quando eu comecei, eu sabia disso. Então foi muito escondido, eu comecei a fazer tipo fora do site, então eu anunciava no Facebook, no Facebook não, no Instagram e no Twitter. O meu Instagram caiu, né, então eu não pude mais... porque o Instagram tem uma política muito ruim, então ele derruba mesmo. E aí eu fiquei só no Twitter bastante tempo, eu ganhei uma grana boa assim, tipo eu já ganhei duzentos reais por meia hora assim... que é uma grana muito boa, né, se a gente for pensar assim... uma *granassa* se for parar pra pensar, ainda mais hoje em dia..., mas é muito por causa do frescor, você acabou de começar e os caras querem ver quem é você e tudo mais... e aí eu não mostrava o rosto, eu usava sempre uma máscara

P: Ah, é?

C: É, e sempre com a máscara. Eu me inscrevi no *privê* com a máscara... e eu tive um ganho muito bom assim, sempre quando eu... o tempo que deu entre eu ser atropelada, acontecer tudo isso, eu ter uma cama e tudo mais é... foi coisa de um mês, é... um mês e meio... só que eu tive um ganho tão bom, que eu na época o ? *tava* querendo vir para o Brasil e eles pegavam é... só o print da fatura do *privê*, porque também não tem como eles ficarem... eu não posso falsificar um print do extrato do *privê*, né... Aí eu mandei, e eles me mandaram uma proposta muito boa que era

ganhar 30 *dólar* por cinco horas online semanais. Então assim, era muito bom mesmo... aí veio a pandemia!!! Aí veio a pandemia eu já não conseguia mais ficar online, já não *tava* rendendo mais... e é um bagulho assim: diferente da rua... acho que não é tão diferente, dependendo do lugar que você mora também, isso é muito importante... mas quando você tá na internet, sua imagem é eternizada, não adianta você fazer coisa quando você tá mal, não adianta trabalhar mal, porque as pessoas vão lembrar você mal, não vão lembrar de você bem, então pra gente tem que ter esse negócio... por exemplo, o Twitter tá parado, mas tira umas *fotinhas* bonitinhas de vez em quando pras pessoas verem e manterem aquela coisa da adoração, de querer a pessoa por perto, de querer ver a sua imagem, porque é TUDO sobre imagem, então cê tem que manter a imagem, infelizmente. É óbvio que você tem que colocar você mesma, porque é isso que vai diferenciar você da fulana que vai fazer as pessoas terem clientes diferentes..., mas você precisa cuidar da sua imagem porque é isso que vai fazer a pessoa pagar você, é isso que vai pagar o seu aluguel. Não é nada além da sua imagem, infelizmente.

P: Sim... Você falou que você não gosta de homem, mas você é heterossexual ou não?

C: Sou, sou..., mas eu não gosto porque já cansai já depois dos trinta [risos]

P: Mas você não tem problema... assim, não que você não tenha problema nenhum..., mas nos seus atendimentos esse ranço com homem, ele vem à tona ou você consegue separar isso?

C: Depende... Se o cara chega pra mim como submisso eu não separo não, eu já aproveito já... já meio que misturo as coisas... Não é muito certo [risos] mas é o jeito de você demonstrar um ranço real e que o cara tá procurando né... humilhação real, aí eu já aproveito um pouco, mas assim, é... por exemplo o cara que chega muito rapidinho assim, e eu sei que é babaca, eu não vou ficar perdendo tempo com ele porque eu sei que ele não vai me dar muito dinheiro então, é... as vezes ter um pouco de ranço de homem é bom porque senão você pode cair nas lábias, o cara chega “ah, cê tá só?” “ah eu tô sozinha”, mas às vezes é melhor ficar sozinha do que com você, sabe?! E tem menina que pode achar que “ah, realmente, melhor ficar conversando com você aqui e tirando proveito de mim do que ficar sozinha”, mas aí eu já sei que

realmente melhor ficar sozinha do que eu ficar com aquele cara que não vai me dar dinheiro nenhum, que o importante é o dinheiro mesmo...

P: Aí ele pode entrar lá – eu não sei exatamente – *cê* fica lá online, aí o cara entra... ele pode entrar sem te dar dinheiro, é isso? Sem pagar?

C: Pode, pode!!! Tipo, você fica no *free* até alguém te chamar pro premium, aí você pode escolher ou não aceitar ir, né, tipo, mas até te chamar você pode ficar lá. Aí vai ter cara que vai querer que você fale tipo “ah, você é *domme*? Você gosta de comer cu?” e ele quer que você fala, porque você falando vai tá dando material pra ele desenvolver né, lá do lado dele o que ele quer, né?! Porque ele vai tá vendo você em movimento, ele vai tá ouvindo sua voz. Então o negócio é ficar tipo muda... tipo, ser educada, falar “oi, tudo bem? Boa noite”, mas não passar muito disso. “Ah você quer saber mais? Então *vamo* pro simples, porque lá não é tão caro, mas lá a gente consegue conversar melhor, né?! Eu posso falar melhor, sem problemas, sem me sentir mal né..., mas os *cara* tenta, os *cara* tenta [risos]

P: Sempre né! Sempre tem alguém querendo tirar proveito da gente, né!!

E aí nesse modelo de trabalho sexual, né, no *camming*²⁰⁷, a sua casa era o seu local de trabalho, né?

C: Sim, sim... 100%.

P: Beleza, mas e como funcionava? Você mora com a sua filha, e aí como você fazia esse esquema de tipo... como que sua casa, você e sua filha se relacionavam com esse trabalho, sabe? Você *levava ela* pra algum lugar, como que era?

C: Então, por muito tempo na verdade não tinha essa questão porque ela *tava* na casa da minha mãe... que nem eu falei, eu busquei um lugar pra morar sozinha e deixei ela com a minha mãe, é... na nossa cidade natal porque é uma cidade pequena, já *tava* na mesma escola desde o maternal assim... então era muito mais tranquilo. Só que aí veio a pandemia e aí eu comecei a fazer de vez em quando, quando ela *tava* dormindo assim, quando eu via que ela *tava* num sono pesado. Eu acordava cedo, tipo acordava 5 horas, 6 horas da manhã, me arrumava, e aí eu conseguia trabalhar. Só que aí com

²⁰⁷ Modalidade virtual da venda do trabalho sexual. Redes sociais como Twitter e Instagram servem de apoio para as trabalhadoras do *Camming* - verbo inglês criado para classificar o ato de usar web câmeras, assim como outros serviços de sexo virtual, como o *Câmera Privê*.

o tempo eu fui vendo que a procura no site *tava* diminuindo, o fluxo do site *tava* muito baixo, não valia à pena, então eu comecei a falar “só vou entrar quando eu *mandar ela* pra minha mãe”. Só que aí não dava pra... eu *mandei ela* tipo duas, três vezes, só que aí começou a ficar muito... muito caso, variante de Manaus aqui na região, muita gente morrendo, é... meu terapeuta faleceu no meio disso, e aí eu falei “ah, não vai dar não, infelizmente eu vou ter que parar aqui, vou ter que esperar as coisas dar uma normalizada” pra eu criar algum conteúdo, fazer algumas coisas é... e foi bem no meio mesmo, tanto que teve conteúdo que ficou, tipo, teve gente que pagou por vídeo que eu não pude fazer até hoje porque precisava da casa vazia e não tem como... só que as pessoas entendem, elas vêm que não tem como eu me manter no serviço assim, que eu não tô dando um k.o, porque eu não quero trabalhar... é porque realmente eu não tô tendo condição agora por essa questão da logística, porque o que seria? Seria trabalhar num horário que a minha filha tá na escola, que ela tá nalgum curso... porque eu quero muito que ela seja uma criança ativa, que ela faça vários cursos, então seria trabalhar nesse meio de tempo. Por exemplo, ela tá num curso, eu posso não tá online, mas eu pego vou editando as fotos, vou passando as fotos pro computador, colocando no site, e tudo mais sabe?! É meio que misturar tudo assim, meio que tentar fazer tudo. Mas depois da pandemia eu não sei também, porque eu acho que eu vou procurar um serviço, é... com, por exemplo, caixa de supermercado, ou então em algum buffet, alguma coisa do tipo, pra ter um dinheiro todo mês e juntar uma grana pra vazar da minha região... porque eu acho que eu tô muito tipo... acho que se você fica muito tempo parado na sua casa acho que você começa a perceber que a sua região não tem muito o que oferecer. Cê pensa “tá eu vou sair, e pra onde que eu vou? Pra lugar nenhum. Quem que eu quero ver? Uma ou duas pessoas” ... não vou morrer se eu for... então eu quero mudar, eu quero ser pobre na Bahia, entendeu?! Não quero mais ser pobre em Franca. Ser pobre em Franca é muito chato... acho que ser pobre em algum lugar da Bahia com certeza é melhor, eu tenho certeza absoluta!!! Porque eu já fui pra cidade assim mais gostosinha de viver, e é mais gostoso sim, não é igual essa merda que tá cheio de bolsominion doido assim, que tá até hoje gritando mito, assim... Ah, interior de São Paulo é muito ruim! Então assim, eu quero trabalhar muito assim, eu quero até fazer presencial talvez, pra vazar daqui mesmo. Pegar minha e vazar pra ir pra outro lugar e ser pobre num lugar mais bom assim... ter pelo menos a praia que é de graça e falar “ah, eu vou na praia”.

P: É, pelo menos isso né?!

C: Os outros falam “ah, mas não tem lugar perfeito”, mas eu não quero lugar perfeito, eu quero um lugar que tenha um lugar bom quando eu ficar irritada, eu quero tipo ir pra praia. Aqui não tem pra onde ir, aqui eu vou pra onde? Eu vou prum meio do mato ser estuprada? Que é o que acontece, né?!

P: Que horror! Sim!!! Eu não conseguiria morar em cidade pequena, eu... nossa eu fico...

C: Não faça isso mesmo! É tudo mentira [risos]...

P: Eu morava, eu morava em Cotia até ontem... é que Cotia é próximo da cidade de São Paulo, mas é um pouco afastado, pra chegar em São Paulo é uns 40 minutos de carro, é um pouco longe... e já era horrível assim, pra mim!

C: Já atrapalha, né! Já te coloca numa situação ruim, imagina interior, do interior, do interior

P: E pior é que assim, é um monte de gente babaca falando da sua vida. Porque também tem essa, né! As pessoas sabem quem é todo mundo, todo mundo sabe quem é o vizinho... nossa...

C: Exatamente, é isso que eu falo. Eu quero ir pra um lugar, que quando eu chegar lá, ninguém sabe o meu nome, eu posso falar o nome que eu quiser, posso falar o nome com a entonação que eu quiser, eu posso ser quem eu quiser, eu não preciso ficar sustentando, eu não sou filha da Tereza... sabe? Esse negócio de cidade pequena? Não... eu quero virar esse lado da minha vida de vez assim.

P: Legal! Vai dar certo, espero que dê certo.

C: Ai, amém! Vai sim!

P: Eu vou fazer umas perguntas um pouco mais sobre a casa, eu vou te explicar o motivo. Eu tô fazendo um curso que é sobre mulheres e casa, e cidade e ele é de arquitetura, então eu vou explorar um pouquinho a sua relação com a sua casa e seu trabalho, porque é disso que eu quero falar no trabalho que eu vou fazer e eu vou usar a entrevista, tá?! Então eu vou fazer umas perguntas um pouco mais sobre isso!

Esse espaço de habitação que você usava pra trabalhar, ele sofreu alguma alteração física, tipo móvel novo, sofá novo, cama nova... coisas assim que você comprou e mudou fisicamente nesse espaço pra poder trabalhar com mais... com mais... nossa, esqueci a palavra... ah, pra ficar mais bonito, sei lá...

C: Não, com certeza. Como eu fui montando a minha casa com essa ideia, eu meio que tudo fui comprando... eu quero uma cama box, porque cama box você pode virar ela pra quantos lugares você quiser, e tudo mais... então tudo que eu via... tipo eu quero os móveis sejam todos branquinhos, é porque a gente vê, na época assim a maioria das meninas era tudo branquinho, tudo mais... é... deixar as coisas mais fofinhas, é sempre ter uma luz assim, é... nas paredes, nossa, pode ter certeza se a menina tem várias luzes na parede, ela tá no EAD, ela tá fazendo *camming* [risos] porque é um jeito de dar uma coisinha diferente, né?! Então tem sim, essas alterações pequenininhas, assim. É engraçado, você percebe que o ambiente, vira realmente um ambiente de trabalho, a sua casa, não tem como você falar que não. É aquele negócio são três horas da manhã, cê para assim, termina tudo, vai, cê toma banho... aí cê deixa as coisas meio jogadas cê olha as vezes e fala “ai, é realmente meu estilo de vida, eu vou fazer o que? Amanhã eu acordo e arrumo, é o que tem pra hoje.” Mas altera sim o ambiente quando você começa a pensar.

Eu tive muita sorte que por exemplo, eu tenho um tripé que é muito bom, profissional, mas meu tio achou num festival que ele tava lá, que ele mexe com som, ele achou um tripé, ficou tipo até o final do festival, porque ele foi uma das últimas pessoas a tirar o... os *negócio* de som dele lá. Aí não achou o dono e um dia eu vi lá na casa da minha vó e falei “nossa, que tripé é esse? “Ah, pode levar pra você”, falei “nossa”, até parece que foi deus falando vai na fé querida. Eu não pude comprar ainda aquelas luzes, mas eu sei que eu tenho que comprar, é uma coisa... é porque realmente, como eu fiquei nesse meio assim eu ficava “será que eu compro, será que eu não compro?” porque eu tenho medo também do negócio quebrar, queimar, estragar, né?! Mas tem sim, tem uma necessidade sim de você ter um certo esquema de local, tanto que agora eu tô esperando pra fazer conteúdo em si, nem tento pra *camming*, mas pra criar conteúdo, criar vídeo, criar foto, eu tô esperando pra eu fazer um... na sala eu vou fazer um cantinho meio íntimo, comprar um *sofázinho* novo, colocar uma mesinha do lado, sabe?! Colocar umas coisinhas assim, uma plantinha. Tem essa necessidade, a

gente vai vendo com o tempo que é preciso explorar, senão a gente fica meio claustrofóbico na mesma, num mesmo lugar assim.

P: Todo trabalho home office requer mudanças, né? Mas é que o seu, no seu caso, vai expor o ambiente, né?! Porque no home office você pode fechar a câmera, dependendo da situação, mas acho que como você mostra esse ambiente, né?!

Quando você trabalhava na sua casa, você trabalhava num único cômodo, ou você tipo cada hora você *tava* num lugar, assim, ou você tinha tipo um cenário, *vamo* colocar assim?

C: Eu tinha um cenário. Eu criei um cenário, que nem eu falei: coloquei as *luzeszinhas*, eu pegava todos os brinquedinhos e colocava eles posicionados, assim... é... como a minha cama é aquelas bem dura e ruim, assim, é fácil colocar as coisas em cima dela que elas ficam... parece uma tábua mesmo, então fica bonitinho assim. E eu criava um ambiente que era médio, não era a coisa mais bonita do mundo, não..., mas eu sempre me preocupei com a estética, é uma coisa que me preocupa assim, eu acho que é importante você manter uma estética bonitinha assim, porque acho que agrada coisas boas assim. Cê chegar num lugar muito fuleiro, eu acho que vai atrair umas pessoas que não vão querer... que vão querer umas coisas que talvez não me agrade tanto em fazer assim...

P: É verdade, acho que você tem razão, o ambiente...

C: Sim, sim. Ele dialoga com as emoções.

P: Sim... Também acho. Ai que bonito.

Eu vi uma entrevista na Piauí com uma *Cam Girl*, aí ele fala assim, olha: “Uma *Cam Girl* precisa ser criativa. Muitas vezes, o cliente nem sabe o que quer. É preciso excitá-lo para que permaneça no chat.” Eu queria que você comentasse essa citação e me dissesse como transformar sua casa num ambiente que te desperte criatividade... como que você fez isso, né. Qual foi o seu processo de criar esse ambiente criativo dentro da sua casa, que geralmente, não necessariamente é um ambiente criativo?

C: Aham, entendi... É, ela tem total razão porque realmente eles chegam muito confusos, perdidos, então é a questão do clima. Comigo foi muito na questão do jogo de luzes, assim, eu tentava colocar umas luzes mais quentes, por mais que as vezes

tinha gente que achasse meio escuro, eu acho que dentro da proposta do que eu tava oferecendo, é... como imagem mesmo assim, era o que chamava mais atenção e o que realmente funcionou. Que era uma coisa mais intimista, é... uma coisa mais fetichista, de voyeur, de olhar, assim... da pessoa que gosta de ser vista, mas ao mesmo tempo ela não tá mostrando tudo assim, porque ela não quer, sabe?! E faz uma diferença muito grande na forma como você vai mostrar. Pra mim faz... talvez pra algumas pessoas não percebam tanto, ela pode ficar quatro anos nisso e não vai fazer diferença. Mas eu vejo que a maioria das minhas amigas se preocupam muito assim... de manter a estética, então você vai lá e coloca um *quadrozinho*... eu tinha também quadros, eu colocava uns *quadrozinhos*, é que eu esqueci, mas eu tinha quadro de banda... então as pessoas já viam... por exemplo, viam lá o The Doors, “ah, você gosta de The Doors?” “Ah, fazer o que, né, ele era um *bosta* mas eu gosto”. Aí *cê* já desenvolve, “ah, mas porque que ele era um *bosta*?” “Cara, ele bate na mulher dele, *cê* não sabe não?” Aí *cê* começa com o cara assim, sobre um assunto que ele não espera que ele vai encontrar sabe? Mas ele vai encontrar...

P: O próprio ambiente também cria um clima de uma conversa pra começar...

C: Total!!! Total! Eu gosto muito de ficar escrevendo, então eu ficava escrevendo... aí os caras “quê que *cê* tá escrevendo?” “eu não vou te mostrar, tipo, por dinheiro nenhum” [risos]. Eu não mostrava né, mas eu falava “se você me mandar um presente eu posso pensar em ler alguma coisa, falar sobre o que eu *tô* escrevendo... se você me chamar pro chat, eu posso falar o que eu *tô* pensando agora, né? Tipo, mas eu não vou mostrar”... Porque eu sou meio... tipo, eu não gosto de mostrar as coisas que eu escrevo, assim... mas é bem isso, o ambiente faz também a ocasião, de verdade na questão do *camming*.

P: E toda essa organização que você precisou fazer, não te atrapalhava no seu cotidiano fora do trabalho? Fora do horário de trabalho essa dinâmica da sua casa continuava a mesma, ou tipo você desfazia alguma coisa, o cenário?

C: Eu desfazia... eu tinha essa necessidade. Eu sou aquela pessoa que precisa sentir que vai dormir em outro ambiente. Das vezes que eu misturava parecia que eu já acordava e eu já trabalhava... e eu não conseguia, sabe?! Abandonar. Então eu precisava tipo desfazer, tirar as coisas, guardar, dar uma escondidinha assim... e até hoje eu sou assim, eu preciso mesmo quando eu *tava* sozinha assim, quando a Flor

[filha de Crystal] ficou um tempo maior assim na minha mãe, eu tinha que esconder porque senão parecia que não tinha pausa, sabe?! Que eu *tava* o tempo todo naquilo.

P: É então, esse negócio de morar no mesmo local de trabalho, pra você, dificulta sua relação com a sua casa enquanto espaço de descanso, né?

C: Dificulta, dificulta. Por isso que eu penso assim, mais pra frente quando tiver tipo... ah, qual a casa que você quer de todo coração? Eu quero ter um escritorzinho voltado pra isso que tipo assim, que eu posso fechar e falar “não, agora eu não quero pensar nisso”, sabe?!

P: É, senão parece que a gente tá o tempo inteiro no nosso trabalho, né?!

C: Nossa, sim, sim... Ainda mais na cama. Na cama eu *tava* muito irritada, muito irritada! Tanto que quando eu mudei, e comecei a fazer na sala, no sofá, eu fiquei me sentindo um pouco mais livre... foi... apesar de não ser uma época de bons ganhos, porque já *tava* nessa época de covid muito né, muito tempo, eu sinto que... eu me sentia mais livre, assim... tanto que eu até falava assim... as vezes os vizinho podia tá ouvindo alguma coisa, eu falei “nossa acho que não dá mais, chega, chega, chega...” aí chegou num ponto eu falei “não, não vou fazer mais não...”. É gostoso, é muito legal, mas a... não tá... a dinâmica não tá rolando. Realmente a casa não tá, não tá... servindo pra isso por enquanto, infelizmente.

P: Mas porquê? Por causa da sua filha não porquê... É porque que a casa não tá servindo?

C: Ah por causa de tudo. Por exemplo, é... como eu tinha que acordar cedo e tudo mais, de manhã, como eu moro no segundo prédio, todo mundo passa na frente da minha porta. Então imagina, às 7 horas da manhã o tanto de gente passando... aí, por exemplo, você não pode acender um baseadinho pra dar aquela *soltadinha* e ficar mais *felizinha*. *Cê* vai falar... como é que *cê* vai falar pra um cara “vou comer seu...” sabe?! Não tem como *cê* desenvolver tão bem. E as vezes eu *tava* até tipo assim... eu me soltava, só que aí depois eu pensava: “mas isso não é tão bacana, alguém pode uma hora reclamar, alguém pode ouvir...” E eu também não quero que a pessoa ouça, acho que é importante a gente manter um certo pudor assim, porque apesar de tudo a sociedade... ninguém é obrigado a ficar ouvindo né isso, 7 horas da manhã, ouvindo uma... ouvindo alguma frase assim, né?!

P: Ah, ouvindo nada as 7 horas da manhã [risos]

C: [risos] às 7 horas da manhã deviam estar todos dormindo né... [risos]

A não ser que seja aquela coisa natural que rolou mesmo, infelizmente aconteceu, *cê* vai fazer o que amigo?!

Mas trabalho, ninguém tinha que tá trabalhando as 7 horas da manhã, de fato [risos]

P: É, realmente tem essa problemática né. Eu *tô* desde o começo da pandemia também trabalhando em casa e *pra* mim tem sido bem sufocante.

C: É, uma amiga minha ela reclama muito assim, tipo muito mesmo! Ela não aguenta mais, tem que voltar logo porque eu não aguento mais ficar em casa, trabalhando em casa...

P: É, é ruim mesmo!

Então só pra concluir essa questão do *camming*, entre... a relação né, seu trabalho com o *camming* e a sua relação com a sua casa – que é o seu espaço de lazer, de descanso e tal... Me fala 3 coisas físicas – tipo espaciais mesmo, um sofá, uma cortina, alguma coisa – que mudaram radicalmente na sua casa por causa do home office, do *camming*.

C: Nossa, a cama com certeza, porque eu comprei tipo pensando; o sofá também, porque eu comprei um sofá cama pra abrir, pra caso precisar de mais espaço, né. É, deixa eu ver, o sofá, a cama... e a mesa também, que eu fiz questão de escolher uma mesa com... de um jeito que eu achasse que poderia de alguma forma envolver assim... eu até fiz assim, gravei algumas coisas. Porque é importante assim, ter uma mesa que dava pra levar pra outros ambientes, assim, pra eu poder criar coisas... é interessante, sim! Até dentro do *camming* assim, mesmo... porque eu vendi um... já vendi assim que a pessoa “ah, tem como *cê* fazer aqueles negócios meio de...” tá lendo um livro, mas com o vibrador assim, e tudo mais. Então eu sabia que ia ter essa necessidade realmente teve essa necessidade, eu vendi assim alguns vídeos assim. E é legal, assim... foi essas três coisas mesmo: a mesa, a cama e o sofá, assim, que eu pensei “não tem que ser... tem que ter... pelo menos tais coisas pra também suprir essa demanda, que não era a primária, né, porque a gente precisa... uma cama é pra

dormir de primeiro, né, mas se suprir é melhor, né. E deu certo, graças a Deus eu consegui.

P: Ahhh, que legal! Tudo. Tá quase acabando tá [risos]

C: Tá [risos]. Não tem problema.

P: A prostituição não é uma profissão regulamentada, né, ao passo que também não é proibida. O que você acha dessa contradição?

C: Ah, eu acho ridículo [risos]. Ridículo. O Brasil é um país muito burocrático, a gente sabe que a gente passa por muita burocracia e você colocar... é... isso, assim, faz as pessoas ficarem completamente confusas porque elas ficam “mas que direito que você quer? Não é proibido!” Aí cê vai começar a falar, cê baixa o Marx dentro de você e cê começa a... sabe? Não sobra muita... É muito ruim você ter que explicar o porque você quer ser um trabalhador remunerado, com direito a férias, e tudo mais. É muito complicado você ter que explicar isso, sabe?! As pessoas realmente as vezes elas têm essa barreira que eu falei, de entender. As vezes até por questões pessoais que é do limite delas, não tem como a gente também enfiar muito, sabe?! É... elas têm que respeitar, óbvio, respeito tem que... não é uma questão de escolha, né, respeito a gente tem que respeitar e fim, mas é isso, eu acho... É complicado. Porque tipo assim, de fato, é as pessoas falam “é, mas porque não é proibido, vocês fazem muito caso...” Eu fico “gente, mas o que a gente tá pedindo é pras pessoas verem a gente de uma forma mais natural, é... que as piadas não sejam tanto num tom depreciativo, sabe?! Que entenda isso de uma forma é que... é porque a gente realmente doa boa parte da nossa vida é... pra fazer bem feito. Não é porque é uma coisa que você considera vulgar, que é vulgar de fato. Acho que... vulgaridade na verdade é um conceito muito abstrato e torto pra gente trabalhar a partir dele, então tipo foda-se se você acha vulgar ou não... a questão é que a pessoa tá colocando um peso muito grande da vida dela, tá *colocando ela* lá, assim como qualquer outro serviço. Assim como várias outras áreas... é... cê vai falar “ah, é exploração, tem muito espaço pra problemática”, têm!!! Mas tem vários campos assim que a gente... se a gente for olhar. É isso que eu falo, aí a gente entra numa onda trabalhista muito grande, né?! [risos] aí cê tem que meio que virar o Boulos assim do momento, né?! Porque é meio chato, cê não quer virar o Boulos, né?! As vezes cê só quer falar com uma linguagem acessível..., mas não resta muito o que fazer, porque cê tem que falar sobre direito do trabalhador, e as pessoas

acham que realmente direito do trabalhador é coisa de comunista [risos] então cê fala “tá bom... eu sou comunista caralho, tá bom! Mas não é isso” [risos] não é porque eu sou comunista que eu sou a favor dos direitos dos trabalhadores, na verdade eu sou a favor dos direitos dos trabalhadores porque eu sou uma pessoa pobre, porque eu tenho cérebro, porque...

P: Exato

C: Porque eu seria contra os direitos dos trabalhadores, meu deus do céu?

P: Inclusive se as pessoas – é que a gente tem uma educação péssima, né... e não dá pra culpar as pessoas – mas quem criou a CLT foi o Vargas, e ele de comunista não tinha absolutamente nada [risos]

C: [risos] exato!!! É porquê... é isso que você falou, Brasil é muito bagunçado, é muito bagunçado. A gente vai demorar muito tempo – se der tempo de arrumar. Mas é muito bagunçado, porque entrou na cabeça do brasileiro que você ser a favor dos direitos do trabalho é você ser comunista, de verdade, isso é uma coisa que a gente vê no interior e que é muito forte. É... o Lula vai ganhar porque graças a Deus ele conseguiu... [risos] graças à Deus ele conseguiu levar muita coisa pra muita gente que vai votar quietinho, no miudinho, por isso que eu falo “gente, relaxa, o Lula vai ganhar pelo menos”. A gente vai morrer? Vai [risos]

P: [risos]

C: [risos] mas quem sobreviver vai votar no Lula e vai ver ele sendo eleito. A não ser que alguém mate ele, Deus me livre né isso não pode acontecer – vou bater na madeira aqui – mas, é... tem a coisa assim, mas ele vai ganhar. Mas é porque o povo é trabalhador, só que não quer admitir [risos]

P: Exato!!!

C: É doido, é doido isso né?! [risos] o Lula é o presidente perfeito, é um presidente que veio do sindicato, né..., mas as pessoas não *querem ele*... enfim, é muito doido, é muito doido.

Essa ambiguidade de ser trabalho, não ser trabalho; ser reconhecido, não ser reconhecido; poder falar sobre, e não poder falar sobre é muito ruim! Porque você nunca sabe quando falar sobre e você nunca quando você levantar isso, por exemplo,

quando alguém te chama de feminista branca você fica “nossa, fia, tipo como assim cê tá me chamando de feminista branca? Você não sabe o que eu fiz mês passado pra pagar minhas contas”, sabe?! Tipo, vai tomar no cu, caralho!!!

P: [risos]

C: Cê tá no mestrado já e *taí* chamando a menina de feminista branca! [risos] a menina passou por um monte de coisas. A gente precisa... a gente fica meio assim sabe?! É muito disso de não saber quando falar. Porque às vezes a gente sabe que é melhor ficar quieto, sim..., mas é ruim, é chato, é uma coisa que a gente... que eu pelo menos tento educar as pessoas a minha volta, pra elas falarem de forma naturalizada, NÃO romantizando, mas também não colocando num lugar que não deve ser posto, que é num lugar de inferioridade.

P: Sim.

C: Porque uma coisa é ser problemático, outra coisa é ser inferior... são nuances bem diferentes, dá pra separar, gente!!!!

P: Sim! O que você diria pra uma feminista radical, abolicionista, contra a prostituição e a favor do fim da prostituição?

C: Nossa! Primeiro que eu nunca gostei, nunca gostei... nunca, realmente assim! Eu já pensei muito por questões trabalhistas. Tipo assim, quando veio essa questão do rolê assim, eu me questionei pelas trabalhadoras assim... mas aí depois caiu a ficha de... cara, eu já li uns relatos e eu fiquei “nossa quem sou eu pra falar alguma coisa né”, bom ficar quietinha, né?! Vamo estudar feminismo trabalhista, *das puta*, marxista né?! *Vamo* tentar ir pra esse lado. Mas eu diria pra elas que elas não conhecem de fato ninguém que tenha trabalhado assim... é a amiga delas que fez USP, que fez Mackenzie e resolveu fazer *onlyfans* e se sentiu mal porque foi chamada de gostosa, ela não é ninguém perto das dezenas de centenas de trabalhadoras sexuais que montaram vidas, montaram carreiras de netos, de filhos, na base do dinheiro, desse dinheiro, desses homens que elas odeiam, dessas mulheres que elas odeiam e que elas não admitem, mas que elas odeiam. E elas fazem parte dessa estrutura que tá aprisionando essas pessoas. Porque elas tem vergonha de sair de onde que elas tão porque elas têm vergonha, porque elas não se sentem seguras pra conversar com um bando de menina que é formada, com um bando de menina com linguagem

acadêmica. Ninguém quer conversar com gente de linguagem acadêmica; a gente tem medo de conversar. Eu que já fui da... eu que fiz 7 semestres, eu tenho medo as vezes de conversar com essas meninas, não porque eu não tenho argumento, mas vai que essa menina me tira uma tese de não sei da onde, como é que eu vou confrontar ela?

P: Com a sua experiência, amiga!

C: Sim, com a minha experiência, mas aí é que tá. O que eu posso levar é a minha experiência, a experiência das minhas companheiras... e é isso que eu esfrego na cara delas e que eu sei que eu tô com razão e é isso que eu faço. Porque a gente leva a nossa experiência, foda-se a sua teoria, a sua teoria não alimenta nada, ela não coloca grana na boca de criança nenhuma. O que importa é o que a gente sente.

E com relação a exploração da mulher, pelo amor de Deus, nossa senhora, coitada, só de ser mulher eu sou explorada e ponto final. Acabou! Vamo ser sincera. Só de ser preto cê vai sofrer racismo...a gente tem que também, não normatizar, mas entender que sim, existe isso. A gente vai partir do ponto de quem luta, não de quem é vítima. Porque ser vítima, ou, sinceramente, 2021, cansa. Eu tô cansada de ser vítima. Eu não quero mais ser vítima!

P: Eu sinto muito assim nesse discurso assim mais *femrad* e tudo mais, de que elas partem do mesmo pressuposto de quem nos oprime, sabe?! De uma opressão sexual assim que beira a um negócio que... eu não consigo entender...

C: Elas andam lado a lado, por exemplo, aquele movimento do "Recuse clicar", *ta...* realmente, de fato, a gente vê muito caso problemático. Só que aí você vai ver, elas tão andando lado a lado, com vários *incels*, esses caras que tem ódio de mulher, porque eles acham que a sexualidade deles foram estragadas por causa de mulheres, eles não voltam isso, eles nunca vão voltar isso pra uma empresa, porque eles são liberais... então o ódio deles é contra as mulheres, contra homens homossexuais, contra homens negros de coisa grande porque eles não têm porque é um tal de branco de... entende?! Então é muito ciclo do ódio. A gente tem que olhar com calma por isso que na hora de fazer uma crítica a gente tem que olhar; se tiver um pezinho no conservadorismo, segura um pouco... igual monogamia... Cê não precisa ser não monogâmico, mas segura um pouco as vezes alguma crítica, porque as vezes ele tem

uma estrutura ali por trás que tá um pouco mais suja, que é bom a gente dar uma limpada antes da gente falar disso numa forma mais humorística, né, e tudo mais.

P: Crystal. Vou finalizar, eu amei!

C: Tudo bem! Tá ótimo [risos]

A mulher do Asfalto

**Transcrição da entrevista com Duda Ferrarinni em 07 de abril de 2021*

Patrícia (entrevistadora): Se você quiser se apresentar, falar sua idade... enfim... você pode se apresentar, por favor.

Duda (entrevistada): Então beleza! Eu sou Duda Ferrarinni – esse não é meu nome de registro, meu nome de registro é Thayne Dainton Silva (risos). Eu tenho vinte e oito anos, sou prostituta desde os vinte anos... então vai fazer oito anos que eu exerço o trabalho sexual. Conheci o ativismo em 2016, em discussões da internet, quando veio à tona o assunto da PL da Gabriela Leite... e aí eu conheci pessoas dentro do ativismo defendendo a minha profissão e o meu direito enquanto cidadã e trabalhadora.

Há dois anos faço parte da articulação. Desde o começo desse ano me tornei Coordenadora Adjunta da articulação – a ANPS, que agora é ANPROSEX.

Patrícia: Legal. Eu vou... só uma coisa introdutória: eu vou fazer as perguntas pra você e aí caso você não queira responder, sei lá, se você achar que não faz sentido, você pode falar que a gente pula, tá!

Duda: Tudo bem!

Patrícia: Bom então você trabalha há oito anos né, como prostituta... Você gosta desse termo ou você prefere usar outro? Porque tem uma discussão né? Dentro do ativismo tem uma discussão né?

Duda: Sim... Tem gente que curte a palavra puta, tem gente que não curte... acha pejorativo. Outras pessoas lutam pra que essa palavra tenha outro significado – que ela seja ressignificada – seja trazida pra nós de uma forma bonita, real e que realmente demonstre o que nós somos de verdade... ***Eu gosto do termo trabalhadora sexual. É o termo que realmente... que eu acho que é mais válido mesmo. Que ele lembra que eu sou uma trabalhadora, que as minhas companheiras são trabalhadoras, e que o trabalho sexual é trabalho.*** (grifos meus).

Patrícia: E você gosta da sua profissão?

D: Eu gosto (risos). É... quando eu entrei... eu não... não... Eu ainda tinha muito preconceito – eu já pensava, acho que toda mulher algum dia já pensou em trabalhar com isso – e... eu tinha muito preconceito, muito preconceito. Tipo, eu via as meninas gastando com estética, com roupa, eu achava que era besteira! Eu achava que era muito fútil, e... eu não conhecia o movimento nessa época. Depois que eu conheci, eu vi que eu estava no lugar certo! Porque é um lugar onde eu tenho liberdade, principalmente pra falar sobre sexo, né... porque as mulheres, elas têm esse lugar de não falar sobre sexo, né...

P: É feio né...

D: É feio pra mulher, é baixo... E quando eu tomo esse protagonismo pra mim, da minha profissão, eu tenho essa liberdade e eu consigo levar pra outras mulheres, mesmo que elas não estejam dentro do trabalho sexual.

P: Massa! Acho que isso é uma discussão muito importante né... O quanto a gente, enquanto mulher, a gente é reprimida a falar de sexo, a se expressar sexualmente... não só falar, mas acho que se expressar também né? No ato em si né...

D: Sim... Sim... Falar o que gosta, ou o que não gosta. E a gente mesmo que a gente esteja exercendo o trabalho, a gente é livre pra falar “opa, pera aí... isso eu não gosto,

isso você não vai fazer comigo” ... e eu acho que é por esse caminho que a gente tem que ir mesmo, LEMBRAR NOSSAS COMPANHEIRAS que ela não é um objeto dentro do atendimento, e que ela pode sim falar “opa, isso eu não gosto” ... né.

Tem um canal do TikTok e os caras... né... às vezes eu posto alguma coisa e o cara pega e fala assim pra mim: “ah, mas você tem que aceitar porque eu tô pagando...” e eu olho pra ele e falo: “**NÃO. Você tá pagando e eu aceito se eu quiser. Os termos são meus e você paga se você quiser.**” (grifos meus).

P: Acho que por isso a importância da regulamentação do trabalho né...

D: Sim...

P: Pra você ter ao que recorrer... porque é muito fácil pra um cara que tá lá... o que vai acontecer com ele se ele não quiser respeitar esses limites, né, que você tem que colocar...

D: Sim... A Lei Maria da Penha ela não fala sobre nós né... na verdade ela só serve pra uma mulher que tem vínculo com o homem há algum tempo... então, quando a gente vai numa Delegacia, a gente entra num embate porque o policial olha pra gente, ou o delegado olha pra gente, e fala: “ah, mas isso não é comigo, isso é um desacordo comercial.”, sendo que eu sou uma mulher, sofrendo uma violência né, **que isso pode culminar num feminicídio... porque trata de um feminicídio quando uma mulher morre em atendimento!** Então isso é muito complicado, a gente tem que conversar sobre isso e acho que isso deve ser conversado muito mais dentro do movimento e depois deve ser levado pra sociedade, pra ser discutido e ter leis sérias!!!!

P: Sim!!!!!! Você disse que é coordenadora adjunta da ANPROSEX, né... E aí se você puder falar um pouco dos projetos e iniciativas da Anprosex e da sua experiência na luta pelos direitos das prostitutas?

D: Então a minha experiência ela vem de dois anos pra cá... que foi em um encontro no Maranhão, que eu fui, que Bethania Santos do grupo Mulheres Guerreiras, lá de Campinas me levou! Pagou minha passagem, tudo bonitinho e eu fui com ela. Então foi a primeira vez que eu estive de frente mesmo com o movimento, que eu vi que era uma coisa séria... que eu conheci gente do Brasil inteiro, conheci gente de fora do Brasil: então ali começou minha Luta! Só que eu já tinha na minha cabeça essas... assim essa ideia do que era preciso para que a minha profissão fosse vista como

profissão e eu fosse vista com respeito. E eu já discutia com outras colegas há muito tempo... bem antes né, desse encontro no Maranhão... que ali foi onde DESPERTOU mesmo a minha vontade de fazer parte daquilo. De trazer projetos, de pensar, de trazer outras companheiras, de discutir!

Logo depois desse encontro, né... Esse encontro ele foi em novembro de 2019, e quando foi em dezembro a Fátima Medeiros, da APROSBA (Associação das Profissionais do Sexo da Bahia) me fez o convite – fez pra uma outra amiga minha Aline Lopes – então... a gente entra nesse momento, eu entrei assim tentando aprender o que *tava* rolando, o que *tava* acontecendo... Porque é um movimento que tem história de mais de trinta anos, né?! Não é uma história que está acontecendo do dia pra noite! Muita coisa pra aprender, muitas pessoas pra conhecer, muitas histórias, muitas *picuinhas*, (risos), MUITA coisa mesmo!!!

Então ali EU COMEÇO a pensar as coisas, perguntar... aí eu percebi que elas faziam projetos, tinham editais que elas concorriam, e eu quis fazer parte daquilo. Comecei a aprender... Meu primeiro projeto que eu escrevi foi um projeto *pro...* pro Fundo Elas. Foi um projeto bem bacana – eu nem lembro mais agora qual que foi a ideia – mas foi bem bacana e depois eu comecei a somar junto. Fazendo – principalmente agora na pandemia – fazendo vaquinhas, né, pondo debates, conversas. Faço parte de algumas atividades junto do projeto que a ANPROSEX tem com a ONU, que é o ONU Mulheres, inclusive é muito LINDO o projeto, traz vários debates, a gente fala sobre diversas coisas, inclusive sobre saúde mental né... e a nossa ideia é trazer algum projeto social pra mulheres que se prostituem em situação de vulnerabilidade né...

A gente NUNCA pode falar que uma mulher está em situação de prostituição, isso não existe! É o trabalho DELA, é uma escolha DELA! O que pode acontecer é ela estar se prostituindo em situação de vulnerabilidade... que é o que acontece... vem acontecendo em alguns Estados já há muito tempo, principalmente mulheres que trabalham em rua, que trabalham em praças... Mulheres que fazem programa por preço baixo, elas já tão ali há muito tempo... e agora com covid, e.... *é muita coisa ruim*, então!!!

A gente agora tá fazendo um projeto voltado pra saúde psicológica da trabalhadora sexual - que é um momento muito importante pra pensar isso. Já temos esse projeto da ONU e agora a gente tem um recém-nascido... um projeto recém-nascido... que é

um projeto de entrevistas onde a gente trás não só trabalhadoras sexuais, mas também outras pessoas, escritores, produtores, diversos tipos de pessoas pra lembrar que nós não somos apenas sexo, nós não somos apenas corpos, nós DISCUTIMOS OUTROS ASSUNTOS. Nós discutimos políticas públicas, nós discutimos arte, nós discutimos MUITA COISA mesmo.

Então... esse projeto que é *A hora da Mariposa*, que são entrevistas no Youtube, muita bacana, inclusive... semana passada a gente entrevistou a Cida Vieira, que ela vem com a Greve das Prostitutas – não sei se tu tá sabendo? Em BH...

P: Tô sabendo... vi rapidinho assim...

D: Então depois *tu* pesquisa lá no Canal da ANPROSEX tem uma entrevista com ela na íntegra, onde você tem acesso a todas as informações sobre essa greve.

É isso... ? na luta. Vamos continuar as campanhas pra arrecadação de fundos, porque as nossas companheiras em vulnerabilidade estão PRECISANDO. Nós NÃO temos apoio do governo, eu não considero que 150,00 R\$ de auxílio seja um auxílio. Isso pra mim é vergonhoso e acredito que pras minhas companheiras também é vergonhoso, e pra outras pessoas aqui no Brasil isso é vergonhoso, e não é uma ajuda é uma esmola isso...

P: É porque com 150\$ a gente não faz absolutamente nada né...

D: 150\$ eu não pago nem minha luz! Hoje em dia eu pago mil reais só de babá!!!!

P: Cê tem um filho?

D: Eu tenho uma filha de onze anos... no momento ela tá com a babá, eu estou há não sei quantos quilômetros de distância dela... Porque eu moro no litoral e agora eu tô no interior, tô perto do Paraná. Então eu tô MUITO longe dela.

Passo vinte dias longe dela, né... e a gente só se conversa por vídeo chamada no momento, mensagem no whats app e é o que tem pra agora.

P: Entendi... É a pandemia é uma problemática muito séria principalmente num trabalho, como o trabalho sexual, que é um trabalho 100% presencial. Tem se transformado... essa coisa digital o que você acha desse lance que agora... Você acha que com a pandemia essa prostituição digital, assim por foto, vídeo, etc., ela tem aumentado?

D: Então... O *camming* ele já existia há algum tempo, só que como as pessoas procuraram modos de ganhar dinheiro online, porque elas não podiam sair de casa, então esse se tornou um meio de ganhar dinheiro! Então a gente vê sim um aumento, inclusive várias coisas acontecem no mundo do *camming*, né... e eu inclusive estou dialogando com minhas companheiras do *camming* pra debater questões de valores né, que a plataforma cobra... Então tem esse movimento e ele já tem tempo... houve um aumento, né, e é muito COMPLICADO porque são pessoas que elas acham que se não existe o contato físico não é prostituição.

Então isso é muito complicado, eu tive que fazer um movimento muito grande pra que essas mulheres – inclusive quem trabalha com fetiche – entendesse que ela é uma trabalhadora sexual! E aí essas mulheres começam a entender que elas são trabalhadoras sexuais a partir do momento que elas vêm que elas têm problemas de trabalhadoras sexuais.

Logo no começo do ano passado, quando aconteceu a pandemia as mulheres já começaram a relatar problemas de golpes né... quando elas iam [entre aspas] vender o *pack do pezinho*, que na verdade ele pode ser um pack de qualquer parte do seu corpo e não só de fotos, de vídeos também... Então elas começam a relatar golpes, elas começam a relatar plataformas que estão sediadas nos EUA, por exemplo, elas passam pela Lei ? e ela reconhece que aquela mulher que está recebendo aquele dinheiro, ela é uma trabalhadora sexual, eles EXPULSAM aquela mulher daquela plataforma, muitas vezes sem receber o dinheiro delas, sem nenhuma chance de receber esse dinheiro e... e elas ficam muito vulneráveis também nas redes e aí tem vazamento de fotos... tem questão de conversar sobre a segurança de todos os dados e a imagem dela...

Então vem rolando esse movimento, muitas mulheres que estão trabalhando pelo meio digital estão se conscientizando do papel delas enquanto trabalhadoras sexuais né (grifos meus).. e na internet já se utiliza outro termo, que é o termo sexy worker, que eu considero que é um termo... que ele mascara. Você usa ele em inglês pra mascarar, você falar de uma forma que o brasileiro entenda eu sou trabalhadora sexual. É um termo que ele meio que mascara o seu papel na sociedade.

P: Sim, Legal. Então você trabalha no universo digital e também presencialmente, ou apenas em um deles? Como que é?

D: Eu trabalho nos dois mundos. NÃO curto o virtual porque eu não sou uma mulher dentro do padrão, né... Eu sofro muito com isso. Eu sou mãe, meu corpo tem diversas marcas, estrias, cicatrizes, peitinho caído (risos), celulite... Eu não sou uma menina de dezoito anos, vinte anos né... Então é um universo que pra mim ele é complicado, ele me traz diversas disforias corporais, né... Às vezes eu olho pra mim – e tipo, pode até ser um dia que eu estou me sentindo muito bem – quando eu vou tirar foto, eu me sinto insegura em relação ao meu corpo, eu acho que aquilo não vai vender.

Então assim, eu trabalho nesse meio, eu tenho contas em site de *camming*, né... Eu tenho conta no twitter pra vender *packs*..., mas não é um universo onde eu tô ali cem por cento todos os dias, onde eu me dedico cem por cento, porque não é um ambiente em que eu me sinto bem! Já na boate né... ou o trabalhando por site eu me sinto muito bem! Eu me sinto segura, me sinto confiante, eu sinto que ali eu consigo, é – como que eu vou dizer? – eu consigo exercer o meu papel com PLENA segurança.

P: Olha só que interessante! Legal isso que você falou né, de despertar uma insegurança em você porque enfim temos corpos reais né (risos) afinal, não somos artificiais e eu acho que esse lance virtual ele pira mesmo... Mesmo pra mim, por exemplo, que assisto aula, entro numa reunião... aí eu fico me olhando nessa câmera aqui começa me dar uma agonia (risos) porque eu fico toda hora querendo ver como que eu estou, se tá ruim, como é que tá... Eu acho que em você desperta talvez mais porque você trabalha com o seu corpo né... Então você precisa mostrar todo seu corpo, aqui eu mostro meu rosto... Então é real esse lance né, eu nunca tinha parado pra pensar nisso... em como talvez o trabalho virtual seja nocivo nesse ponto.

D: Eu acho que ele é mais violento. Mas eu encontro diversas – embora eu tenha essa *pira* com o meu corpo – eu tenho diversas amigas gordas, negras, peitinho caído, com celulite, que é mãe, tem estria e elas ESTÃO ALI expondo o corpo delas, e elas FALAM DO CORPO REAL, e elas falam de amar o próprio corpo, e elas dizem que esse é um corpo real, que ele NÃO é um corpo do pornô *mainstream* (que as pessoas estão acostumadas) e começa a ter esse movimento de NATURALIZAR o corpo do jeito que ele É. E os homens, ou qualquer pessoa que venha a adquirir o serviço delas,

eles não vão procurando pelo corpo de uma modelo como tem no pornô *mainstream*, mas eles vão procurando uma pessoa real.

Eu acho que o *camming* traz essa possibilidade pra quem tá aberta... né, que nem eu falo: “*essa é uma percepção MINHA, eu com o meu corpo*”. Acho que muito antes do trabalho sexual né... Eu fui mãe com dezesseis anos, então começou ali desde a minha gravidez, onde eu comecei a ter estrias e eu ouvia das pessoas “*nossa... você vai ficar horrível; tão nova e tão feia; tão nova, já estragou seu corpo*”. Inclusive violência obstétrica eu sofri... de chegar o momento em que eu ia fazer a cesárea, no final pra retirar a placenta e costurar, a enfermeira olha pra mim e fala: “*Nossa, quantos anos você tem? Tão nova e já com a barriga tão feia, tão destruída. Será que alguém vai te querer assim?*” E aquilo foi uma violência, pra mim é uma coisa que dói até hoje. Se eu lembrar é uma coisa que me afeta ATÉ HOJE!

Talvez se eu não tivesse passado por esses momentos, hoje eu fosse mais segura com o meu corpo.

P: É, a gente ouve... eu já ouvi também assim muitas coisas sobre o corpo e são coisas que marcam mesmo! Que é difícil.

Bom, acho que nesse momento de trabalho sexual digital (*camming*) a sua casa é o seu local de trabalho para o trabalho digital?

D: Sim! Na verdade, todo lugar que eu estiver ele vai ser o meu local para o trabalho virtual. Qualquer lugar que eu esteja. Hoje eu *to* na boate: é o meu local de trabalho; se eu estou numa piscina, estou no meu local de trabalho; se estou no banho, também. Qualquer lugar é válido para eu trabalhar no meio virtual.

Dentro da minha casa - claro que eu respeito todos os outros espaços - mas dentro da minha casa, do meu quarto ou no banheiro - quando eu estou lá sozinha – são espaços que eu posso usar pra trabalhar.

P: Você não mora sozinha?

D: Não... Atualmente eu moro com a babá da minha filha e a minha filha. (sorrisos)

P: Beleza! Mas e aí esse espaço da sua casa, quando você tá trabalhando nesse espaço da sua habitação, esse espaço sofreu alguma alteração física ao passo que aumentou seu trabalho digital? Você modificou alguma coisa e como que isso rolou?

D: Sim. Eu vi que eu tinha que profissionalizar o meu trabalho. Então eu pensei primeiro em iluminação, então eu tive que ter uma *ring light*²⁰⁸ e uma *softbox*²⁰⁹ pra produzir os meus conteúdos, tive que mudar a decoração do meu quarto, então eu gastei uma grana né... luzinhas e tal... plaquinhas, então tive que dar uma melhorada. Roupa de cama, porque se a gente só vive ali com um lençol e aquele cobertor né... pra quem não trabalha com isso *tá ok* mas pra quem trabalha com *camming*, a cama ele é um ambiente que ele passa por uma modificação.

P: É um cenário né...

D: Sim é um cenário!!!!

P: E você tem que adaptar, e é muito doido né?!!!!

Esse trecho aqui eu vi na Revista Piauí, que a moça fala assim: “Uma cam girl precisa ser criativa. Muitas vezes, o cliente nem sabe o que quer. É preciso excitá-lo para que permaneça no chat.” (disponível em <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/tesao-em-quarentena/>). Eu queria que você comentasse essa citação e me dissesse como transformou sua casa num ambiente que te desperte criatividade e se você concorda com a frase?

D: Sim isso acontece mesmo, a gente tem que trazer o cliente pra nós né, então tudo o que a gente faz nas redes a gente faz pensando no cliente vindo até nós e comprando o conteúdo da gente. E o ambiente não seria diferente. E assim, não só o ambiente ele tem que ser propício pra gente ter alguma criatividade, mas tudo o que a gente vê, tudo o que assiste né... Então o processo criativo acho que não é diferente de nenhum outro artista. Porque assim, existem categorias de trabalho sexual, e o trabalho sexual *camming* ele é UMA ARTE! Pelo menos eu considero uma arte. As minhas companheiras que fazem esse trabalho, elas SÃO ARTISTAS! Então elas procuram diversas referências, ou no mundo geek né, mundo do anime, ou na música: no rock, no funk... seja qual expressão artística que for, ou até pinturas mesmo,

²⁰⁸ Equipamento fotográfico semiprofissional e pequeno, que pode ser adaptado com um tripé. Mais informações acesse <https://videopedia.com.br/geral/iluminacao-para-gravar-videos/#:~:text=Ring%20light%2C%20ou%20anel%20de,com%20trip%C3%A9s%20ou%20outros%20equipamentos.>

²⁰⁹ Equipamento fotográfico grande porte, que forma uma iluminação suave. Mais informações acesse <https://videopedia.com.br/geral/iluminacao-para-gravar-videos/#:~:text=Ring%20light%2C%20ou%20anel%20de,com%20trip%C3%A9s%20ou%20outros%20equipamentos.>

pintores, poesia, isso vai servir de referência pra ela transformar isso na arte dela, no projeto final, que ela vai vender pro cliente.

P: Você acha que morar no mesmo local que você trabalha dificulta ou facilita sua relação com sua casa? Enquanto um espaço que é de descanso também, de lazer com a sua filha... Isso influencia alguma coisa no seu cotidiano?

D: Influencia, e influencia bastante! Por exemplo, quando chegava o momento de eu trabalhar – é que agora eu tô viajando – mas quando chega o momento ali de eu trabalhar, eu tenho que fechar a minha porta e falar pra minha filha: “filha, olha, nesse momento a mãe tá trabalhando, vai brincar, vai assistir, tem internet, tem vídeo! Ela é uma menina muito desenrolada, ok legal! Mas é aquela, é eu fechar a minha porta ali e eu tenho que esquecer que tem outras pessoas na minha casa, pra eu conseguir exercer o meu trabalho... E isso é um tanto complicado. Eu acho que nem só isso, mas a questão tipo de você dormir na mesma cama que você trabalha... É muito chato porque às vezes você acorda ali e você JÁ ESTÁ no seu ambiente de trabalho e isso às vezes pode causar alguma pressão. Pra mim, eu Duda, acontece dessa forma: é uma pressão muito grande porque eu olho pra aquele ambiente e eu lembro que eu tenho que produzir, né?! E aí quando eu vou produzir eu passo por esse processo de disforia com o meu corpo e eu não consigo produzir tanto quanto as minhas colegas. Não consigo passar por esse processo, tanto é que a minha presença no mundo virtual é bem *soft* mesmo. Se alguém me procura, faço uma chamada de vídeo, ou eu faço um vídeo por encomenda, legal. Mas não estou ali tipo todo dia pontuando que essa é a minha única forma de trabalho. Eu ainda continuo no mundo físico!

P: Esse lance da gente trabalhar em casa – eu também tô trabalhando de casa – é um negócio muito cansativo né... parece que você não sai do mesmo lugar, parece que a gente nunca descansa (risos).

D: Isso é verdade! Isso é muito ruim... É uma estafa mental né! Eu acho que é um processo que deve tá sendo difícil pra todo mundo, qualquer pessoa que esteja trabalhando no mundo virtual tá dessa forma, com esse sentimento!

P: E ficar olhando pra tela, é super cansativo!

D: Dói os olhos... O grau do *meu* óculos mudou (risos)

P: O meu também deve ter mudado (risos)

D: O meu mudou! Aí eu fiz *um* óculos, ai eu perdi o óculos, tive que fazer *outro* óculos. Provavelmente o meu grau deve ter mudado de novo. E aí é isso!

P: E o que que você fala pra sua filha do seu trabalho. Ela sabe com o que você trabalha ou não?

D: Ela sabe com o que eu trabalho. Mas eu não converso como que acontece esse trabalho. Eu acho que uma vez só ela fez mal criação comigo - porque assim, ela já sabia que eu viajava, já conhecia o termo boate, ela passou na frente de uma boate quando ela tinha uns oito anos comigo, ela já viu como que é um pole... isso fora de todo contexto, LEMBRANDO isso pelo amor de Deus, fora de todo contexto de ter clientes, né... Um horário de dia, pegar e falar "*olha, é aqui que eu trabalho... aqui as pessoas vêm, bebem e conversam com as amigas da mamãe, e eu também trabalho dessa forma de vez em quando*" - não lembro o que que foi, aí eu peguei e falei: "*caramba, filha! Mamãe se lasca, tenho que sair com os caras que a mãe nem gosta, você pega e faz toda essa mal criação comigo? Eu me esforço pra dar o melhor pra você...*" aí eu acho que naquele momento ali caiu a ficha dela e a gente começa a conversar sobre isso de uma forma mais leve.

E ela vê o meu protagonismo dentro do ativismo também, ela ouve conversas, não é uma coisa que eu vou esconder. E por exemplo, final do ano eu peguei e falei pra ela: "filha, que que você acha da profissão da mãe... você tem vergonha? Alguém já perguntou alguma vez? Se alguém olhar pra você e falar "que filha da puta", o que você vai falar?

E ela é uma menina muito POTENTE, que ela pega e fala assim: "Se alguém me chamar de filha da puta, eu vou falar QUAL É O PROBLEMA? Ela é uma menina porreta demais, feminista, poli amorosa, ela é incrível, cara!!!! (sorrisos)

P: Que legal (sorrisos) muito massa!!!! Bom, vamos para a próxima: Em termos financeiros, o trabalho sexual digital é mais ou menos lucrativos que outros métodos de exercer essa profissão?

D: Então, a gente tem que pensar a longo prazo, por exemplo: ontem chegou uma menina nova na boate em que trabalho, e ela nunca tinha trabalhado com sexo na vida dela! Ela chegou ONTEM e fez dois programas!!!

A guria que ela chega na internet, ela não vai vender um pack no mesmo dia que ela fizer o perfil dela! Não vai acontecer isso!!! Então ela tem todo um planejamento, todo um trabalhinho de formiguinha, pra chegar no dia que ela consegue ter realmente uma rentabilidade que traz segurança financeira. Enquanto quem trabalha presencialmente, já consegue ter esse retorno muito mais rápido.

Então assim, pra mim, o trabalho presencial ele é muito mais lucrativo e vantajoso, nesse sentido de rapidez de conseguir o dinheiro. Enquanto o trabalho virtual ele é um trabalho muito cansativo! Você tem que planejar tudo, sabe tipo ai promoção tipo, daquilo... Eu não tenho necessidade, no trabalho presencial, de ficar fazendo promoção. Aí hoje eu tenho promoção! Não tenho necessidade de fazer isso, meu preço é um só e ponto, acabou! Se você quiser, quer, se você não quiser, ok! E eu vou continuar trabalhando do mesmo jeito. Já o trabalho virtual, não!!! Ele não traz essa possibilidade, ele é muito mais planejado, muito mais.

P: Pode crê, mais a longo prazo né?! Porque também tem que ter toda uma ambientação, esse lance que a gente *tava* falando da casa e tal...

D: Tem que investir!!!! Tem que investir em diversas coisas. Vai investir em maquiagem, em lingerie, em brinquedo sexual, em iluminação, em câmera, numa boa internet, num computador, numa web can... Então são DIVERSAS coisas que você tem que pensar.

Eu só vou pensar na maquiagem que eu vou usar, se tem preservativo na minha bolsa, no meu sapato, na minha roupa e meu cabelo... Entende? E ali do primeiro dinheiro que eu virei eu vou me arrumando, entendeu?! Vou fazer minha unha, vou fazer meu cabelo... Se eu quiser fazer um procedimento estético eu vou juntar dinheiro, vou juntando e vou fazendo, conforme eu for fazendo eu vou cobrando mais caro... Então eu acho que é bem mais fácil nesse quesito, o trabalho sexual presencial.

P: Massa!

A prostituição não é uma profissão regulamentada no Brasil, ao passo que também não é proibida. O que você pensa sobre essa contradição?

D: Eu acho isso muito equivocado porque, o que que acontece... Não é crime se prostituir no Brasil. Não é crime nenhum você estar na rua, você ter um anúncio, mas se você tem uma casa, isso já é crime, né?! Então isso é... Pro dono da casa isso é

criminoso, ele ser dono de uma casa? Onde ele tá dando segurança pra menina, entende? Eu trabalho há quase oito anos com boates. Eu passei pelo trabalho sexual em boates, em *privês*, na rua, eu trabalhei em diversos lugares... E aí tipo a pessoa que ela tem um espaço pra isso, ela é criminalizada porque ela está em parceria comigo, trazendo todo um ambiente pra que eu não precise alugar uma casa pra não gastar do meu bolso...

É uma via de mão dupla, isso é muito problemático... E aí a gente encontra várias leis que uma bate com a outra, né... A gente pega por exemplo, fala de tráfico para fins sexuais das pessoas, e aí por exemplo se eu vou pra fora do país PORQUE EU QUERO ME PROSTITUIR, de livre e espontânea vontade, e eu tô lá e não tem ninguém fazendo mal pra mim, da mesma forma eu vou ser vista como uma vítima de tráfico sexual. Se tem uma batida numa casa de prostituição e ali, vai... não rola uma propina e decidem simplesmente fechar a casa ali, eu vou ter que ir até a delegacia assinar um termo dizendo que eu sou vítima da prostituição! Qual é o sentido disso? Não tem sentido.

P: Acho que é muito importante né... essa separação entre trabalho sexual e exploração sexual e tráfico de mulheres forçado né!

D: Sim e vou além disso, né... Porque as pessoas falam muito assim “a prostituição infantil”, amada, não existe prostituição infantil, existe EXPLORAÇÃO, né?! O estupro de vulnerável. Crianças não se prostituem, só adultos que têm plena consciência do que tá fazendo, né, que não tá sendo forçado por ninguém, só essas pessoas se prostituem. É uma PROFISSÃO, né?! Ninguém vai colocar a arma na cabeça de alguém, por exemplo, e dizer assim “ah, você vai fazer... vai trabalhar com telemarketing...”. E o telemarketing é um trabalho precarizado. Eu trabalhei com telemarketing, eu trabalhei pra banco, que é uma merda, eu tive diversos problemas psicológicos por trabalhar com telemarketing!

P: É um trabalho estressante né!

D: Então nós temos várias profissões marginalizadas... Por exemplo eu acho um absurdo tu trabalhar seis horas por dia, e tipo na hora de tu comer *tu tem* vinte minutos pra comer... Vinte minutos tu tem que esquentar tua comida, comer tua comida e voltar pra trabalhar. Isso é CRIMINOSO, é abusivo! E ninguém fala NADA.

E agora porque eu tô aqui, tô numa boa, tô trabalhando, vem encher meu saco? Vai encher o saco de quem tá me dando espaço pra trabalhar?

Então são diversas coisas na legislação! Por exemplo, é... digamos... eu trabalho por site também, e eu tenho diversas amigas que trabalham com site. O site você tem que ter um lugar pra você atender ou você vai atender no motel! Então aí a gente entra num ponto, né... A gente entra no seguinte ponto: eu não posso alugar uma casa com uma ou duas amigas pra que a gente possa atender juntas, e dividir o aluguel! Porque é visto como cafetinagem, é rufianismo. Eu não posso trabalhar em cooperativa com as minhas amigas? Que legislação de merda é essa?

P: Pois é, pra você economizar uma grana junta três amigas, aluga um apê, divide...

D: NÃO PODE!

P: É tudo pra dificultar o trabalho né?

D: SIM! Tipo você pode tá aí, mas eu não vou te dar condição nenhuma de segurança pra você trabalhar, eu quero que você se foda. É dessa forma, tipo “você quer ganhar seu dinheiro? Tá, mas vai ganhar marginalizada!” Então é dessa forma que é visto... e a gente tem a bancada evangélica, que barra toda vez que a gente fala de projeto de Gabriela Leite... O projeto da Gabriela Leite é uma porta de entrada pra gente discutir o trabalho sexual e a legislação desse trabalho, a legalidade dele... Só que ao mesmo tempo é uma PL que não me contempla.

P: Não tem contempla?

D: Não! Porque eu não vou dar cinquenta por cento do meu lucro pra um dono de uma casa... Porque quem tá *ralando a buceta sou eu!* Não é ele! Eu já estou dando a bebida pra ele que eu tô bebendo e que o cara tá pagando, que é caríssimo dentro de uma boate. Ele já tá ganhando aquilo ali, que eu ganho uma comissãozinha, uma merreca, entendeu? Já tô dando pra ele o meu trabalho de graça porque se eu trabalhar a noite inteira numa boate, ninguém vai me dar o dinheiro do meu dia de trabalho se eu não sair com ninguém, se eu não fizer um programa. Aquela noite vai ser perdida. Se eu não trabalhar ninguém vai falar assim “olha você trabalhou a noite inteira, tó aqui cinquenta reais pra compensar a noite que você esteve aqui!”. Ninguém vai fazer isso, e eu acho um absurdo, porque eu estive lá, entende?

P: É você tava lá!

D: Então assim... São vários pontos que devem ser discutidos a questão da prostituição, e a legalização desse trabalho, né... Não a legalização, porque legalizado o trabalho sexual ele já é! Mas a regulamentação. Regulamentar, ter leis, por exemplo, a questão que eu falei anterior, que se eu sofro uma violência dentro do meu atendimento, eu não posso ir, por exemplo, numa delegacia, porque o delegado ou o policial ou o escrivão ele pode me falar que “isso não é um problema meu, esse é um problema de disputa comercial, então não é aqui que *tu resolve*... pega os dados dele, põe no SPC...” Amigo, *tô* conhecendo o cara na rua, nunca vi na minha vida, não sei nem se o nome que ele falou é real... *tô* dentro do motel, não sei quem é a pessoa, como assim? Então isso é MUITO PROBLEMÁTICO... São várias problemáticas, que eu acho que se houvesse comprometimento, seria muito fácil de resolver, não seria algo difícil... só que aí a gente tem problemas como a moral e os bons costumes, né?! Que fode muita coisa no Brasil, deixa muita gente marginalizada e não somos só nós, prostitutas. As pessoas LGBTQIA+, são as pessoas que convivem na rua, são pessoas que convivem com AIDS, são diversas pessoas marginalizadas pela moral que existe dentro de um congresso que é totalmente desmoralizado.

P: Sim! Por exemplo, nesse lance de vacinação, acho que mulheres trabalhadoras sexuais deveriam ser antecipadas na fila? Porque enfim é um trabalho que você tá se expondo... como os professores serão, né?! Eles vão vacinar os professores, a galera da saúde já foi...

Tem alguma discussão sobre isso?

D: Tem!! A Cida Vieira começou esse movimento em Minas Gerais, a Bahia já aderiu junto com a APROSBA, existem outros Estados querendo se comprometer com esse movimento, só que, talvez a minha opinião em relação a isso, nesse momento, ela seja assim... muito diferente, porque ninguém tinha que tá disputando vacina. Que mesquinha é essa de eu ter que disputar com um brasileiro, com cidadãos assim como eu o direito da vacina, sendo que a saúde integral é um direito de todos? E eu vou mais além ainda... nós estamos tendo uma greve, onde NENHUM sindicato se propôs a se unir a esse movimento pela vacina... Porque se o presidente tem dinheiro pra gastar quatorze milhões de reais com leite condensado, ele TEM dinheiro pra comprar vacina, né? Se ele gasta dinheiro com bonequinho do Rambo pro exército, ele tem dinheiro pra comprar a vacina pra nós. Entende? Então são várias coisinhas,

e outra meu Flávio Bolsonaro com mansão de seis milhões de reais, porque ele tem aí uma lojinha da Cacau Show? Qual que é a lógica disso?

P: (risos) que besteira é essa né?

D: Então os caras tão realmente comendo dinheiro da gente. Ninguém tá propondo que seja dado auxílio da mesma forma que é dado pra político... porque quanto um político custa por ano no Brasil? Que é o meu dinheiro, o seu dinheiro? É o dinheiro que poderia tá indo pra educação da minha filha. Que eu me mato pra criar, e eu não tenho nem direito a saúde? Então eu não tenho direito nem de tomar uma merda de uma vacina pra continuar trabalhando e manter a minha família viva e a mim viva, e a outras companheiras? Porque outras companheiras dependem de mim. Não é só eu e a minha filha no mundo, não é só ela que depende de mim! Eu tenho uma babá que eu pago mensalmente, eu tenho companheiras que eu tenho que ficar fazendo vaquinhas pra que elas tenham ajudas, pra que elas tenham uma cesta básica.

Meu, tem uma ativista em Balneário Camboriú, ela tá com duas crianças dentro da casa dela, filhas de uma trabalhadora sexual que está internada com COVID, a avó dessas crianças está em São Paulo e ela não sabe o que fazer, cara. E ela não tem dinheiro, não tem apoio do governo, e ela tá mantendo essas crianças com o dinheiro de apoio de vaquinha que a gente faz, que fica pedindo migalhinhas pra amiguinho, sabe? Em facebook, twitter, instagram... sabe, ter que ficar indo lá em dm: "oh, amigo, tem como você ajudar? Tem tal pessoa passado por tal coisa, você pode ajudar? Isso é humilhante! É humilhante que a gente esteja passando por isso. Nós prostitutas estamos há mais de trinta anos nesse movimento, as nossas conquistas não são só nossas, elas são pra todas as pessoas do Brasil! É direito ter a saúde ginecológica, você fazer um exame de HIV, de DST's, é você ter direito a preservativos. Isso é conquista NOSSA também! Quem começou a falar de HIV fomos nós, prostitutas! Então nós temos diversas colaborações com a sociedade, com o governo, com o ministério da saúde. Pra gente ser deixada ao léu dessa forma! Isso é muito complicado, e aí a gente começa esse movimento e não vem uma merda de um sindicato somar junto com a gente. Eu não quero saber qual sindicato que é, vem somar com a gente! Não tem!!! E a gente tá sozinha, a gente é invisível, a gente é inviabilizada o tempo todo, cara. Isso é complicadíssimo!! Coisas que seriam muito fáceis de ser resolvidas, muito fáceis, se houvesse comprometimento e se

enxergassem a gente de fato, sem a visão do moralismo... do discriminar o outro pela profissão...

P: E muito mais do que isso, não só... Eu estudo os anos cinquenta, né! E aí eu leio jornais dos anos cinquenta e aí o discurso é muito parecido – sobre a prostituição, né -, é tipo “essas mulheres precisam ser salvas” ...

D: Nós não queremos ser salvas!

P: O lance é que ninguém pergunta pra trabalhadora sexual, né? O lance é que a gente fica aqui criando um monte de histórias na nossa cabeça do tipo “meu deus, elas são vítimas, elas precisam ser salvas, *vamo* ajudar essas mulheres”. Mas eles nunca pararam pra te perguntar o que que *cê* quer?

D: Porque a sociedade ela tem um imaginário do que é a prostituição, né?! É aquela mulher marginalizada, que se prostitui por muito pouco... porque ela passa fome, porque ela *dá* em troca de um prato de comida, as pessoas têm essa imagem. Ou ela tem uma ideia totalmente: a prostituta é muito rica, que só veste Prada, que tem o Iphone do ano, pique Lays Peace...

Então as pessoas só têm esse imaginário da prostituição. É claro que existem os dois, mas tem o meio disso tudo, entre os dois tem o meio! Que são mulheres que conseguem viver bem com a prostituição, mas elas não tão no luxo, são trabalhadoras como qualquer outro trabalhador.

P: Proletárias, né?!

D: Sou uma proletária, exatamente! Sou proletariado. Inclusive eu tenho um vídeo meu que perguntam pra mim “ah, mas eu achei que *tu ganhava* mais, que tu tivesse um iphone e etc.”, falei amigo eu sou proletariado igual você! Eu trabalho igual você, eu pago aluguel, eu pago conta, eu coloco comida dentro da minha casa com o MEU TRABALHO! Eu não detenho nenhum capital.

P: Ahh nossa, que legal! Acho que é isso que eu tinha pra te perguntar... *cê* quer falar mais alguma coisa?

D: Já foi tudo? (risos)

P: Foi... (sorriso)

D: Você tem mais alguma dúvida?

P: Ah, eu acho que eu queria saber, se você puder comentar rápido, a diferença entre um *privê* e uma boate (risos)?

D: Posso... Vou falar qual a diferença de todos os trabalhos sexuais... Porque assim o trabalho sexual ele tem diversos nichos. Por exemplo, tem a rua, pessoal que trabalha na rua, praça, a gente chama de pistão ou rua. Ou trabalhar em estrada, atendendo caminhoneiro; tem o *privê*, que o *privê* ele funciona de dia, é uma casa que ela funciona de dia, e geralmente ela tem um valor bem baixinho, e o tempo é muito rápido. É geralmente pra vai... o cara saiu horário de almoço, ele vai ali dá uma rapidinha, dez, vinte minutinhos e ele paga tipo... vinte, cinquenta reais, sessenta, não passa de cem reais o *privê*!

E tem casas de massagem também, que é a famosa massagem com final feliz (risos) que existem nas clínicas de massagem... e a boate, que a boate ela acontece mais a noite, ela tem todo um glamour, né... Ela tem um custo mais alto, ela tem bebidas, é mais diversão mesmo, como qualquer outra casa noturna. Essas são as diferenças.

E tem as acompanhantes que trabalham por conta própria, e elas cobram ali um valor. Ela pode ir até o motel, a casa do cliente, ou atender na própria casa dela.

P: Tá!

D: Então são essas as diferenças.

P: Legal. E o que paga mais *cê* acha que é qual?

D: Eu acho que o mais legal é o site. Porque eu tô livre, eu faço meu horário, eu cobro o que eu quiser, né?! Eu faço todas as minhas regras, eu sou totalmente autônoma pra criar as condições do meu trabalho.

P: Aí o site é você divulga no site e atende presencial é isso?

D: Isso! Mas com a pandemia agora a gente coloca “também faço chamadas de vídeo”, então traz duas possibilidades.

P: O que é um trabalho sexual bem remunerado? A hora?

D: Aí se me pagassem mil reais a hora eu estaria muito feliz (risos)

P: Delícia né! (risos)

D: Com certeza! (risos) Imagina mil reais a hora? Estaria muito feliz né! Mas eu não tenho essa oportunidade..., mas assim, por exemplo, hoje eu cobro na faixa de trezentos reais a hora, eu acho que é um valor ok. É claro que dentro de uma pandemia não é sempre que eu consigo fazer, mas nós vamos trabalhando aí com isso. Eu acho que pra proletariado eu tô muito bem cobrando esse valor.

P: É um salário alto né?!

D: Sim... Eu sempre fiz a contabilidade do meu trabalho, tudo que eu faço! Se eu bebo uma dose eu vou lá, e coloco, se eu ganho um mimo eu vou lá, e coloco, vídeo, chamada de vídeo...

P: Quando você bebe na boate você tem que pagar?

D: Não sou eu que pago, é o cliente que paga.

P: Ah tá!

D: Eu ganho uma comissão em cima dessa bebida que eu tô bebendo porque o custo é alto. Pra você ter noção, no mínimo é vinte e cinco reais uma cerveja dentro de um puteiro.

P: Caramba!!!! Muito caro!

D: Disso eu fico com cinco reais só!

P: Você fica com cinco reais?

D: Cinco reais. Mas por exemplo, no contexto que eu trabalho hoje, eu acho super ok porque a casa me fornece alimentação, moradia, wi-fi, ela me oferece toda uma estrutura pra eu trabalhar... Uma estrutura muito bacana pra eu trabalhar, onde eu não tenho que me mover pra nada, né. Só pra arrumar e trabalhar realmente.

P: As condições são legais, de onde você tá então, né?

D: Onde eu tô são legais, mas por exemplo, aqui perto a gente ouve muita... muita conversa que são de outras boates que não tem condições nenhuma, né. Que não tem alimentação pras meninas, a moradia é uma merda... tem que ficar se amontoando, dormindo em chão. Você não tem dose... Mas aí são lugares tipo... que

vai mais o pessoal que usa droga e já não é legal. Pra mim por exemplo, eu não uso droga então pra mim não é legal, não é meu ambiente! Mas se a pessoa quer tá lá e ela quer tá nesse meio, quem sou eu pra falar alguma coisa né?! Mas se houvesse legislação, né?! Talvez não existisse esse lugar, né?!

P: E acho que também que o problema da droga, talvez sei lá tem pessoas que usam e que ficam violentas, né? A gente sabe disso na nossa vida, no geral. Então acho que tem esse lance, né, que pode ser mais perigoso... porque a pessoa tá lá, sei lá fica surtada na droga...

D: É... Imagina eu tô dentro do quarto, com um cara, e eu usando droga e o cara usando droga... Isso não vai dá bom! Vai dar ruim, vai ter um atrito ali...

São pouquíssimas pessoas que usam drogas e ficam legais, ficam ok e consegue levar aquela *vibe* numa boa. São poucas pessoas, não são todas as pessoas.

P: É, eu também acho. Acho que essa é a problemática maior.

Não sou antidroga, até porque..., mas acho que tem esse lance!

D: Eu não sou antidroga! Acho que deveria ter... Assim como deve ter uma discussão sobre a prostituição, deve haver uma discussão sobre as drogas também! Porque a gente pega países onde o *trem* é legalizado, entendeu? Você vai usar uma heroína, tem um lugar pra você usar e tem uma seringa limpa ali pra você usar né?

P: Sim, é uma questão de saúde pública, né?

D: Exatamente! Se trata de saúde pública, porque aquele cara se ele ficar usando aquela seringa com um monte de gente, ele vai passar doença pra outras pessoas, infectar outras pessoas com alguma doença... E isso não é legal, e isso é um problema do governo! Que é uma discussão que eu acho que vai demorar muito tempo pra gente ter aqui no Brasil.

P: Também acho! A gente é muito conservador, né... Infelizmente

D: É muito louco. Num país onde existe a banheira do Gugu, cara (risos)

P: (risos) Pois é!!

D: Qual é a ideia? Pornografia aquilo... chanchada, gente...

P: Mas não é pornografia, imagina... (ironia) Pornografia, gente? Claro que não! É muito doido né...

Acho que a última pergunta... aí pera que eu esqueci... Ah, lembrei: o discurso nos anos cinquenta, da prostituição, era que ela era um mal necessário. Ou seja, ela tinha que acontecer, porque pra elas ela sustentava a família tradicional – sem a prostituição a família tradicional não existiria – porque os homens afinal, precisavam liberar os seus desejos sexuais... E eu acho que isso tá muito presente hoje, que que cê acha?

D: Eu acho que ainda tá presente, né. A prostituição é uma manutenção do casamento. Porque se o cara é um cara que ele tem desejos diferentes, ele não quer dividir no casamento dele, porque ele não quer a mulher dele tenha aquele mesmo pensamento promíscuo, ele quer que a mulher dele esteja numa redoma, seja uma santa, e não tenha desejos sexuais a menos que ele queira! E não pode passar do papai e mamãe. Porque se ela ficar de quatro ela é puta, se ela chupar um pau ela é puta, se ela falar que ela quer outro parceiro ela é puta!

P: Maior tristeza da vida!

D: A gente continua nesse lugar dos anos cinquenta, é retrógrado pra caramba!

A gente continua nesse lugar, né, onde a prostituição é a manutenção do casamento, porque o cara ele não vai falar pra esposa dele assim “aí, como o meu cu”, ele não vai falar pra mulher dele! Ele vai achar que ele vai perder o respeito dele dentro da casa dele e ele vai procurar outras formas de satisfazer esse desejo, e a melhor forma é o sexo pago porque ele vai ali ele paga, e ele nunca mais vai ver a menina... ou ele pode até continuar a ser cliente dela, mas eles não têm nenhum vínculo, né! Ele não precisa prestar contas do que ele faz, do que ele deixa de fazer... se ele vai voltar, se ele não vai, ele não precisa prestar contas então a prostituição traz essa facilidade pra manutenção do casamento. Continuamos nesse ponto.

P: Olha só! A maior parte dos seus clientes são casados?

D: Sim, casados, noivos, namoram... São muito poucos que são solteiros. E muitos idosos (risos)

P: É verdade? (risos)

D: Sim, sim... Inclusive adoro! (risos)

P: Sério que você gosta? (risos)

D: Sério. Eu acho que eles são os clientes mais legais assim, porque eles são bem mais respeitosos do que os clientes mais novos... eu acho cara novo muito, sabe, desrespeito mesmo. Cara que ele é mais velho ele vai lá, ele paga entendeu, não vai ficar te enchendo o saco “aí, diminui o valor pra mim?” Ele não vai fazer isso, só se ele for um velho muito tranqueiro mesmo... (risos)

P: Ah legal, acho que é isso Duda.

Adorei nossa conversa...

D: Que bom! Eu espero que seja muito proveitoso pra você!

P: Vai ser!!!! Foi ótimo!

Espero poder continuar em contato com você também, se você deixar.

D: Sim... você tá me seguindo no insta né?

P: Sigo, sigo...

D: Eu vou te seguir... eu não sei se eu to te seguindo de volta, mas se eu não tiver eu vou te seguir. Vai acontecer aos poucos tá... porque inclusive eu tenho que fazer uma notinha lá nas minhas redes sociais, porque eu tô num momento onde eu não estou conseguindo fazer a manutenção das minhas redes... tá tipo tudo muito complicado. Pra você ter uma noção minha amiga tá fazendo a unha, eu acabei de fazer minha unha, eu fui na caixa econômica, eu fui no mercado, daqui eu vou pra boate, da boate eu me arrumo e dessa eu vou ficar até quatro horas da manhã.

Essa noite eu dormi duas horas, eu não dormi ainda.

P: Correria...

D: E não vou dormir... Só durmo de madrugada agora!

P: Você trabalha de que horas a que horas na boate?

D: São das seis da tarde às quatro da manhã..., mas é assim, como é pouco movimento, então dentro desse período a gente tem momentos de descanso tranquilamente... não é um ambiente pesado, né, é um ambiente gostoso. Eu gosto muito do ambiente da boate, quando é uma boate boa...

P: É você fica lá ouvindo um som...

D: É, conversa... Joga conversa fora, assisti BBB, sabe sei lá, vai ler um livro... faz qualquer coisa.

P: Gostoso!

D: É um ambiente gostoso, né... é um ambiente legal, é um ambiente que eu gosto!

P: Ah, que legal Brigada, Duda!!! Você é muito legal. Adorei!

D: Eu também, eu adorei essa entrevista com você, de verdade mesmo!

P: Ah que lindo!

D: Quando seu rolê acabar e tiver pronto me chama pra eu ver, tá? Pra eu ver o resultado final... Eu vou adorar, tá bom?

P: Pode deixar que eu te mostro. Obrigada viu, Duda. Bom trabalho já já...

D: Obrigada!